

# Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlich

Folge 11

São Paulo, 15. März 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

## “A Finlândia perde e Hitler ganha”

### A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XXVII

kt. — Não deve ter escapado á attenção dos leitores desta columna, que, a cada mentira e calúnia aqui expostas á luz, foi citado o nome do respectivo autor ou divulgador. Se neste particular fazemos hoje uma excepção, isso se dá devido ao facto de certos manipuladores de veneno preferiram manter-se na obscuridade de um anonymato seguro, apesar do que se servem, ha mezes já, todos os domingos, das paginas de um conceituado matutino local. Estamos convenidos de que a redacção da referida folha não sabe a que especie de diffamação ella dá apoio com isso, uma vez que não lhe é dado supervisar daqui, claramente, a situação dominante na Europa. O que é certo, porém, é que essas amplas e fartamente illustradas reportagens, quasi sempre anonymas, vêm, mais ou menos directamente, do estrangeiro, pois de quando em vez apparecem, imprudentemente, um nome ou outro rastro qualquer, por exemplo em cartas geographicas em que se assignalam a Alemanha como Germany e a Italia como Italy. Isso indica, indubitavelmente, a fonte ingleza.

Trata-se de artigos que se occupam de personalidades conhecidas e de questões contemporaneas que todas se relacionam com a guerra europea, mas são redigidas de modo tal, que toda a luz jorra sobre as potencias occidentaes e toda sombra — e que sombra! — envolve a Alemanha e outros Estados totalitarios. O marechal de campo inglez visconde Gort, só para citarmos um nome, é tratado com toda sympathia e apresentado como illustre rebento de antiga nobreza ingleza, esportista e caçador admiravel e, sobretudo, soldado e cabo de guerra insuperavel. Não se lhe dispute o elogio, tanto mais quanto ainda não se lhe offereceu oportunidade de pôr á prova sua capacidade na frente occidental. Em contraste com isso, porém, que creatura abjecta deve ser, por exemplo, Himmler, o chefe supremo da SS, vingativo, falso, traçoeiro e cruél (15. 10. 39). Ou o sr. von Papen, um conspirador machiavellico, agente provocador, espião e cúmplice de assassinos (29. 10. 39)! Quando esses autores estrangeiros, cujo nome em geral não se cita, se metterem a falar de homens e de instituições allemãs, o mundo fica sabendo que a „Austria geme sob o jugo estrangeiro“, que „a cruz gammada manifesta a intenção de conquistar o valle inteiro do danubio“, que „os dirigentes nazistas erigem uma pseudo-cultura“, que „as fontes da moral vêm sendo envenenadas“ por um Estado, cuja „cultura é um toxico“, e que „nenhum esforço é demais para pôr um limite a esse regime e acabar com as suas perniciosas actividades, uma vez que o mesmo se acha „carregado de odio pela verdadeira civilização“. E' o que se pôde ler em 29. 10. 39.

As investidas mais violentas se voltam, naturalmente, contra o chefe do governo allemão. Assim um desses desconhecidos nos conta, por exemplo, em 10. 3., que Hitler teria tomado Frederico o Grande como exemplo, mas, significativamente, não o grande cosmopolita Frederico, o homem culto e tolerante em sentido nacional e religioso, que não atormentava nem saqueava os judeus, que patrocinava uma injustiça imparcial, que erigiu escolas e cultivou terras desertas, que, embora fosse um despota, era ao menos um illuminado e se chamava o primeiro servidor do Estado. Não teria sido esse Frederico que Hitler tomou por modelo, esse Frederico teria olhado para as iniciativas do Führer com desgosto e hostilidade, pois este faz tudo ao contrario. Hitler emularia com o grande Frederico, não para lhe copiar as virtudes mas sim, apenas os crros. E ouça-se esta: Frederico rompeu tratados solennes, assaltou, cynica e atrocemente, paizes estranhos. Sua noção de moralidade internacional foi abominavel. Em relação á Polonia, elle commetteu um terrivel crime. Sua herança é o prussianismo, isto é, a perfidia systematica e o culto da crueldade armada, graças ao que desenvolveu uma força não menos detestavel que a que hoje vem sendo organizada por um homem nascido na Austria.

O odio que porça nessas e em outras exteriorizações é tão profundo, e o atrevimento com que se adulteram os acontecimentos contemporaneos e do passado é tão grande, que se deve considerar o autor occulto um representante particularmente habil e compe-

### Espera-se, em Londres e Paris, uma offensiva de paz da parte dos Estados Unidos

Nova York, 14. (T.-O., Agencia Allemã). — Sob o titulo „A Finlândia perde e Hitler ganha“, o „New York World Telegram“ escreve:

„O tratado de paz russo-finlandez vibra um golpe de morte no prestigio das potencias aliadas, uma vez que faz definitivamente gorar suas esperanças de dilatar o campo de batalha, pondo em luta toda a Europa do Norte.

Emquanto isso, o que se vê é que a Alemanha tem agora completamente livres suas vias de comunicação com a Russia, através da Suecia. Assistimos pois ao espectáculo inedito de uma nação „bloqueada“ que pôde perfeitamente abastecer-se e abastecer relativamente ao resto do mundo“.

O „New York Daily Mirror“, por sua vez, acentua, que os aliados, após a decepção da Finlândia, não mais podem falar aos Estados Unidos sobre a guerra para salvar a Democracia.

Milão, 14. (T.-O., Agencia Allemã). — Os correspondentes em Londres e Paris de alguns jornaes italianos afirmam que em ambas as capitales occidentaes, espera-se uma offensiva de paz da parte dos Estados Unidos, entrosando esse acontecimento com a viagem do Sub-Secretario Summer Welles.

Diz a „Gazetta del Popolo“ que apesar da linguagem incoherente, insinuam alguns matutinos britanicos, de modo muito claro, a possibilidade de vierem essas propostas de paz de Washington, após o regresso de Summer Welles á sua patria. Identicos boatos estariam correndo nos circulos politicos francezes.

New York, 14. (T.-O.) — Unter der Ueberschrift „Finland verliert und Hitler gewinnt“ schreibt „New York World Telegram“: „Der russisch-finnische Friedensvertrag führt gegen das Prestige der alliierten Mächte einen Todesstreich, indem er ihre Hoffnungen auf eine Ausweitung des Kriegsschauplatzes auf ganz Nordeuropa endgültig zunichte macht. Man muss feststellen, dass Deutschlands Verbindungswege mit Russland über Schweden jetzt vollkommen frei sind. Wir erleben also das noch nie dagewesene Schauspiel, dass eine „blockierte“ Nation vollkommen versorgt werden kann und ihrerseits die übrige Welt verhältnismässig gut zu beliefern imstande ist.“

Der „New York Daily Mirror“ fügt hinzu, dass die Alliierten nach der Enttäuschung in Finnland nicht mehr von der „Rettung der Demokratie“ durch diesen Krieg zu den Vereinigten Staaten sprechen können.

Milano, 14. (T.-O.) — Wie die Korrespondenten einiger italienischer Zeitungen in London und Paris versichern, erwartet man in beiden Hauptstädten der Westmächte eine Friedensoffensive der Vereinigten Staaten, indem man dieses Ereignis mit der Reise des Unterstaatssekretärs Summer Welles verbindet. „Gazetta del Popolo“ sagt, dass trotz ihrer zusammenhanglosen Ausdrucksweise einige britische Morgenblätter ziemlich klar die Möglichkeit andeuten, dass solche Friedensvorschläge aus Washington kommen könnten, wenn Summer Welles wieder zu Hause ist. Ähnliche Gerüchte vernimmt man in politischen Kreisen Frankreichs.

### Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XXVII.

kt. — Den Lesern dieser Spalte wird nicht entgangen sein, dass bei jeder Lüge und Verleumdung, die hier zur Behandlung stand, der Name des Urhebers oder Verbreiters erwähnt wurde. Wenn wir heute eine Ausnahme machen, so geschieht es, weil gewisse Giftmischer vorziehen, im Dunkel einer sicheren Namenlosigkeit zu bleiben und dennoch seit Monaten jeden Sonntag sich eines geachteten hiesigen Morgenblattes bedienen. Wir sind überzeugt, dass die Schriftleitung des Blattes nicht weiss, welchen niedrigen Verunglimpfungen sie Vorschub leistet, da sie die europäischen Verhältnisse von hier aus nicht klar genug überblicken kann. Es steht aber fest, dass diese umfangreichen und zugkräftig illustrierten, fast immer anonymen Abhandlungen mehr oder weniger unmittelbar aus dem Auslande kommen, denn gelegentlich zeigt sich unvorsichtigerweise ein Name oder ein Pferdefuß, z. B. bei Karten, in denen Deutschland mit Germany und Italien mit Italy bezeichnet sind. Das deutet zweifellos auf englische Urheberschaft.

Diese Artikel behandeln bekannte Persönlichkeiten und Gegenwartsfragen, die alle mit dem europäischen Krieg in Beziehung stehen, doch immer so, dass alles Licht auf die Westmächte und aller Schatten — und was für ein Schatten! — auf Deutschland und andere totalitäre Staaten fällt. Der englische Feldmarschall Viscount Gort wird, um nur einige Namen herauszugreifen, mit voller Sympathie behandelt, als tüchtiger Spross altenglischen Adels, bewundernswerter Sportmann und Jäger und vor allem als unübertrefflicher Soldat und Heerführer. Das Lob sei ihm gegönnt, zumal ihm bisher die Gelegenheit fehlte, sein Können an der Westfront unter Beweis zu stellen. Was für eine verabscheuungswürdige Kreatur muss dagegen aber etwa Himmler sein, der oberste Befehlshaber der SS, rachsüchtig, falsch, verätherisch und grausam (15. 10. 39). Oder Herr von Papen, ein machiavelistischer Verschwörer, Agent-Provokateur, Spion und Helfershelfer von Mördern (29. 10. 39)! Wenn die, meist ungenannten, ausländischen Verfasser auf deutsche Männer und Einrichtungen zu sprechen kommen, dann „stöhnt Oesterreich unter dem fremden Joch“, dann will das „Hakenkreuz das ganze Donauland erobern“, dann „bauen die nazistischen Führer eine Pseudokultur auf“, dann „werden die Quellen der Moral vergiftet“, von einem Staat, dessen „Kultur Gift“ ist, und „keine Anstrengung darf zu gross sein, um diesem Regime eine Grenze zu setzen und mit seinem verderblichen Wirken Schluss zu machen“, denn es ist ja „von Hass gegen die wahre Zivilisation erfüllt“. So zu lesen am 29. 10. 39.

Die stärksten Ausfälle zielen selbstverständlich auf das deutsche Staatsoberhaupt selbst. Da weiss ein Ungenannter z. B. am 10. 3. zu erzählen, dass Hitler sich Friedrich den Grossen zum Vorbild genommen habe, aber bezeichnenderweise nicht den grossen Kosmopoliten Friedrich, den Mann von Kultur, der in nationaler und religiöser Beziehung tolerant war, der die Juden weder quälte noch ausplünderte, der für eine unparteiische Rechtsprechung sorgte, Schulen errichtete und Oedland kultivierte, der wohl ein Despot, aber doch wenigstens ein Aufgeklärter war und sich den ersten Diener des Staates nannte. Nein, diesen Friedrich hat Hitler sich nicht zum Vorbild genommen; von diesem wäre der Führer mit Ver-

## Schläge — nichts als Schläge

Bittere Enttäuschungen für die Briten — Rußland und Finnland schließen Frieden — Rom-Besuch von Ribbentrops unterstreicht Festigkeit der Achsenpolitik — England gibt italienische Kohlenfahrer frei

Die vor einer Woche betonte Voraussage, dass der März entscheidende Ereignisse bringen würde, ist bereits erfüllt worden. Am vergangenen Freitag hörte die Welt von der Abreise einer finnischen Abordnung nach Moskau zwecks Friedensverhandlungen. Am letzten Dienstagabend vernahm man bereits, dass der Krieg zwischen Finnland und Russland beendet wurde. Gleichzeitig ist ein Friedensvertrag unterzeichnet worden, welcher für Finnland mit einigen Opfern verbunden ist, aber die Unabhängigkeit des Landes und seiner tapferen Bewohner wahr. Der heutige Zeitpunkt ist nicht geeignet, um Gewinne und Verluste der einen und der anderen Seite mit dem Masstab politischer Spitzfindigkeiten zu messen. Man darf die grundsätzliche Bedeutung dieses Friedens für den europäischen „Hauptkrieg“ — um uns einer amerikanischen Prägung für die gegenwärtige Auseinandersetzung zu bedienen — niemals ausser acht lassen. 104 Tage lang ist in diesem grimmigen Winter am nördlichen Polarkreis das Blut vieler Zehntausend Männer geflossen, haben Schnee und Eis ihre erstarrten Leiber zugedeckt, sind die russischen

Truppen schliesslich Schritt für Schritt in die stark befestigten Stellungen der Finnen auf der Karelischen Landenge eingedrungen und drohte dem ganzen Norden Europas eine Katastrophe ohnegleichen. Warum? Von wem? Zu wessen Nutzen? Die Finnländer hatten im vergangenen Herbst im Gegensatz zu den übrigen baltischen Staaten eine Einigung mit Russland abgelehnt. Sie liessen sich von England und Frankreich zu dem schwersten Waffengang ihrer Geschichte aufstacheln. Sie vertrauten auf die schönen Worte von Hilfsbereitschaft, Menschlichkeit und Brüderlichkeit, sie appellierten viele Male an das Gewissen jener, für die sie die heissen Kastanien aus dem Feuer holten, um nach mehr als dreimonatigem Widerstand enttäuscht festzustellen, dass sie diesen titanischen Kampf in Wirklichkeit allein auszufechten hatten und dass es zwecklos sei, diesen Krieg weiterzuführen. Klingt es da nicht wie Spott und Hohn, dass Herr Chamberlain noch am Montag und Herr Daladier gar erst am Dienstag bekanntgaben, welche Truppenkontingente und militärische Unterstützung sie zum Transport nach (Schluss auf Seite 2)

tente da „verdadeira civilização“ por elle defendida. Oxalá encontrem elle e sua civilização a felicidade que ambos merecem. Quanto a nós, rejubilarmos-nos-iamos, se nossa prezada collega submettesse taes artigos, de futuro, antes de dal-os á publicidade, para o respectivo exame, a um hom conhecedor dos assumptos europeus.

As sympathias e antipathias se manifestam esta guerra; tambem em paizes neutros, mais accentuadamente que em outros tempos. E isso devido ao facto de que esta guerra provoca uma revolução do pensamento, como nenhum outro conflicto armado desde as guer-

ras da reforma e das conturbações napoleonicas. E' justamente ahi que reside sua significação. Não importa que, neste particular, nos colloquemos do lado da vellice ou da juventude. E' indifferente. Só o desfecho da luta: é que decidirá sobre a justiça ou injustiça, dentro do espirito da vasta evolução historica; por conseguinte, a decisão dependerá de uma hora ainda por vir. Sobre a lisura das armas, mesmo das assim chamadas armas espirituas, que são sorrateira e clandestinamente introduzidas em terreno neutro, decide porém, já hoje, todo aquelle que sabe discernir e está bem ao par das cousas.

achtung, Abscheu, als Feind behandelt werden, denn er tut ja in allem das Gegenteil. Er eifert dem grossen Friedrich nicht um seiner Tugenden willen nach, sondern nur in seinen Fehlern, und nun höre man: Friedrich hat feierliche Verträge gebrochen, hat fremde Länder in zynischer Weise und freventlich überfallen, seine Auffassung vom internationalen Recht war verabscheuungswürdig, Polen gegenüber hat er ein schreckliches Verbrechen begangen, seine Erbschaft ist das Preussentum, d. h. die systematische Perfidie und der Kult der bewaffneten Grausamkeit, wodurch er eine nicht weniger verabscheuungswürdige Kraft entfaltet als die ist, die heute ein in Oesterreich geborener Mann organisiert.

Der Hass, der sich in diesen und anderen Ausführungen offenbart, ist so abgrundtief, und die Dreistigkeit, mit der geschichtliches und gegenwärtiges Geschehen gefälscht werden, so gross, dass man den ungenannten Verfasser schon als einen ganz besonders tüchtigen Vertreter der von ihm verteidigten „wahren Zivilisation“ betrachten muss. Möge er samt seiner Zivilisation das Glück finden, das beide verdienen. Uns würde aber ausserdem freuen, wenn unsere geschätzte Kollegin derartige Artikel künftig vor der Veröffentlichung einem guten Kenner der europäischen Verhältnisse zur Prüfung vorlegte.

Zuneigungen und Abneigungen werden in diesem Kriege auch in neutralen Ländern stärker betont als jemals zuvor. Denn dieser Krieg bringt eine Revolution des Denkens mit sich, wie kein Waffengang seit den Reformationskriegen und den napoleonischen Wirren. Darin liegt ja seine Bedeutung. Man mag sich hier also dabei auf die Seite des Alters oder der Jugend stellen. Gleichviel. Ueber Recht oder Unrecht im Sinne der grossen geschichtlichen Entwicklung entscheidet allein der Ausgang des Kampfes, also eine spätere Stunde. Ueber die Sauberkeit der Waffen aber, auch der sogenannten geistigen, heimlich in neutrales Gebiet eingeschmuggelt, entscheidet schon heute jeder, der um die Dinge weiss.

## Die Flucht der „Queen Elizabeth“

Den deutschen U-Booten ein Schnippen geschlagen. Die Ueberquerung des Nordatlantik durch das grösste Schiff der Welt, mitten im Kriege, erweckt lebhafteste Begeisterung in Kanada. Eine wahrhaft kühne Tat, die überzeugend beweist, dass Grossbritannien wirklich die absolute Herrin der Meere ist. — So gab Havas am 7. 3. die Fahrt des 86.000-Tonnen-Schiffes von England nach Nordamerika bekannt. Nur schade, dass der Wein so schnell verwässert wurde. Das Schiff hat nämlich keine normale Fahrt durchgeführt, sondern wurde in aller Heimlichkeit, noch nicht fertig ausgebaut, unter Verzicht auf die üblichen Probefahrten und unter starker Bedeckung durch Kriegsschiffe nach Nordamerika geschafft (U. P., 8. 3.). Im New Yorker Hafen liegt die „Queen Elizabeth“ neben der „Queen Mary“, der „Mauretania“, der „Normandie“ und der „Isle de France“, die seit Kriegsbeginn noch keine Fahrt gewagt haben. Es sind die grössten englischen und französischen Schiffe, an die 400.000 Tonnen unbenutzten Schiffsraumes. Und unbenutzt oder versenkt, das kommt für die Deutschen bei ihrer Gegenblockade bekanntlich fast auf dasselbe hinaus.

## Belgischer Flieger abgeschossen

Wenn ein belgischer Jäger in Verteidigung der Neutralität seines Landes abgeschlossen wird und der Flieger den Tod findet, so ist das gewiss bedauerlich. Wenn aber der deutsche Flieger nachweist, dass er über französischem Boden zu sein und in dem englischen Hurricane-Apparat einen englischen Gegner vor sich zu haben glaubte, wenn die deutsche Regierung sich wegen dieses Irrtums entschuldigt und Schadenersatz zusagt, so ist die Sache nach internationalem Brauch erledigt — sollte man annehmen. Sie ist es auch, aber nicht für die Kriegshetzer, die Belgien gern in ihren Krieg verwickeln möchten. Den Beweis führt „Havas“ am 3. und 4. 3., indem sie mehrere überbeilte Entüstungsausbrüche sammelt, weiter gibt und selbst dabei ins Feuer bläst: „Eine unqualifizierbare Tat“, die „einem vorbedachten Mord gleichkommt“, „feige“, „unerhört gewalttätiger Angriff“ usw. So lautet es da. Man möchte fast an eine echte sittliche Entüstung glauben, wenn nicht anschliessend versichert würde, dass England und Frankreich sofort herbeizutreten, zum Schutze Belgiens einzutreten, wenn Belgien es wünschen sollte. Belgien verfüge ja über die Garantien der Westmächte und brauche nur ein Wort zu sagen. — Allerdings, es verfügt über die Ga-

# Golpes e mais Golpes

**Amargas desilusões para os bretões — A Russia e a Finlândia fazem as pazes — A visita de von Ribbentrop a Roma reforça a solidez da política do eixo — A Inglaterra abre mão dos navios carvoeiros italianos**

Realizou-se o vaticínio, que accentuámos ha uma semana, de que o mez de março traria acontecimentos decisivos. Na sexta-feira da semana passada, o mundo soube da partida de uma delegação finlandeza para Moscou, afim de entabular negociações de paz. Na tarde da ultima terça-feira, correram noticias de que a guerra entre a Finlândia e a Russia havia terminado. Foi firmado, simultaneamente, um tratado de paz que encerra para a Finlândia alguns sacrificios, mas que lhe garante a independencia do paiz e dos seus bravos habitantes. A época actual não é propicia para se avaliarem os lucros e as perdas de uma parte e de outro pela escala de subtilidades politicas. Não devemos jamais perder de vista a significação fundamental desta paz para a „guerra europea principal“ — para nos servirmos de uma expressão norte-americana que designe a actual contenda. Durante 104 longos dias, neste inverno rigoroso, no circulo polar septentrional, correu o sangue de muitas dezenas de milhares de homens; a neve e o gelo cobriram seus corpos inanimados e enrijados; as tropas russas penetraram, finalmente, passo a passo, nas posições cuidadosamente fortificadas dos finlandezes no istmo de Carelia; e todo o norte da Europa se viu ameaçado de uma catastrophe sem par. Por que? Por quem? Para proveito de quem? No outommo do anno passado, os finlandezes se recusaram, ao contrario do que fizeram os demais Estados balticos, a entrar num accordo com a Russia. Consentiram em que a Inglaterra e a França os instigassem para o mais penoso conflicto armado de sua historia. Confiaram nas bellas palavras de apoio, humanidade e fraternidade; appellaram innumeras vezes para a consciencia daquelles em beneficio de quem estavam safando as castanhas quentes do fogo, para, ao cabo de uma resistencia de mais de tres mezes, constatarem, que, na realidade, tinham de ferir sósinhos esta peleja titanica e que não havia conveniência alguma em levar adiante esta guerra. Não sóa acaso como zombaria e escarneio, quando o sr. Chamberlain informa, na segunda-feira passada, e o sr. Daladier, no dia seguinte, que se achavam preparados e promptos para partir para a Finlândia tantos e tantos contingentes de tropas, bem como auxilios militares prestes a serem transportados? Acrescentaram, que bastaria que a Finlândia manifestasse um desejo nesse sentido. Todo o problema tóparia com uma unica difficuldade que consistia na obstinação da Noruega e Suecia em permitir a passagem aos aliados. Este addendo devia equivaler a uma excusa ou então provar, que para Londres e Paris não havia, afinal de contas, nenhuma outra sahida, no caso da Finlândia, senão arrastar a Escandinavia á guerra. Ao invés disso, as potencias occidentaes têm de engulir agora a pilula amarga do entendimento russo-finlandez. Com isso desvanee, outrosim, o sonho de um ataque á Alemanha pelo norte. Hoje já se respira desafogadamente em Stockholmo, cujo governo serviu de mediario entre os belligerantes, em Oslo e Copenhagen. Terminou para esses pequenos Estados neutros o pesadelo de que inglezes e francezes poderiam chocar-se na Escandinavia com allemães e russos. Foram identificados e desmascarados os verdadeiros atizadores de povos. Também no norte da Eu-

ropia começa agora o degelo e com isso vão agua abaixo os planos e as esperanças britannicas.

Haverá ainda necessidade de assignalar, em particular, que o aparelho de propaganda dos bretões e francezes emperrou de novo, fatalmente, em face de um golpe tão tremendo? Seus servidores retorem-se quaes enguias, afim de se safarem de junto deste linhar da victoria allemã. Reconhecem elles, que os aliados dispõem agora apenas ainda de um ponto onde poderão applicar sua fragil alavanca. Uma vez que o septentrião europeu não mais entra em jogo como tablado para seu imperialismo irreflectido, resta-lhes ainda o Oriente Proximo, a Turquia, Syria e Palestina como campo de acção. Ahi se esquecem, sem duvida, de que a Russia saberá defender seus interesses e suas fronteiras também no Caucaso e junto ao Mar Negro. Nisso também não levam em devida conta a posição da Italia no Mar Mediterraneo. Verdade é que os bretões saltaram, ainda durante a viagem do ministro das Relações Exteriores do Reich a Roma, no fim da semana transacta, 13 navios carvoeiros italianos que haviam sequestrado. Com este golpe, porém, que elles desferiram em si proprios, não abalaram a politica do eixo, mas solaparam mais ainda seu prestigio de grande potencia. A visita de von Ribbentrop a Roma, suas minuciosas conversações com o Duce, com o ministro do Exterior italiano conde Ciano e com o Papa Pio XII, tornaram de tal forma nervosos os homens responsaveis pelos destinos da Inglaterra e da França, que estes deixaram escapar a oportunidade de interferir nas negociações de paz em Moscou, afim de embaraçar-as. Tanto maior foi, porém, o esforço dos seus agentes que espallaram os boatos mais absurdos em torno dos assumptos tratados nesses encontros. O mais interessante nisso é que celebram mesmo como uma victoria a affirmação da imprensa italiana, segundo a qual a Italia continuaria firme na sua neutralidade armada, não permitindo que occorresse alguma lhe tire a iniciativa de suas acções. De resto, o sub-secretario de Estado norte-americano Summer Welles, que acaba de ouvir in loco também o parecer dos francezes e dos inglezes sobre a guerra provocada pelas potencias occidentaes, partirá de regresso aos Estados Unidos na proxima terça-feira, embarcando em Napoles. Não se acha excluida a hypothese de lhe serem fornecidos ainda alguns indicios por Mussolini, na hora da despedida, que lhe poderão ser uteis ao apresentar o seu relato ao presidente Roosevelt, em Washington, se é que não tenham poder, decisivo. A propaganda britannica e franceza poderá tentar interpretar, até que a attinja o proximo golpe que será sentido, mais que todos os golpes precedentes, também pelos seus homens occultos nos bastidores, a informação official referente á visita do ministro dos Negocios Estrangeiros da Alemanha a Roma, a qual reza: „Em presença do conde Ciano e do embaixador allemão, sr. von Mackensen, o Duce recebeu o sr. von Ribbentrop, com quem manteve uma condial entrevista que durou hora e meia. Nesse encontro foi examinada a situação internacional. A conversação manteve-se dentro do espirito da aliança e dos demais accordos existentes entre ambos os paizes.“

## Erfundene Seeschlacht

Ohne Zweifel, die Seeschlacht hat nicht stattgefunden, sie war erfunden. Der Vertreter der „New York Times“ in Montevideo meldete sie nach Newyork, Reuter gab die Nachricht weiter, ebenso Havas, und von London aus erfuh am 2. 3. alle Welt davon: „Grosse Seeschlacht zwischen deutschen und englisch-französischen Einheiten, östlich von Kap Polonio, 200 Meilen von der uruguayischen Küste entfernt auf dem 35. Grad südlicher Breite.“ „Grosse Ueberschriften, Aufregung, gutes Geschäft der Zeitungsjungen, und am Ende: Erfindung, Dementis, oder — zuverlässige Berichterstattung.

## In der Sicherheitszone

Auch die Nachrichten über den britischen Frachter „Southgate“, der innerhalb der amerikanischen Sicherheitszone von einem deutschen U-Boot angegriffen sein sollte, haben sich nunmehr endgültig als eine vorbedachte Fälschung erwiesen. Die Nachrichten sind hier in Brasilien durch United Press verbreitet worden und bewirkten einiges Aufsehen. Von deutscher Seite wurde festgestellt, 1. dass in der angegebenen Zone kein deutsches U-Boot sich aufhalte (T.-O., 4. 3.), 2. dass der Kapitän der „Southgate“ offenbar bewusst die Gemüter in Amerika habe beunruhigen wollen (T.-O., 6. 3.) und 3.

dass die Nachricht von der deutschfeindlichen Presse kritiklos aufgenommen und zur Hetze gegen Deutschland benutzt worden ist. (T.-O., 5. 3.)

## „Altmark“ und „Düsseldorf“

Als das englische Kriegsschiff „Cossack“ auf ausdrücklichen Befehl der Londoner Regierung einen schweren Bruch der norwegischen Neutralität beging, war die Empörung in den betroffenen Ländern Norwegen und Deutschland gleich gross. Auch die unbeteiligten Neutralen fanden — mit Ausnahme von wenigen, die den Engländer als ihren gottgegebenen Schutzherrn betrachten — nur Worte der Verurteilung eines solchen Vorgehens. Herr Churchill und Herr Chamberlain erklärten den Ueberfall für eine Heldentat, die sich den grossen Taten englischer Vergangenheit würdig anreihet (Parlamentsreden), und Herr Chamberlain entschuldigte ihn schliesslich als einen „technischen Neutralitätsbruch“. Im Mittelpunkt des Streites steht noch heute die Frage, ob ein neutrales Land den Transport von Kriegsgefangenen durch seine Hoheitsgewässer erlauben darf oder nicht. England verneint sie im Gegensatz zu Norwegen und Deutschland, d. h. es verneint sie heute! Vor 6 Wochen war es anderer Meinung, wie folgendes Havastelegramm vom 21. 1. beweist: „England hat heute einen grossen Sieg über Deutschland errungen. Panama beschloss, den Engländern den Deutschen von Appen auszuliefern, einen früheren Vertreter der Hamburg-Amerika-Linie, der an Bord der „Düsseldorf“ gefangen wurde und wieder geflohen war, um in Panama zu

(Schluss von Seite 1)

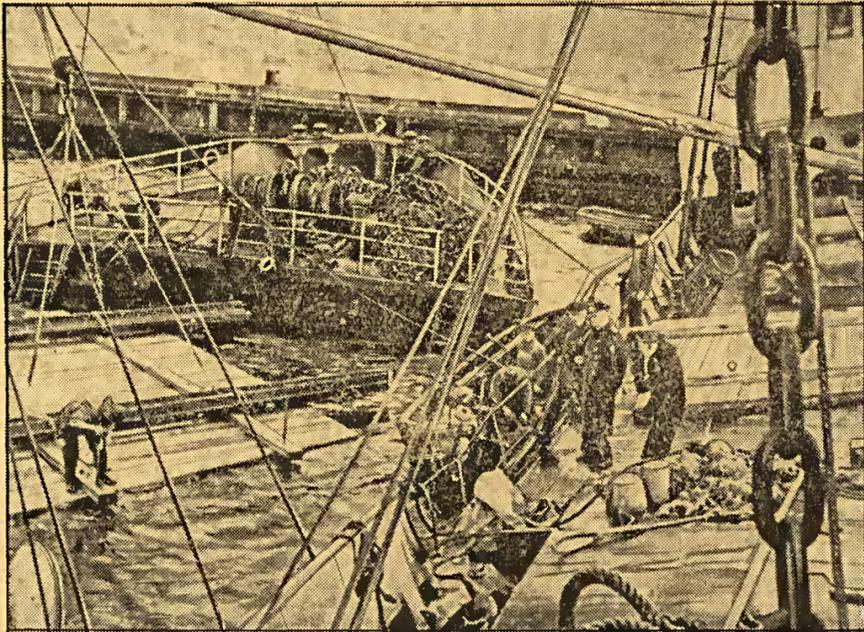
Finland bereitstehen haben? Finland brauche nur zu rufen, fügten sie hinzu. Das ganze Problem sei nur schwierig, weil Norwegen und Schweden sich hartnäckig gegen einen Durchmarsch der Alliierten sträubten. Dieser Zusatz sollte zur eigenen Entschuldigung dienen oder beweisen, dass es für London und Paris im Falle Finland zuletzt keinen anderen Ausweg mehr gab, als Skandinavien in den Krieg hineinzuziehen. Statt dessen müssen nun die Westmächte die bittere Pille der russisch-finnischen Verständigung schlucken. Damit ist auch der Traum der Reichsbedrohung von Norden her aus. In Stockholm, dessen Regierung den Vermittler zwischen den Kriegführenden spielte, in Oslo und Kopenhagen atmet man heute auf. Der Alldruck, dass Engländer und Franzosen in Skandinavien mit Deutschen und Russen zusammenstossen könnten, ist von diesen kleinen neutralen Staaten gewichen. Die wahren Völkerverletzer wurden erkannt und entlarvt. Auch in Nordeuropa beginnt der Schnee zu schmelzen und mit den Wassern schwimmen die britischen Felle fort.

Soll man noch besonders betonen, dass die Propagandaapparate der Briten und Franzosen angesichts eines so furchtbaren Schlags wieder einmal in ein verhängnisvolles Stocken geraten sind? Ihre Diener wunden sich wie die Aale, um sich an dieser Vorstufe des deutschen Sieges vorbeizudrücken. Sie erkennen, dass die Alliierten jetzt nur noch eine Stelle haben, an welcher sie ihren schwachen Hebel ansetzen können. Nachdem der Norden als Tanzdiel ihres bedenkenlosen Imperialismus ausfällt, ist ihnen nur der Nahe Osten, die Türkei, Syrien und Palästina als Betätigungsfeld geblieben. Dabei vergessen sie allerdings, dass Russland auch am Kaukasus und Schwarzen Meer seine Interessen und Grenzen zu schützen wagen wird. Dabei setzen sie auch viel zu wenig die italienische Mittelmeerstellung in Rechnung. Zwar gaben die Briten noch während der Wochenendreise des deutschen Reichsaussenministers nach Rom 13 beschlagnahmte italienische Kohlenschiffe frei. Aber mit diesem Schlag, den sie sich selbst versetzten, haben sie nicht die Achsenpolitik erschüttert, sondern ihr Prestige als Grossmacht weiter untergraben. Der Besuch von Ribbentrops in Rom, seine ausführlichen Besprechungen mit dem Duce, mit dem italienischen Aussenminister Graf Ciano und mit Pappst Pius XII. haben die Regierungsverantwortlichen in London und Paris derart nervös gemacht, dass sie sogar die Gelegenheit verpassten, in die Moskauer Friedensverhandlungen störend einzugreifen. Um so mehr bemühten sich ihre Agenturen, über den Inhalt der Unterredungen die unsinnigsten Gerüchte zu verbreiten. Dabei feiern sie sogar die Feststellung der italienischen Presse als Sieg, wonach Italien an seiner bewaffneten Neutralität festhält und sich das Gesetz des Handelns durch kein Ereignis entziehen lässt. Im übrigen wird der nordamerikanische Unterstaatssekretär Summer Welles, der jetzt auch die französische und britische Meinung über den von den Westmächten heraufbeschworenen Krieg an Ort und Stelle kennenlernte, am kommenden Dienstag von Neapel aus die Heimreise antreten. Es ist nicht ausgeschlossen, dass er von Mussolini noch einige Winke auf den Weg mitbekommt, die ihm bei seiner Berichterstattung in Washington beim Präsidenten Roosevelt dienlich, wenn nicht ausschlaggebend sein dürften. Die britische und französische Propaganda kann aber bis zum nächsten Schlag, der sie trifft und den auch ihre Hintermänner mehr als alle vorhergehenden Schläge spüren werden, die amtliche Mitteilung zu deuten versuchen, welche über den Rom-Besuch des Reichsaussenministers ausgegeben wurde und folgendermassen lautet:

„Der Duce empfing in Gegenwart des Grafen Ciano und des Botschafters von Mackensen den Reichsaussenminister des Auswärtigen von Ribbentrop zu einer herzlichen Unterhaltung, die eineinhalb Stunden dauerte. Die Unterredungen zwischen dem Duce und dem Reichsaussenminister hatten die Prüfung der internationalen Lage zum Gegenstand und verliefen im Geiste und im Rahmen des Bündnisvertrages und der zwischen Italien und Deutschland bestehenden Abkommen.“

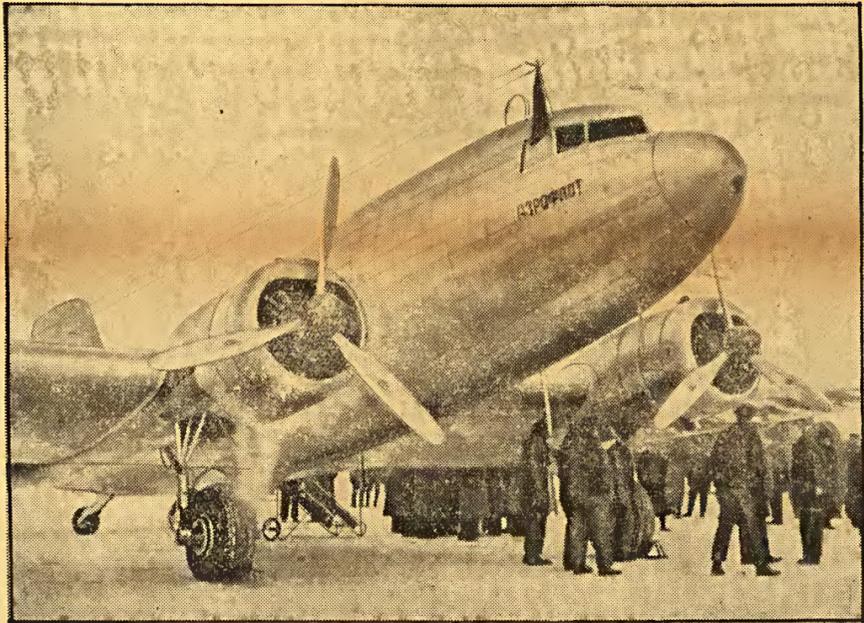
ep.  
bleiben.“ Also: Die Engländer haben das Recht, Gefangene durch neutrale Gewässer zu führen und sogar einen Flüchtling von einem neutralen Land zurückzuführen, und Havas berichtet der Welt von einem „grossen Sieg“ Englands! Einige Wochen später ist aus dem Recht ein Unrecht geworden, weil Engländer die Gefangenen sind!

Trabalhos de emersão de navios na entrada do porto de Gotenhafen (ex-Gdynia). Vemos aqui os preparativos para fazer emergir mais um dos muitos navios polonezes afundados. Trata-se do vapor polonez „Torun” que barra uma das entradas do porto de Gotenhafen. Só se vêem a chaminé e o aparelhamento do convés acima da flor da água. Para se poder bombar a água do interior do barco, colloca-se sobre a escotilha da frente uma plataforma de madeira com pesos de ferro.



Schiffshhebung in der Gotenhafener Einfahrt. Die Hebung eines weiteren der vielen versenkten polnischen Schiffe wird in Angriff genommen. Der polnische Dampfer „Torun” sperrt eine der Einfahrten des Gotenhafener Hafens. Nur Schornstein und Deckaufbauten ragen aus dem Wasser. Um das Schiff leerpumpen zu können, wird auf die vordere Luke eine hölzerne, mit Eisen beschwerte Plattform aufgesetzt.

Foi inaugurada a linha aérea Berlin-Moscou. Assistimos aqui á chegada do primeiro avião russo em Berlim, via Königsberg, o qual reinicia com este vôo de experiência a comunicação aérea entre Berlim e Moscou.



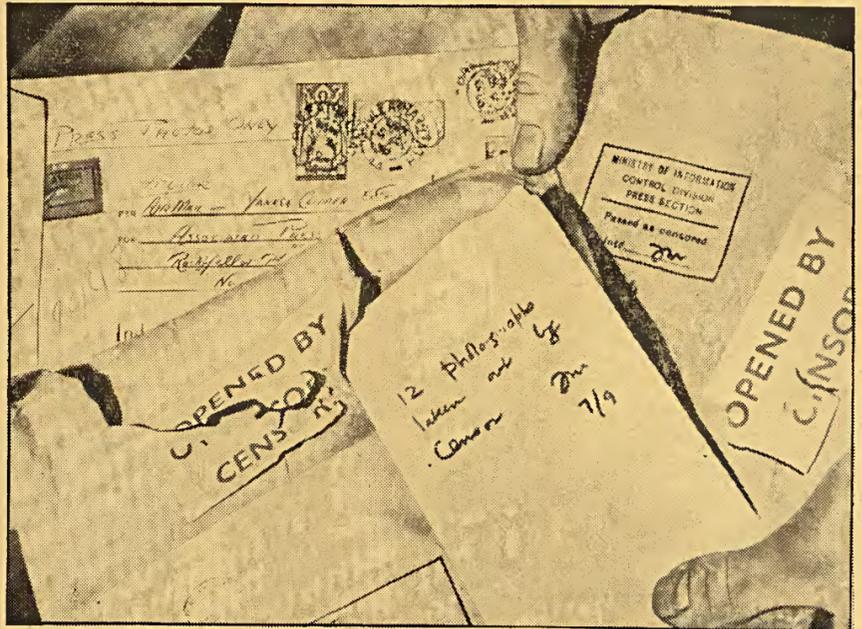
Luftweg Berlin-Moskau eröffnet. Die erste russische Maschine des wiederaufgenommenen Luftverkehrs zwischen Berlin und Moskau traf auf ihrem Probeflug über Königsberg in Berlin ein. Im Bilde die 21-sitzige Maschine nach ihrer Ankunft auf deutschem Boden.

O enterro das victimas do „Altmark” realizou-se no pequeno cemiterio da aldeia de Sogndal, na Noruega. Vêem-se, bém na frente, o capitão Dau, comandante do „Altmark”, e, á direita, fardado, o embaixador allemão em Oslo, Dr. Bräuer.



Die Beisetzung der Opfer der „Altmark” auf dem kleinen Dorffriedhof von Sogndal. Im Vordergrund Kapitän Dau von der „Altmark”. Rechts in Uniform der deutsche Gesandte in Oslo, Dr. Bräuer.

Os Estados Unidos protestaram em Londres contra a apreensão do correio. O secretario de Estado Hull declarou, que o governo dos Estados Unidos havia protestado energeticamente na Inglaterra por causa da retenção em alto mar de malas postaes norte-americanas. O clichê reproduz cartas e envelopes de photographias remetidos para os Estados Unidos de pajizes neutros. Dessas photographias foram subtrahidas 12 pelo censor inglez. Os envelopes trazem todos o carimbo „opened by censor” (aberto pela Censura).



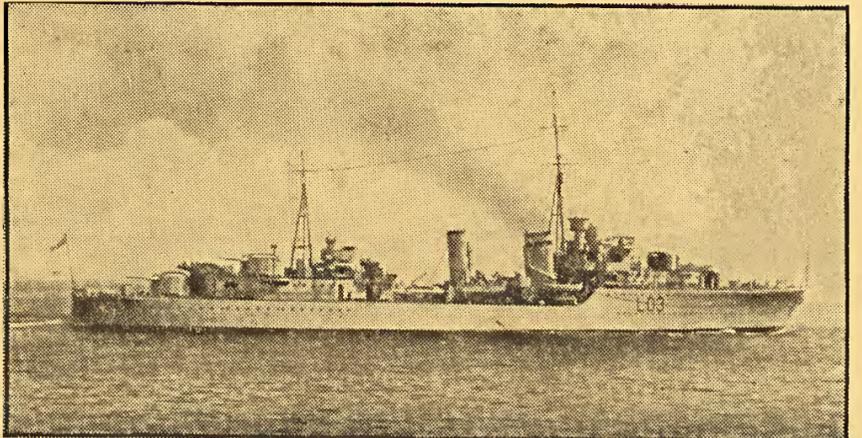
Gegen die Postbeschlagnahme legte Amerika in London Protest ein. Staatssekretär Hull teilte mit, dass die Regierung der Vereinigten Staaten in England wegen der Zurückhaltung der amerikanischen Post auf hoher See energisch protestiert habe. — Unser Bild zeigt neutrale Briefe und Bildsendungen vom neutralen Ausland nach den USA. Von den Bildsendungen sind sogar 12 Bilder vom britischen Zensor entwendet worden. Alle Sendungen tragen den Vermerk „Opened by Censor” (Durch den Zensor geöffnet).

Os prisioneiros „esfomeados” do „Altmark”. — Churchill procurou attenuar, com dados inventados, a abordagem ao navio desarmado do governo allemão „Altmark”, espalhando pelo mundo que os prisioneiros ingleses estavam sendo mais alimentados. Graças, porém, ás declarações dos proprios prisioneiros, bem como pelas informações dos officaes allemães do „Altmark”, segundo as quaes foi dada aos prisioneiros a mesma alimentação que á equipagem, desfez-se em nada tambem esta fabula churchilliana. A photographia reproduz a chegada dos prisioneiros do „Altmark” ao destroyer britannico „Cossack”. Seu aspecto e seu humor são um desmentido eloquentissimo da historia inventada pelo Primeiro Lord do Almirantado britannico.



Die „verhungerten” Gefangenen der „Altmark”. Mit erfundenen Angaben suchte Churchill den Ueberfall auf das unbewaffnete deutsche Regierungsschiff „Altmark” abzuschwächen, indem er die Nachricht von der mangelhaften Ernährung der Gefangenen verbreitete. Durch die Aussagen der Gefangenen selbst sowie durch die Bekanntgabe der deutschen „Altmark”-Offiziere, dass die Gefangenen die gleiche Verpflegung erhalten hätten wie die Besatzung, sind diese Churchillschen Erzählungen wieder einmal in ein Nichts zerflossen. — Unser Bild zeigt die Ankunft der „Altmark”-Gefangenen auf dem britischen Zerstörer „Cossack”. Ihr Aussehen und ihre Stimmung hat wenig Aehnlichkeit mit den angeblich Verhungerten des Ersten Lords.

O destroyer inglez „Cossack”, que abordou o vapor allemão „Altmark” no fjord norueguês de Joessing.



Der britische Zerstörer „Cossack”, der den deutschen Dampfer „Altmark” im norwegischen Jössingfjord überfiel.

# Rede des Bundespräsidenten

Der Chef der Nation, Dr. Getulio Vargas, bereist in diesen Tagen die brasilianischen Südstaaten. Er besuchte am Sonntag Blumenau, wo er von der Bevölkerung begeistert begrüßt wurde, und hielt bei einem ihm zu Ehren gegebenen Frühstück, an dem sechshundert Personen teilnahmen, folgende Ansprache:

„Ich kann nicht unterlassen, meine Ueber- raschung und meine Bewunderung auszudrücken bei dem Eindringen in ein Munizip wie Blumenau, das im Kern der Kolonialzone, und zwar einer derjenigen liegt, von denen man sagt, dass die portugiesische Sprache hier unbekannt wäre und dass die Gefühle der Brasilität hier kaum mehr vorhanden wären. Ich habe ganz das Entgegengesetzte empfunden. Ich habe überall eine spontane und flammende Begeisterung beobachtet, das Gefühl der brasilianischen Brüderlichkeit, die Liebe zu unserer Heimat, den glühenden Wunsch, unser Leben als Brasilianer zu leben.“

Von dieser Umwandlung, die niemand verdunkeln soll, bin ich überall Zeuge gewesen, sie hat sich sowohl bei den Männern, den alten und den kräftigen jungen, wie bei den Frauen und den Kindern gezeigt, ganz besonders bei den Kindern, die mich in fröhlichen Scharen umgeben haben und die, in der Tiefe ihrer blauen Augen und in ihren Mienen voller Liebe, ihre Gefühle ausströmen liessen, die in ihrer Seele leben, während ihre blonden Köpfchen in der Sonne einem reifen Weizenfeld gleichen.

Ich hatte den lebendigen Eindruck, dass die neue Generation Brasiliens hier zusammengefasst ist und in grossartiger Weise blüht. Dies Munizip ist eins der kleinsten des Staates, mit 1.000 und einigen Quadratkilometern Oberfläche, und es hat mehr als 50.000 Einwohner, seine Arbeiter-Bevölkerung zählt mehr als 12.000 Personen. Diese Produktionsfähigkeit und diese fortschrittliche Entwicklung beweisen augenscheinlich, wie sehr es mit seiner klugen Mitarbeit beiträgt zur Grösse des Landes. (Beifall.)

Vor neunzig Jahren kam im Itajaí-Tale die erste Kolonie deutscher Siedler an. Inmitten der unendlichen Urvälder wurden sie ihrem Schicksal überlassen. Sie schlugen den Wald nieder, bearbeiteten die Erde, säten und pflanzten, bauten ihre Häuser, schufen landwirtschaftliche Kulturen und errichteten das Gebäude ihres Wohlstandes. Man wird sagen, dass es viel kostete, sie unserer nationalen Gemeinschaft anzugliedern, dass sie unsere Sprache sprachen. Aber die Schuld hieran trifft nicht sie. Die Schuld war die der Regierungen, die sie allein im Walde liessen, in grossen Siedlungen, ohne Verkehrsverbindungen. Alles, was die Kolonisten ehemals erbaten, waren zweierlei Dinge, was ihnen zu ihrem Glück noch notwendig erschien; sie erbaten nur Schulen, Strassen — Strassen und Schulen. (Lebhafter Beifall — „Sehr gut!“) Strassen, damit die Produkte ihrer Arbeit den Verbrauchermärkten zugeführt werden könnten, damit sie die Sicherheit und das Vertrauen hätten, dass das, was sie erzeugten, nicht nachher ungenutzt liegen bliebe. Sie erbaten Strassen, damit sich durch ihre Vermittlung als Produkt ihrer Anstrengungen der Wohlstand ergäbe.

Sie erbaten Schulen, damit ihre, in Brasilien geborenen Kinder, die hier zum ersten Male verwundert die Augen dem Licht und der ersten Liebe des Lebens öffneten, danach trachteten, zur gleichen Zeit mit der sie umgebenden Natur und mit ihrer Umwelt bewusst in Uebereinstimmung zu kommen und sie zu verstehen. Die Bevölkerung jedoch, die in der Abgeschlossenheit, nur durch ihre eigene Kraft vorankam, hatte nur einen Eindruck von der Existenz der Regierung. Das war, wenn sie sich ihnen als Büttel näherte, um die Steuern von ihnen einzutreiben, oder wenn als Bettler, um ihre Stimmen zu erbitten. Die Regierung, die sich nur näherte, wenn sie die Stimmen brauchte, verlor die Achtung, weil sie vom Feilschen lebte und im Austausch für diese Stimmen ohne Zögern die eigenen Interessen der Nationalität aufs Spiel setzte.

Heute haben sich die Dinge gewandelt, die politischen Parteien selbst, die damals einfache regionale Vereinigungen waren, ohne nationale Lebenskraft, wurden aufgelöst. Die Regierung tritt nicht mehr an die Bürger heran, um sie um ihre Stimmen zu bitten. Die Regierung hegt für sie väterliche Gefühle, sie nähert sich ihnen nur, um ihnen zu helfen, um ihnen Recht zu geben, um ihnen Arbeit und Ruhe zu garantieren, um ihre Wirtschaft zu entwickeln, um ihren Reichtum zu vermehren. Wenn die Regierung die politischen Parteien aufgelöst hat, so war es, weil diese ihre Tätigkeit nur innerhalb der Staatsgrenzen entfaltet, und auch, weil sie nicht zulässig, dass fremde, von ausserhalb kommende Elemente die Ruhe der Bevölkerung zu stören suchten, entgegen den Interessen der Koloniebevölkerung, indem sie versuchten, sie zur Ausübung von Tätigkeiten zu organisieren und hinzureissen, die den Interessen des Vaterlandes entgegengesetzt waren.

Ebensowenig wie die regionalistische Politik weiter bestehen konnte, weil sie auferlegt worden war gegen den Willen des Volkes, ebensowenig konnten ausländische Agenten auf die Kolonialbevölkerung einen Zwang ausüben, weil deren Interessen, ihre Ziele und die Tradition ihres Lebens ausgesprochen brasilianisch sind.

Heute versteht man vollständig die Reichweite dieser Massnahmen. Die Länder Europas befinden sich im Kriege, und die weit vorgeschrittensten Kulturen suchen sich gegenseitig zu zerstören. Wir beklagen zwar diese Ereignisse, nehmen aber in keiner Weise an ihren Kämpfen teil. Brasilien ist weder englisch noch deutsch. Es ist ein souveränes Land, das seinen Gesetzen Achtung zu ver-

schaffen weiss und seine Belange verteidigt. Brasilien ist brasilianisch. Jetzt ist die Bevölkerung, die von den eingewanderten Kolonisten abstammt und seit so vielen Jahren ihre Tätigkeit in unserer Mitte und unserer Heimat ausübt, aus Söhnen und Enkeln der Eingewanderten gebildet und brasilianisch. Hier sind alle Brasilianer, weil sie in Brasilien geboren sind, weil sie hier ihre Erziehung genossen. Auch das nationale Heer kann nicht abseits stehen, wenn es sich darum handelt, das Element ausländischer Herkunft zu erziehen. In den neuen Ländern haben die militärischen Streitkräfte eine hohe erzieherische Aufgabe. Durch die Kasernen gehen

alle Jahre Tausende von jungen Leuten, die den Dienst für Brasilien lernen. Deshalb arbeiten die militärischen Streitkräfte, wie recht und billig anerkannt werden soll, an dem grossen Werke der nationalen Erziehung in wirksamer Weise. Aber Brasilianer sein bedeutet nicht nur die Gesetze Brasiliens zu achten und seinen Behörden zu gehorchen. Brasilianer sein heisst Brasilien lieben und das Gefühl haben, das uns erlaubt zu sagen: „Brasilien hat uns das Leben gegeben, aber wir werden ihm unser Blut geben.“ Und das Gefühl der Brasilität haben durch Erziehung und Liebe zu dem Lande, durch den Wunsch mit dazu beizutragen zu der Ausführung der grossen Werke, zu dem wir alle berufen sind mitzuarbeiten, weil wir auf diese Weise unseren Beitrag leisten zu dem Aufstieg zum Glück und zur Grösse des Vaterlandes.“

## Paz russo-finlandeza

Moskau, 12 (T.-O.) — As negociações pró paz fino-soviéticas chegaram, hoje, a um acordo. São estas as condições principais do tratado de paz: 1o — A imediata suspensão

das hostilidades. 2o — Cessão a' U.R.S.S. do Isthmo de Karelia, inclusive Viborg. 3o — A Finlândia concede a' Russia uma base militar na ilha de Hangoe.

# Frieden zwischen Rußland und Finnland

Moskau, 12. (T.-O.) — Zwischen Sowjetrussland und Finnland ist Dienstag nacht Frieden geschlossen worden. Der Moskauer Rundfunk bestätigte um 24 Uhr OEZ den Abschluss des finnisch-russischen Friedensvertrages. Ein amtliches Kommuniqué ist in den frühen Morgenstunden des Mittwoch zu erwarten. Die wichtigsten Bedingungen des Friedensvertrages sind:

Sofortige Einstellung der militärischen Operationen auf beiden Seiten.

Abtretung der karelischen Landenge einschliesslich Wiborg an die Sowjetunion.

Finnland räumt der Sowjetunion auf der Halbinsel Hangoe einen militärischen Stützpunkt ein.

104 Tage hat der russisch-finnische Krieg gedauert. Während der Verhandlungen hat Russland die Forderung nach Abtretung von Petsamo fallen gelassen. Trotzdem sind die Abtretungen Finnlands an Russland weitgehend als jene, die Russland während der Verhandlungen im Herbst vor Ausbruch des Konflikts gefordert hatte. Die russische Grenze auf der karelischen Landenge, also im Vorfeld Leningrads, ist weiter nach Nordwesten vorgeschoben worden als damals gefordert worden war. Insbesondere ist Wiborg, eine Stadt von 74.000 Einwohnern und zweitgrösste Stadt Finnlands, über die ursprünglichen Forderungen an Russland abgetreten worden.

Moskau, 12. (T.-O.) — Bezüglich des russisch-finnischen Friedensvertrages, dessen vollständiger Text noch nicht vorliegt, werden am Dienstag um Mitternacht folgende Einzelheiten von amtlicher russischer Seite bekanntgegeben:

1. Der Friedensvertrag wurde russischerseits von Molotow, Shtanow und dem Bri-

gadekommandeur Vasiliewski, von finnischer Seite von Ryti, Paasikivi, General Walden und Professor Waitomaa unterzeichnet.

2. Durch den Vertrag wird an Russland abgetreten: die gesamte karelische Landenge einschliesslich Wiborg, das ganze Ufer des Ladogasees, die Fischereihalbinsel und Teile Ostfinnlands.

3. Hangoe und das umliegende Gebiet wird an die Sowjetunion in Pacht gegeben; diese läuft nach 30 Jahren gegen eine Vergütung von 15 Millionen Finnenmark ab und wird zur Errichtung einer russischen Flottenbasis verwendet.

4. Finnland verpflichtet sich, in den Gewässern des Nordatlantik keinerlei Kriegsschiffe, U-Boote und Luftstreitkräfte zu unterhalten mit Ausnahme von kleinen Patrouillenbooten.

5. Die Sowjetunion verpflichtet sich, ihre Truppen aus dem Sektor von Petsamo zurückzuziehen.

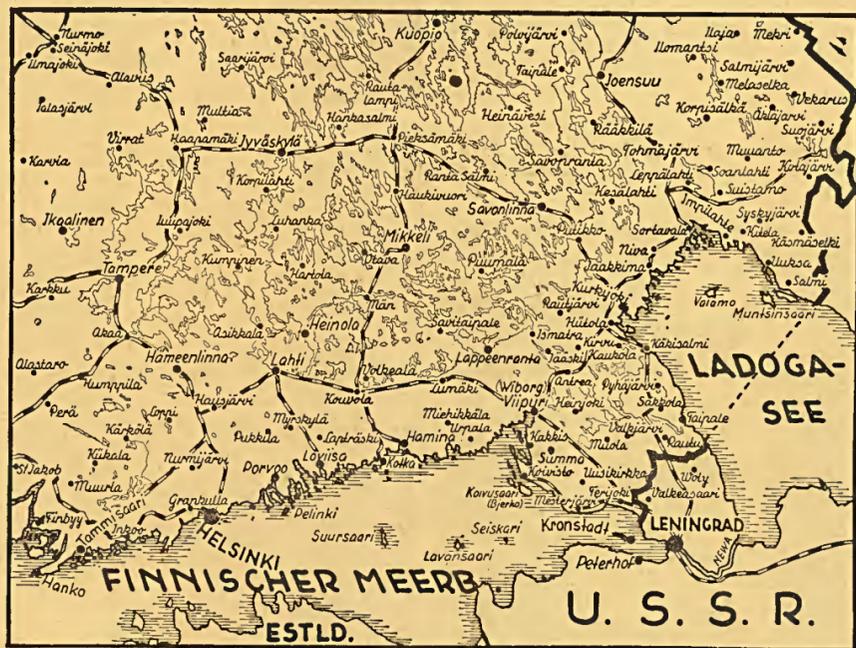
6. Die Sowjetunion geniesst das Recht freien Transits über Petsamo nach Norwegen und vice versa, ohne hierbei der Zollkontrolle unterworfen zu sein.

7. Im Laufe des Jahres 1940 wird eine Eisenbahn von Kandalakka nach Kemijaervi gebaut.

8. Der Friedensvertrag muss binnen drei Tagen ratifiziert und die Ratifikationsurkunden in Moskau ausgetauscht werden.

9. Am 13. März, 12 Uhr, werden die Feindseligkeiten an der Front eingestellt. Am 15. März von 12 Uhr an ziehen sich die beiderseitigen Truppen hinter ihre neue Grenzlinie zurück.

10. Zwischen der Sowjetunion und Finnland werden unverzüglich Wirtschaftsverhandlungen eingeleitet.



Die karelische Landenge und Südfinnland.

## Aus „Briefen aus Deutschland“

... 8. Februar 1940. ... Uns hier in der „inneren Front“ geht es eigentlich so gut, dass man beinahe nicht an die Tatsache eines Krieges glauben möchte. All die Dinge, die der Krieg uns gebracht hat, sind im Grunde genommen, ja Kleinigkeiten. An das Nichtvorhandensein von Kaffee z. B. hat man sich so gewöhnt, dass man

erstaunt ist, wenn man sich einmal an die Zeit erinnert, als man täglich mehrere Tassen dieses Getränks zu sich nahm. Aus den organisatorischen Schwächen der gesamten Versorgung im Weltkrieg hat unsere heutige Führung soviel Erfahrung — und das Gute ist, dass alle unsere Führer den Krieg in seiner Wirklichkeit vier Jahre lang kennen

gelernt haben statt an einem Schreibtisch zu sitzen — dass in dem heutigen Krieg alle Dinge laufen wie der am besten eingefahrene Motor. Da ist z. B. die Versorgung mit Lebensmitteln. Es ist sicherlich nicht schlimm, dass man nicht prassen kann, aber jeder hat so viel, dass er davon gut und gern leben kann. Oder der geniale Einfall, den Bedarf eines Jahres an Kleidungsstücken mit hundert Punkten auf einer Karte festzusetzen und alle Kleidungsstücke mit einer bestimmten Zahl von Punkten festzustellen, wodurch jeder kaufen kann, was er nötig hat, im Ganzen aber wieder nur so viel, wie er als kultivierter Mensch in einem Jahr braucht. Allen auftretenden Sonderfällen — Trauerfall, Geburten, — ist durch den „Bezugschein“ der Weg offen. Was ja, bezugschein so vielen Völkern unverständlich ist, das ist die Tatsache, dass, wenn man vernünftige Menschen an eine Aufgabe stellt, für die sie geschaffen sind, alle Fragen des Zusammenlebens gelöst werden können, ohne dass man erst lang und breit in einem Parlament Wählermache treiben muss. Nachdem es hier einmal gelungen ist, alle Interessen auf die Gesamtheit „Volk“ zu konzentrieren, allen klar zu machen, dass es selbst einem Subjektivisten am besten geht, wenn es dem gesamten Volk gut geht, allen aber auch klar zu machen, dass es nicht angeht, in guten Zeiten den Rahm abzuschöpfen und in Notzeiten die ärmeren Menschen zusehen zu lassen, wie sie am Leben bleiben, seit alle diese Dinge klar gestellt sind durch einen genialen Erziehungsapparat, seit dem Augenblick beweist sich fortlaufend die Richtigkeit, am meisten jetzt in einem Krieg, der ein Existenzkampf ist für mehr denn 90 Millionen Deutscher, die doch nun einmal da sind, im Herzen Europas und ein Lebensrecht beanspruchen dürfen. Und wir werden diesen Krieg gewinnen. Die Sicherheit dafür ist weitaus grösser als 1914. Wir sind sicher, dass in den nächsten Monaten Dinge geschehen werden, die sich keiner träumen lässt. Das Lied von Hermann Löns, der ja selbst 1914 gefallen ist, mit dem Schluss: „Denn wir fahren gegen Engeland“ steht hier mit einer Härte auf, die eindeutig ist. Du wirst ja dort draussen die Dinge verfolgen können, und wir wollen über all diese Fragen weiter sprechen, wenn der Sommer da ist. Es kommt eine hohe Zeit! —

... 12. Januar 1940.

Wir freuen uns, dass unser Brief trotz augenblicklicher Zeiten gut angekommen ist. Ebenso verstehen wir, dass Briefe aus der Heimat dort als aus erster Hand betrachtet und gerne gelesen werden. Es ist ja nun so, dass wir, die wir so inmitten der Handlungen stehen, alles nicht als so wichtig meinen, während für Euch auch jede geringe Mitteilung sehr wichtig ist, ganz besonders deshalb, weil da eine mehr oder weniger anständige Propaganda meistens zu unserem Schaden arbeitet. Ihr wisst aber und könnt es auch für die Zukunft annehmen, dass alles gelogen oder mindestens vollständig entstellt ist. Hier ist kein Mensch, der nicht an unseren Endsieg glaubt. Alles ist vollständig, jeder in seinem Rahmen eingespannt. Es klappt alles wie am Schnürchen, man möchte beinahe sagen, dass unsere Organisation, von den Lebensmittelkarten angefangen, bis zur Kleiderkarte und alles, was damit zusammenhängt, so ungeheuerlich raffiniert aufgebaut ist, wie ihr es Euch gar nicht vorstellen könnt. Dieses hat zur Folge, dass alles, aber auch alles restlos erfasst ist, sowohl im Geben als auch im Nehmen. Niemand hat zu viel, aber auch keiner zu wenig, sodass es nicht nur nicht schlechter, sondern teilweise besser geworden ist. Hamstern wie anno 14—18 hat aufgehört. Verstösse dagegen werden als Volksverrat behandelt und dann kann das Köpfchen locker sitzen. Alles ist so ganz anders, alles das, worauf es nun im menschlichen Leben mal ankommt, d. h. das persönliche liebliche Leben muss auch in Ordnung bleiben, wenn das Volk stark und stabil bleiben soll. Der Engelsmann spürt unsere Blockade wohl bald schlimmer wie wir — und so muss es auch kommen. Gewiss fehlt uns der Bohnenkaffee, aber wir fühlen uns bei unserem guten Malz sehr wohl. Uebrigens ein guter Witz über Kaffee: Einer flüstert dem andern geheimnisvoll ins Ohr, dass er wüsste, wo noch viel Kaffee sei. Auf die ebenso geheimnisvolle Frage, wo er denn sei, bekommt er zur Antwort: „In Brasilien.“ — Alles lacht dann natürlich. Witze sind hier ja schon lange an der Tagesordnung, auch unsere führenden Männer sind nicht davon verschont. Die allergrösste Hauptsache ist noch, dass die Kriegerfrauen gut versorgt werden. Es wird aber eher zu viel als zu wenig gegeben, dazu gibt es keine Preiserhöhungen, auch keine Kriegsgewinne. Alles richtig. Man hat oft das Gefühl, als wenn in jedem einzelnen Fach auch ein Fachmann alles entworfen hat und jedem einzelnen Volksgenossen, wo und wie er auch steht, es recht gemacht hat. Und unser Militär ist Elite. Wir haben haben hier jeden Tag Gelegenheit festzustellen, dass da nur ein Wille ist. Jeder Offizier isst aus der Feldküche und alle dasselbe, d. h. die Verpflegung ist auch so vorzüglich, dass jeder mitessen kann. Unsere Einquartierung, die hier liegt, sind alles Regimenter, die Polen erlebt haben. Sie bereiten sich auf neue Taten vor. Wenn die Sonne wieder besser lächelt, dann armer Tommy. Wir alle wissen, dass es schwer sein wird, aber wir wissen auch, dass die letzte Schlacht von uns gewonnen wird. Wir stehen alle gewissermassen an der Front, jeder auf seinem Platze, niemand steht ausserhalb, jeder hat in dem grossen Getriebe ein Rädchen zu drehen. Hoffen wir nun, dass die Entscheidung im Laufe des Jahres 1940 fällt, damit wir dann endgültig zur anständigen Friedensarbeit gehen können. Wir haben in Deutschland noch viel vor und zu erarbeiten, bis wir soweit sind, bis wir sagen können: so wollten wir es haben.

# Der Führer am Feldengedenktag

„Als alter Soldat des Weltkrieges bitte ich die Vorsehung, sie möge uns gnädig sein, auf daß wir mit Ehre dieses letzte Kapitel eines großen Kampfes für das deutsche Volk abschließen können“

Berlin, 10. (T.-O.) — Am Sonntagvormittag fanden in allen deutschen Städten die Gedenkfeiern für die im Kriege und für die nationalsozialistische Bewegung Gefallenen statt. Die Feiern galten gleichzeitig der Wiedergewinnung der Wehrhoheit vor fünf Jahren am 16. März 1935. Ueberall in Deutschland flatterten die Hakenkreuzfahnen im Wind. Den Gipfelpunkt bildete die Feierstunde im Zeughaus in Berlin, wo der Oberste Befehlshaber der Wehrmacht und Führer des deutschen Volkes Adolf Hitler sprach. In dem Zeughaus, das am Ende der Berliner Prachtstrasse Unter den Linden liegt, befinden sich die Trophäen des preussischen Heeres und diejenigen der vergangenen deutschen Kriege.

Die Feierstunde fand in dem Lichthof des Zeughauses statt, der nur wenige Zuhörer fasst. Unter den Anwesenden sah man Generale, Minister, Staatssekretäre, führende Männer der Partei, Invaliden des Weltkrieges und Verwundete des gegenwärtigen Krieges. Der Lichthof war mit einem grossen Eisernen Kreuz ausgeschmückt. An der Seite standen Geschütze, die im Weltkrieg genommen waren, und historische Fahnen, die an die ruhmreiche Tradition des Heeres erinnern. Man sieht Fahnen aus der Zeit Friedrichs des Grossen, eine Fahne der Landwehr von 1813, Fahnen aus dem französisch-preussischen Krieg von 1870, eine Fahne aus dem Asienfeldzug von 1900, die Fahne, welche 1871 auf der deutschen Kommandantur in Paris gehisst wurde, und eine Fahne von der Festung Graudenz, die während des letzten Polenfeldzuges von Deutschland zurückerobert wurde.

Punkt 12 Uhr betrat der Führer, gefolgt von den Oberkommandierenden der drei Waffen, Generalfeldmarschall Göring, Generaloberst von Brauchitsch und Grossadmiral Raeder, den Lichthof. Der Führer begnügte die Generale und Verwundeten. Hierauf begann der Festakt mit dem ersten Satz der Eroica von Ludwig van Beethoven. Um 12.14 Uhr ergriff der Führer das Wort:

„Volksgenossen und Volksgenossinnen! Das deutsche Volk begehrt heute den Heldengedenktag in einer ernsten Zeit. Mit grösserem Recht als in den letzten 20 Jahren kann es heute vor die Geister derjenigen treten, die damals sich geopfert haben für die Zukunft der Nation und die Grösse und Unantastbarkeit des Reiches. Das, was viele Jahre hindurch leere Phrasen einer unwürdigen Nachkommenschaft war, ist heute ein stolzer Dank für ein Geschenk. Nach dem unvergleichlichen siegreichen Feldzug im Osten sind die Divisionen des Landheeres, die Besatzungen unserer Kriegsschiffe und unsere Luftwaffe bereit, das Reich gegen die alten Feinde im Westen zu schützen. Sie sind getragen von dem gleichen Pflichtgefühl und dem gleichen Gehorsam gegenüber den Befehlen wie die Soldaten des Weltkrieges. Und hinter ihnen steht eine Heimat, die gesäubert ist von den destruktiven Elementen und von den separatistischen Kräften. Zum erstenmal in der Geschichte tritt das deutsche Volk vor den Allmächtigen und bittet ihn um seinen Segen für den Kampf und die Zukunft. Dieser Kampf ist schwer. Wenn wir seine Natur betrachten und uns in seinen Prozess mehr vertiefen, so sehen wir, dass das Leben, um sich zu bestätigen, ständig neue Opfer fordert, um neues Leben hervorzurufen und dass es Schmerzen schafft, um Wunden zu heilen, und in diesem Sinne ist der Soldat in diesem Kampf der erste Vertreter des Lebens. In allen Zeitläuften hat der Soldat die beste Auswahl der Völker dargestellt, er gab sein Leben preis und opferte es, wenn es nottat, um das Leben seiner Zeitgenossen sowie der künftigen Generationen zu sichern.

Er ist es also, der vor dem göttlichen Gericht des Allmächtigen erscheint in der Stunde, in der die Vorsehung den Wert der Völker abwägt. Schwer wiegen dort die Nationen, und wenn sie zu leicht befunden werden, so werden sie aus dem Buche des Lebens ausgestrichen, oder sie werden für würdig befunden, ein neues Leben zu führen. Nur wer sich bei der Gelegenheit bewährt hat, sich den schweren Schwierigkeiten des Lebens entgegenzustellen, nur der kann die Grösse des Heldentums des Soldaten verstehen und das ganze Gewicht seines Opfers voll bewerten.

Der Instinkt der Lebensbejahung hat dazu geführt, dass die Menschheit eine allgemein anerkannte Skala gefunden hat, um den Wert derjenigen Menschen abzuschätzen, die bereit waren, ihr eigenes Leben hinzugeben, um das Leben der Gemeinschaft zu erhalten. Gegenüber den verabscheuungswürdigen Egoisten stehen die Idealisten, und wenn einer als feige verachtet wird, dann zeigt sich die Menschheit um so dankbarer gegenüber denjenigen, die ihr Leben für die anderen hingegeben haben. Sie feiert ihn als Helden und erhebt sich mit ihm über den Durchschnitt gleichgültig dahinlebender Existenzen.

Kein Volk hat so viel Recht, seine Helden zu feiern wie das deutsche. Einmal über das andere haben wir gesehen, wie in schweren Augenblicken, in denen das geopolitische Geschick unseres Volkes auf dem Spiele stand, dieses nur durch das heldenmütige Eingreifen seiner Männer gesichert werden konnte. Wenn wir seit 2000 Jahren historisch auf diesem Boden leben, so ist es, weil in diesen 2000 Jahren es Männer gegeben hat, die bereit waren, ihr eigenes Leben aufs Spiel zu setzen und, wenn notwendig, auf dem Altar dieser Gemeinschaft zu opfern. Jeder einzelne dieser Helden hat sein Leben hingegeben, ohne daran zu denken, dass er mit seinem Opfer die kommenden Generationen von dieser Pflicht entheben würde. Alle Heldentaten der Vergangenheit wären vergebens gewesen, wenn in einer einzigen kommenden Generation der Mut zu derartigen Opfern gefehlt hätte.

Das Leben eines Volkes ist eine Kette ohne Ende, sofern in keiner Generation ein Glied bricht, so dass seiner Entwicklung ein Ende bereitet würde. Niemand hat ein Recht, Helden zu ehren, wenn er nicht fähig ist, ihnen nachzueifern. Niemand darf von Tradition sprechen, wenn in seinem eigenen Leben in allen seinen Handlungen nicht die Ehre Tradition ist. Dieses Prinzip gilt sowohl für das Volk wie für seine Staatsmänner, für die Soldaten wie für die Generale.

Aus diesen geheiligten Hallen, in denen wir uns befinden, sprechen zu uns die Zeugen einer unvergleichlich ruhmreichen Vergangenheit. Sie wurden siegreich erobert mit dem Blut einer Unzahl deutscher Helden. Wir würden nicht das Recht haben, in diesen Hallen zu weilen, wenn wir nicht in unseren Herzen heilig entschlossen wären, ebenso wertvoll zu sein, wie es die Träger dieser Waffen, Feldzeichen und Uniformen waren. Das Leben, das jeder einzelne der Musketiere aus dem siebenjährigen Krieg hingab, war nicht weniger wertvoll als dasjenige, das tausend Jahre vorher die deutschen Kämpfer zur Verteidigung deutschen Bodens opferten. Das Opfer von damals war nicht grösser als dasjenige, das heute von uns gefordert wird. Die mutige Entschlossenheit der grossen Staatsmänner und Generale der Vergangenheit war nicht grösser, als sie heute von jedem einzelnen gefordert wird. Die grossen Staatsmänner und Führer von damals standen in der Gunst der Götter, weil sie so häufig wagten und beteten, was dann als ein Wunder erschien.

Fast keine der grossen Schlachten unserer Geschichte, vor allem der preussischen Geschichte, erreichten schon in sich ihr Ziel. Viele Operationen, die aus materiellen Gründen mit einem Siege hätten enden müssen, wurden wegen des Mangels an Geist der Männer zum Scheitern gebracht, und viele andere, die nach menschlichem Ermessen hätten in einem Zusammenbruch enden müssen, sind in die Geschichte als ruhmreiche Siege eingegangen. Der Theoretiker wird niemals das Geheimnis des Wunders des Lebens entdecken. Er sieht nicht, dass die schöpferische Kraft es ist, die ihm fehlt, die Kraft des Willens und der Kühnheit in der Auffassung und ständigen Verwirklichung seines Entschlusses.

So versammeln wir uns heute, um unserer Helden zu gedenken, voll neuer innerer Erhabenheit, nicht mit geneigtem Haupt, sondern mit festem Blick und in der Ueberzeugung, es ihnen gleichzutun zu können, und notwendigenfalls mit dem Willen, die gleichen Opfer zu bringen. Denn wir kämpfen heute um das, um das auch sie damals gekämpft haben. Das, was sie als erhaben ansahen, um dafür zu sterben, wenn es notwendig war, findet auch uns zu der gleichen Tat in jedem Augenblick bereit. Aber

der Glaube, der sie besetzte, hat sich in uns noch stärker gefestigt. Jeder einzelne wird sich für das Schicksal und die Zukunft der Gemeinschaft opfern. Und eines erhebt uns über die Vergangenheit: wir besitzen das, um das in vergangenen Zeiten viele mit einem gewissen Unterbewusstsein kämpfen mussten: das deutsche Volk.

„In seiner Gemeinschaft leben zu können, ist für uns das grösste Glück auf Erden“

Ihr anzugehören, ist unser Stolz, und es ist unser fanatischer Wille, sie mit bedingungsloser Treue in den Zeiten des Unglücks zu verteidigen. Je grösser die Gefahren sind, die uns umgeben, um so schätzenswerter erscheint uns der Schutz unserer Gemeinschaft und wächst die Ueberzeugung, dass die höchste Kraft des deutschen Lebens in der nationalen Gemeinschaft ruht.

Die Welt und die plutokratischen Demokratien stehen in einem Krieg auf Leben und Tod gegen das Reich und erklären, dass dessen Zerstörung das höchste der Ziele sei, das sie verfolgen. Das bestätigt uns, was wir schon wussten, dass die mächtige nationalsozialistische Volksgemeinschaft auch für unsere Feinde als gefährlich angesehen wird. Ueber unseren Klassen und beruflichen und religiösen Hierarchien und den übrigen Abstufungen des Lebens erhebt sich die soziale Gemeinschaft der Deutschen ohne Unterschiede von Klassen und Herkunft, eine Gemeinschaft, die Jahrtausende gemeinsamen Lebens das Blut haben durchdringen lassen, so dass alle geeint sind im Schicksal, im Glück und im Unglück. Die Welt will unsere Auflösung. Unsere Antwort kann nur sein, von neuem zu schwören, dass wir die grösste Gemeinschaft aller Zeiten aufrechterhalten werden. Sie verfolgen das Ziel, Deutschland zu

zerstückeln. Unsere Berufung ist die deutsche Einheit. Ihre Hoffnung ist der Erfolg der kapitalistischen Interessen. Unser Wille ist der Sieg der nationalsozialistischen Gemeinschaft.

In diesen Tagen werden es fünf Jahre seit der Proklamierung der Militärdienstpflicht. In fast fünfzehnjähriger unablässiger Arbeit hat der Nationalsozialismus das deutsche Volk von dem Zustand tragischer Verzweiflung befreit, in einer in der Geschichte einzig dastehenden Arbeit hat er von neuem das Gewissen der Nation gefestigt und die kleinlichen Geister, die einer defätistischen Kapitulation das Wort redeten, zerstreut, indem er die politischen Vorbedingungen für die Wiederaufrüstung schuf. Und trotzdem bin ich viele Jahre hindurch bereit gewesen, der Welt die Hand für eine wahre Verständigung zu bieten. Alle haben den Gedanken einer Versöhnung der Völker auf der Grundlage gleicher Rechte zurückgewiesen. Aber ich als Nationalsozialist und Soldat habe immer in meinem Leben das Prinzip vertreten: entweder im Frieden das Recht meines Volkes sicherzustellen, oder, wenn nötig, dieses Recht im Kampf durchzusetzen. Als Führer der Nation, als Kanzler des Reiches und Oberster Befehlshaber der Wehrmacht lebe ich heute nur einer Aufgabe, Tag und Nacht zu arbeiten und nötigenfalls mein Leben hinzugeben, damit diesmal die Zukunft des deutschen Volkes für Jahrhunderte gesichert bleibe. Als alter Soldat des Weltkrieges bitte ich die Vorsehung, sie möge uns gnädig sein, auf dass wir mit Ehren dieses letzte Kapitel eines grossen Kampfes für das deutsche Volk abschliessen können. Dann wird der Geist der gefallenen Kameraden sich aus den Gräbern erheben, um jenen zu danken, die mit ihrem Mut und mit ihrer Treue das wieder gutgemacht haben, was eines Tages unser Volk in einer Stunde der Schwäche gefehlt hat. Wir wollen daher an dem heutigen Tage den feierlichen Schwur erneuern: Der dem Reich von den Machthabern Frankreichs und Englands aufgezwungene Krieg muss zu dem ruhmreichsten Sieg der deutschen Geschichte werden.“

## Jüdische Hintergründe

Prof. Dr. Joh. von Leers

In der Nummer vom 20. Oktober 1939 der in Antwerpen und Brüssel erscheinenden jüdischen Zeitschrift „L'Avenir Juif“ schreibt der Jude Albert Faraggi: „Nach der Katastrophe, die unsere unglücklichen Brüder in Polen betroffen hat, muss die zionistische Leitung nach den Vereinigten Staaten verlegt werden. Trotz aller Redereien und gegenteiligen Behauptungen hat das amerikanische Judentum für die zionistische Sache nur einen geringen Beitrag seiner moralischen und materiellen Möglichkeiten geliefert. Mehr als die Hälfte unseres Volkes ist der Untätigkeit ausgeliefert, und es wäre vermessend, zu glauben, dass London und Jerusalem in der Lage seien, die Situation zu beherrschen. Das „Klima“ in Europa ist erstickend, während man in Washington und in Neuyork eine ganz andere Luft einatmet“. Das Genfer Komitee, das die zionistische Bewegung der Vereinigten Staaten repräsentiert, ist weder angemessen, noch wirksam, in jedem Falle war das „Provisorische Komitee für zionistische Angelegenheiten“ („Provisional Committee for Zionist Affairs“), das 1914 von Louis Brandeis gebildet wurde, weit überlegen. Jetzt benötigen wir etwas Grösseres, um der neuen Situation gegenüber bestehen zu können“. „Nur, wenn das Judentum Amerikas mit der historischen Verantwortung belastet wird, die ihm heute die Ereignisse des europäischen Kontinents auferlegen, wird es seine ungeheuren mächtigen Kräfte an den Tag bringen.“

Diese historische Verantwortung ist ganz offenbar die Aufgabe, Amerika in den Krieg zu treiben. Schritt für Schritt, von der Aufhebung des Waffenembargos bis zur neuesten Waffenschmuggelaffäre an der kanadischen Grenze die amerikanische Wirtschaft am Kriege gegen Deutschland zu interessieren, um doch noch das alte jüdische Ziel zu erreichen und unser Volk durch Krieg zu erledigen, sich selbst aber neue Herrenrechte über Deutschland anzumassen. Das jüdische Blatt „Zionist Record“ in Johannesburg (Südafrika) hat dies sehr offen ausgesprochen: „Die Juden der Welt sind weit davon entfernt, dass sie sich mit dem Zustand der Inferiorität, den Deutschland den Juden auferlegt hat, abfinden. Sie proklamieren ihr elementares Recht der Mitbürgerschaft in Deutschland und in jedem anderen Staat, in dem sie leben und arbeiten, und sie werden fortwährend, einen unaufhörlichen Kampf zu führen und alle Mittel, die ihnen zur Verfügung stehen, anwenden, um die Wiederherstellung ihrer Rechte in Deutschland und den Erhalt ihrer Rechte, wo immer sie bedroht sein mögen, zu erreichen.“

Aber das amerikanische Volk sieht deutlich, wohin man es schleppen will. In der Zeitung „The Free American“ findet sich folgende „Zuschrift an den Herausgeber“ eines Amerikaners Ardie, in der es heisst: „Während das Volk keines Landes im Herzen einen Krieg wünscht, macht allein das internationale Judentum eine Ausnahme. Sie haben kein Land, und darum machen sie sich auch keine Sorge um die Wohlfahrt eines Landes. Alle

Fragen wegen des Friedens der Völker müssen darum gegen die Juden gelöst werden. Georg Bernhard, ein Jude und bekannter Zeitungsmann in Deutschland vor der Zeit Hitlers, heute Emigrant in Paris, gibt eine Zeitschrift in deutscher Sprache mit den bekannten Verdrehungen und gehässigen Lügen (Neues von Prag, London und Paris über Deutschland aus Quellen erster Hand und von hochstehenden Persönlichkeiten, deren Namen nicht genannt werden können usw.) heraus und schreibt ausserdem für andere Zeitungen, wo immer jemand für seine Darlegungen etwas bezahlen will. In der jüdischen Wochenschrift „The New World Stage“, Nr. 35 vom 1. September 1938 hat er geschrieben: „So kann es nicht weitergehen; wenn wir nicht sehr rasch einen neuen Weltkrieg bekommen, werden 150 000 bis 200 000 Juden Deutschland verlassen müssen.“ Ganz offen stellt er fest, dass ein neuer Weltkrieg im Interesse der Juden notwendig ist. Wenn Millionen von Nichtjuden dabei getötet werden, umso besser, da nur die Gesunden und Tüchtigen der Völker sich gegenseitig töten werden. Die Uebriggebliebenen können dann um so leichter getötet werden. So verstehen wir, warum die Juden besonders in unseren USA, bei ihrer Arbeit, uns in den Krieg zu treiben, geradezu Ueberstunden einlegen ... Da wir jetzt schon 10—15 Millionen Erwerbslose haben, würde ein neues Abenteuer sicherlich zum Zusammenbruch der Nichtjuden führen.“

Die ausgezeichnete italienische Zeitschrift „La Vita Italiana“ nennt diesen Krieg geradezu „ein riesiges jüdisches Finanzmanöver“. „Im Falle des Sieges wird das Judentum Geld gewinnen, im Falle der Niederlage wird das Judentum gleichfalls viel Geld gewinnen. Ueber 80 Prozent des Weltgoldes befinden sich schon in den Vereinigten Staaten von Amerika. Nach diesem Kriege werden hundert Prozent des Goldes in den amerikanischen Judenbanken eingesperrt sein. Die Franzosen sind tatsächlich bereit, für diese riesige jüdische Spekulation, die schon in den „Protokollen der Weisen von Zion“ angekündigt ist, zu sterben?“

Und dann packt das italienische Blatt aus: „England hat Deutschland ohne eine nationale Ursache den Krieg erklärt: niemand bedroht die Einheitlichkeit seines Reiches. England kämpft dabei in offener militärischer Unterlegenheit. Das ist das Schema des Dramas, und es verlangt viel Aufmerksamkeit der Betrachter; denn die Tragödie ist grösser als die des Agamemnon und der Verliebten in die schönen untreuen Frauen (gemeint ist der Trojanische Krieg). Die Vorbereitung dieses englischen Krieges ist kein Geheimnis: alle kennen die Etappen dieser Vorüberlegungen, und die Namen der hauptsächlichsten Organisatoren sind bekannt. Wir kennen die Worte des Juden Ludwig in seinem Buch „Die Heilige Allianz“, mit dem Zugeständnis, dass Hitler zum Kriege gezwungen werden wird. Wir wussten vorher, dass Eden, der Vertreter gleicher Mächte, eines Tages am-

lich an der Leitung des britischen Krieges teilnehmen werde. Wenn man von geheimen Mächten spricht, denkt man sofort an die internationale Freimaurerei. Wenn man Freimaurerei sagt, so schwingt sich der Gedanke zu den Vereinigten Staaten von Amerika; denn dort sitzt die freimaurerische Sektion B'nai B'rith, der Generalstab der Freimaurerei, ausschließlich aus Juden gebildet. Das sind die Brüder, die im Tempel Salomos, geschützt vom kaiserlichen Adler und unter dem Motto „Deus meumque jus“ (Gott und mein Recht) arbeiten; wir wissen, dass diese Worte gleichfalls über den Freimaurerlogen und über den Amtsstellen des Intelligenc Service stehen. Die Zeitungen haben den Weg der Kriegshetzer von Europa nach USA. in der Zeit kurz vor dem Kriege enthüllt; Ludwig ist dorthin gegangen, um direkte Instruktionen vom Präsidenten des Judentums zu bekommen; der Jude Jean Zay hat dasselbe dringende Bedürfnis gefühlt.

Das sind also die Hintergründe, warum ein kleines jüdisches Blatt in Belgien triumphierend schreibt, das Judentum werde seine Zentrale nach USA. verlegen! Dieses neutrale italienische Blatt spricht Dinge aus, für die es bereit ist, die Verantwortung zu übernehmen. In Amerika aber werden die Volksmassen auf das achten müssen, was gewisse Kräfte mit ihnen vorhaben. Es ist dabei erfreulich, festzustellen, wie die Agitation gegen eine Teilnahme USA. an diesem europäischen Kriege in dauerndem Wachstum begriffen ist. Ueber alle Nebenerscheinungen hinweg darf niemals die Erkenntnis verloren gehen, wer hinter diesem Kriege steht: Es ist das Weltjudentum.

### Wissenswertes Nachtrag:

#### Freimaurer-Bruderschaft B'nai B'rith

Wie „O Estado de São Paulo“ mitteilt, wurde am 12. d. M., dem ersten Jahrestag des Todes des Gründers, Präsidenten und grossen Förderers der Bruderschaft B'nai B'rith von dessen Freunden und Verehrern eine Pilgerfahrt zu seinem Grab auf dem israelitischen Friedhof in Villa Marianna (São Paulo) veranstaltet.

## Wien ohne Juden

Im Herbst 1918 erlebte das Wiener jüdische Aktionszentrum des Südostens seine grossen Tage: eine Armee semitischer Leichenfledderer stürzte sich auf den toten Donaustaat und nannte dies „Expropriation der Expropriateure“. Dann, als dieses Geschäft vorbei war, kam die Zeit, in der feintuende jüdische „Haute-financiers“ sich als Mäzen fühlten, wenn sie verarmten Ariern Familienerbstücke um ein noch dazu entwertetes Spottgeld abschwindeln konnten. Dann „managten“ die Juden die Inflation, wobei nun auch die Masse der kleinen Sparer, der Gehalts- und Lohnempfänger um ihre sauer verdienten Pfennige gebracht wurden. Und als schliesslich die Grossbankiers erklärten, man müsse das Land, das sie durch ihre lichtschleuen Finanzmanöver zugrunde gerichtet hatten, nun wieder sanieren, wobei sie aber natürlich nur die Sanierungsanleihe-Transaktionen und den damit verbundenen Schwindel im Auge hatten, da war das goldene Zeitalter der Wiener „Jiddischheit“ gekommen. Bauer hatte es zum Aussenminister gebracht, Deutsch zum Kriegsminister, Breitner war der gefürchtete Finanzaktator der Stadtgemeinde und des Bundeslandes Wien; Bosel und Schechner waren „Wirtschafts-Grossadmirale“; Kunwald war der Anleihepapst. 3682 Millionen Goldkronen Schulden, die der Südosten (Oesterreich, Ungarn, Kleine Entente und Bulgarien) bei den Westmächten kontrahiert hatte, sind durch seine Hände geflossen. Den Juden wurden Denkmale in Wien gesetzt: Friedrich Adler erhielt eines auf der Ringstrasse, gleich neben dem Parlament (für die Ermordung des Grafen Stürgkh)!

Diese für die Juden so herrlichen Zustände und Zeiten begeisterten den Juden Betauer, einen „Dichter“, der mit einer zweideutigen pornographischen Zeitschrift mit eindeutigen Inseraten einen auch für jüdische Begriffe ganz schönen „Literatur-Schab“ tätigte, dermassen, dass er sie in dem utopischen Roman „Die Stadt ohne Juden“ verherrlichte. In diesem schildert er, wie Wien ohne Juden ganz verarmen würde, wie es ohne jede Kultur ein ungemein tristes Dasein führen würde, mit einem Wort, dass es ohne Juden ganz zugrunde gehen würde. Den Abschluss bildet dann in zwölfter Stunde das Einsehen der unsäglich dummen arischen Bevölkerung, die, um nicht ganz zu verkommen, die Juden wieder im Triumph nach Wien bringt und ihnen die Herrschaft über Stadt und Volk übergibt und sich so vor dem Untergang rettet.

Dieser Roman war damals der Schlager der jüdischen Saison und lange Zeit das Tagesgespräch in allen Judenzirkeln. Nun es ist anders gekommen, wenn auch der Idealzu-

stand, Wien ganz ohne Juden, noch nicht erreicht ist, so ist der Bericht der Wiener Vermögensverkehrsstelle über die ihr gestellte Aufgabe: die Entjudung der Wirtschaft der Ostmark, der jetzt vorliegt, immerhin ein gewaltiger Schritt vorwärts zu diesem Ziele. Insgesamt lagen der Stelle 48.000 Anmeldungen jüdischer Vermögen von je mehr als 5000 RM vor. Das gesamte jüdische Vermögen belief sich auf 2290 Millionen RM, von denen 1750 Millionen in Grund- und Kapitalvermögen angelegt waren. In Wien befanden sich 8009 Miethäuser und 13.046 Han-

delsbetriebe in jüdischem Besitz. Von den 25.898 jüdischen Unternehmungen wurden 21.143 stillgelegt, und zwar: 87 vH. aller Handwerksbetriebe, 83 vH. aller Handelsbetriebe, 81 vH. aller Banken, 82 vH. aller Verkehrsunternehmungen und 26 vH. aller Industrieunternehmungen, nur gesunde Unternehmungen wurden in arische Hände übergeleitet — von den 361 jüdischen Landwirtschaften kamen bis auf sieben alle wieder in arische Hände und nun kann das bodenständige Volk der Ostmark endlich wieder freier atmen.

# Im Financiers

### Ruhnießer USA

Die Forderung nordamerikanischer Politiker, die der Neuen Welt vorgelagerten britischen Bermuda-Inseln den Vereinigten Staaten einzuverleiben, hat in den vergangenen Monaten schon mehrfach grösstes Aufsehen erregt. Bekanntlich waren diese sensationellen Erklärungen eine Folge der Beschlagnahme amerikanischer Flugpost auf dieser Inselgruppe sowie die Kontrolle des USA-Handels mit Europa durch die Briten. Inzwischen wurden weitere Stimmen laut, die offen dafür eintreten, dass die Vereinigten Staaten alle britischen und französischen Besitzungen, besonders in Mittelamerika, erwerben sollten. Der Mitarbeiter der Associated Press, Roy G. Blanck, veröffentlicht am 4. März einen gut fundierten und mit Aussprüchen des Präsidenten Roosevelt und anderer Kongressmitglieder unterbauten Artikel, der in der Feststellung gipfelt, dass die USA ihren Standpunkt hinsichtlich der Kolonien Englands und Frankreichs in Amerika festlegen müssen, falls die Westmächte im gegenwärtigen Krieg zu Boden gezwungen werden. Die westliche Halbkugel müsse auf jeden Fall „amerikanisch“ werden. Damit hänge auch die Errichtung militärischer Luftbasen der USA in lateinamerikanischen Ländern zusammen. Die bedeutende Zeitung der Bundeshauptstadt „Correio da Manhã“ steht mit der Wiedergabe dieser A.-P.-Meldung vom 5. März nicht allein auf weiter Flur. Der tägliche Leitartikelschreiber der Diarios Associados formuliert am 9. März unter der Überschrift „Die imperialistischen Völker der Zukunft“ die beachtlichen Sätze: „Heute ist das Panorama allerdings verschieden. Ob die Nordamerikaner wollen oder ob sie nicht wollen, sie werden das grosse imperialistische Volk von morgen sein. Der „Britische Frieden“ (Pax Britannica) muss sich zu einem „Amerikanischen Frieden“ (Pax Americana) wandeln, welcher die Jugend, die Dynamik und die Annahme jener mehr harmonischen Grundsätze bedeutet, welche unserem Zeitgeist entsprechen.“ Schliesslich sei die wirtschaftliche Auswirkung des Kampfes um die europäische Neuordnung auf die USA angedeutet. „Correio Paulistano“ überschreibt am 12. März einen Beitrag mit „Vorurteilen über den Krieg“ und entwickelt darin, dass die Ausfuhr der Vereinigten Staaten allein in den ersten vier Kriegsmonaten 1.251.000.000 Dollar erreichte, das sind 22.518.000 Contos. Damit haben die USA ihren Export gegenüber derselben Zeit des Vorjahres um 21 vH. gesteigert. Die Kriegslage zwischen England und Frankreich einerseits und Deutschland andererseits bezeichnet der Verfasser trotz klarer Betonung der militärischen deutschen Ueberlegenheit als unentschieden.

### Sehr teure Schiffe

Ende vergangener Woche wurde die Welt von der britischen Propaganda mit der Nachricht überrast, dass der 86.000 Tonnen grosse Fahrgastdampfer „Queen Elizabeth“, ein Schwesterschiff der „Queen Mary“, „dem Feind zum Trotz“ nach Newyork überführt werden konnte. Die britische Presse feierte die bei Nacht und Nebel unter starkem kriegerischen Geleit vollzogene Jungfernfahrt des Riesendampfers als ein besonders kühnes Wagnis. Die „Queen Elizabeth“ ist nach dem sicheren Hafen von Newyork gebracht worden und wird dort, genau wie die „Queen Mary“, die französische „Normandie“ und andere grosse Fahrgastschiffe, bis zum Kriegsende aufgelegt werden. Wie man aus weiteren Telegrammen erfährt, war die Innenrichtung des Schiffes noch nicht fertiggestellt. Die Besatzung soll erst auf offener See vom wahren Reiseziel benachrichtigt wor-

den sein, wobei es zu heftigen Auftritten mit der Schiffsleitung kam. Durch einen Brand wurde die Bücherei sowie andere Gegenstände im Werte von 30.000 Dollar vernichtet. Die Unterhaltungskosten der „Queen Elizabeth“ in Newyork betragen 1000 Dollar täglich, das sind 18 Contos. Allein die drei Schiffe „Queen Elizabeth“, „Queen Mary“ und „Normandie“ kosten an Unterhaltung rund 10.000 Contos pro Halbjahr. Im übrigen sollte man wissen, wie Amerika über die Unterbringung der Schmuckkästlein der britischen Handelsflotte in den USA-Häfen denkt. „New Daily News“ in Newyork schreibt am 9. März: „Es gibt zwei Erklärungen für die Flucht dieses Schiffes: Entweder ist England ausserstande, das Schiff in einem eigenen Hafen gegen deutsche Angriffe zu schützen, oder England will dieses und andere Schiffe gegen nordamerikanisches Kriegsmaterial eintauschen, wenn ihm das Geld ausgeht. Beide Erklärungen passen aber nicht zu dem Bilde, das uns von gewissen englandfreundlichen Kreisen vorgemalt wird.“

### Kanadas Rolle im Empire

Im Zusammenhang mit dem „Queen-Elizabeth“-Fall las man Telegramme, wonach König Georg VI. seinen Sitz von London nach Ottawa in Kanada verlegen würde, wenn die deutschen Kriegsmassnahmen die englischen Inseln ernstlich bedrohen sollten. Die Stadt

Montreal würde dann die englische Regierung beherbergen. Ueberhaupt bestehe bereits ein Plan zur Verlegung des gesamten geistigen, technischen, wirtschaftlichen und verwaltungsmässigen Apparates des englischen Weltreiches von England nach Kanada. Jedenfalls seien massgebliche englische Kreise mit dem Gedanken einer Verlegung des Schwerpunktes des Empire nach dem Dominion Kanada vertraut. Im Augenblick scheint dieser Plan noch phantastisch. Er würde auch nur durchführbar sein, wenn die Vereinigten Staaten ihr Einverständnis dazu gäben. Entsprechende Kommentare zu diesem Thema konnte man in der Presse der Neuen Welt in den vergangenen Monaten mehrfach finden. Tatsächlich dürften die USA von der Zeit derartig begünstigt sein, dass sie als die einzigen Nachlasswalter des britischen Erbes in Amerika zu betrachten sind.

### Frankreichs Hilfstruppen

Unter dem Titel „Freiwillige aus aller Welt, die gegen Deutschland kämpfen“ veröffentlicht „Diario da Noite“, São Paulo, (in seiner 3. Ausgabe am 6. März) eine Bildserie von Ausländern, die sich in Frankreich laut Regierungsverordnung zum Militärdienst gegen Deutschland stellen mussten. Diese „Freiwilligen“ hätten bereits in den ersten Kriegstagen 12.000 Mann oder 3 R. M. V. E. (Regimentos de Marcha dos Voluntarios Estrangeiros) betragen. Folgende Nationalitäten sind in ihnen vertreten: Spanier, Rumänen, Ungarn, Portugiesen, Schweizer, Türken, Belgier, Griechen, Jugoslawen, Bulgaren, Luxemburger, Litauer, Holländer, Palästinaer, Russen, Armenier, Aegyptier, Letten, Argentinier, Syrier, Cubaner, Chinesen, Peruaner, Esten, Perser, Libanenser, Uruguayer, Dänen, Brasilianer, Norweger, Marokkaner, Finnländer, Mexikaner, Columbianer, Chilenen, Nordamerikaner und Bewohner von San Mariuo, Andora, Ecuador, Venezuela, Tanager, Monte Carlo, vom Irak und schliesslich auch von Costa Rica. Dass man die polnischen, tschechischen und österreichischen Emigranten nicht mit aufzählt, ist rätselhaft, da alle hier genannten „Freiwilligen“ unter der französischen Trikolore doch gerade Arm in Arm mit diesen ihren „Brüdern“ für die Freiheit von Versailles-Europa kämpfen. Auch die farbigen Hilfstruppen aus den afrikanischen und asiatischen Kolonien Frankreichs sind nicht aufgeführt. ep.

## Eisenversorgung der Kriegführenden

Die vor dem Aufkommen Amerikas und der kontinentalen Eisenländer im letzten Drittel des vorigen Jahrhunderts weltbeherrschende englische Eisenindustrie konnte noch um 1870 ihren Erzbedarf ganz aus der heimischen Förderung decken; heute sind der Menge nach nur 70 vH. dem Eisengehalt nach nur noch 55 vH. des Verbrauchs englischen Ursprungs, während 45 vH. bisher eingeführt werden mussten. Hauptlieferanten der eingeführten Erze sind Nordafrika, Schweden und Spanien. In den letzten Jahren wurden auch die Vorkommen im britischen Weltreich, namentlich in Sierra Leone und Neufundland (Wabana) stärker herangezogen, ohne dass sich aber der Anteil des Empire an der Erzeinfuhr auf mehr als etwa 9 vH. erhöhen konnte. Also auch zur Sicherung der Erzversorgung verlangt die Zusammensetzung der Lieferantenliste einen erheblichen Ueberseeverkehr, dessen Einengung durch den zunehmenden Ausfall von Frachtraum und durch den Handelskrieg auch erhebliche Ausfälle in den Erzelieferungen gewiss macht. Selbst angenommen, dass die Eisen- und Stahleinfuhr devisenwirtschaftlich von England ganz entbehrt werden kann, so bleibt, das Jahr 1938 zugrundegelegt, immer noch ein Einfuhrbedarf von über 4 Millionen t Eisen zu decken, wobei der durchschnittliche Eisengehalt der eingeführten Erze mit 60 vH. angenommen ist. Nun war das Jahr 1938 zwar konjunkturell angeregt, aber immerhin noch ein Friedensjahr mit einem annähernd normalen Bedarf. Der bei Ausdehnung der Kampfhandlungen zu erwartende Mehrbedarf wird bei der Entwicklung der Kriegstechnik eher über als unter den Verhältnissen des Weltkrieges liegen. Damit muss auch der im Frieden bereits vorhandene Fehlbetrag der englischen Eisenversorgung noch gewaltig steigen. Dass ein wesentlicher Teil davon durch eine Steigerung der inländischen Erzförderung abgefangen werden kann, ist nicht anzunehmen, wie die Entwicklung des englischen Erzbergbaues im Weltkrieg erkennen lässt. Trotz aller Anstrengungen wurde damals die Friedensförderung nicht mehr erreicht und die verringerte Förderung nur mit Mühe gchal-

ten, während die Einfuhr eine prozentual höhere Einschränkung erfuhr. Dies führte mehrfach zu schweren Krisen, die namentlich im Schiffbau und in der Flugzeugindustrie grosse Störungen mit sich brachten. Ein ähnlicher Verlauf der Dinge lässt sich auch heute erwarten. Der vielleicht auftauchende Gedanke, dass die heute gegenüber dem Weltkrieg besser dastehende französische Eisenindustrie einspringen könnte, erledigt sich mit dem Hinweis auf die Kohlschwierigkeiten Frankreichs, das im letzten Jahr einen Einfuhrüberschuss von rund 18 Millionen t Steinkohlen und über 2 Millionen t Koks hatte, wobei zum Fehlen der Mengen, das sich im Kriege bedeutend steigern dürfte, noch die qualitativen Sorgen kommen. (Das sichtbare Zeichen für die Unzulänglichkeit der französischen Kohlen als Hüttenkoksbasis spiegelt sich in dem früheren deutsch-französischen Koks-Erz-Austausch.)

Seit Jahren ist die inländische deutsche Eisenförderung planmässig und gewaltig gesteigert worden. Zu den Anstrengungen und Erfolgen der deutschen Eisenindustrie auf dem Gebiet der Aufschliessung der heimischen Erzstätten, den metallurgischen Fortschritten in der Verhüttung eisenarmer Erze, zu den gewaltigen Neu- und Erweiterungsbauten kommt nunmehr noch die Sicherung des Aussenhandels mit wichtigen Erzelieferanten, vor allem Schweden. Zieht man aus diesen nüchternen Betrachtungen einen Schluss, so muss man folgern: Sollte auch diesmal wieder die Zeit für eine Seite der Kämpfer arbeiten, so geschieht das in der Eisenwirtschaft bestimmt nicht für die Alliierten.

## die neue linie

— eine der Zeitschriften, die die ganze Welt kennt! Jedes Heft mit Beiträgen bekannter Schriftsteller und erlesenen Bildern über die Themen: Dichtung, Kunst, Architektur, Wohnkultur, Sport und Reise, Theater, Film und Mode. Ein Abonnement auf die „neue linie“ — stets ein Geschenk besonderer Art!

Monatlich ein Heft RM 1.— Beyer-Verlag, Leipzig-Berlin

TECHNISCHE ABTEILUNG:

Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drahtstäbe, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidisen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleblehren, Zirkel, Tourenzähler, Gewindemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampfpackungen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinderschmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen - Scheiben, Ringschmier - Lager, Kugellager, Glasserel-Artikel wie Schmelzriegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallabgrübler für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufeuerlöschmittel, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzscheiben, usw., Holz-Industrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw., Eisenwaren - Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Fellen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Eislarvenat Marke „BROMBERG“, Öle und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw., Elektrische Abteilung: Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Größe, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötkolben, Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchten, Sicherungen und Sicherungsdrähte aus Blei und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Lötpaste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Stern-dreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Schalter, Diazed-Sicherungen. - Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren „LANZ BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Säemaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heuschere „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Ameisensäure, Pflanzenspitzen, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörenden Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“, - Öl-Abteilung: Öle und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA.) Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke; Bohrlö, Eismaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten. - Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzverarbeitung, Komplett-Einrichtungen für jede Industrie. - Ingenieur-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gusstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germanlawerit A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig. Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw., Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg, Lokomobile, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberet-Maschinen.

BROMBERG & CIA.

SÃO PAULO AV. TIRADENTES NR. 32

CAIXA POSTAL 756 TELEFON: 4-5151

Deutsche! Wartet nicht bis zum letzten Moment, um euren Aufenthalt im Lande nach dem neuesten Dekret zu legalisieren und die vorgeschriebene Registrierung vorzunehmen. Dies besorgt billig und absolut zuverlässig: „A Informadora“ Predio Pirapitinguy, R. João Brícola 10, 9. St., São 932/33. Dort werden ebenfalls Aus- und Rückreise-Visums besorgt.

DEUTSCHE AUTOMOBILE Willi Hosang / São Paulo Caixa postal 3168 / Telefon: 4-3825 und 4-2451

Castell SCHREIBGERÄT repräsentiert! Zahlreiche Fachbündler bestätigen die Beliebtheit des Copier CASTELL... Copier CASTELL für rasche, klare Schrift, zum schnellen, rechtsgültigen Unterschriften, für Statistik und Organisation, für Revision und Korrektur und das flotte, zügige Diktat. A.W. FABER CASTELL Schreibkultur

Fagg bringt ein Mädchen mit Roman von WALTHER KLOEPFFER - Verlag August Scherl GmbH., Berlin.

(2. Fortsetzung.)

Der Kern kniff das eine Auge zu und blinzelte. War ihm ein Körnchen Schnupftabak hineingekommen, oder sollte es Skepsis ausdrücken? Jedenfalls störte es den Verwalter, und er sagte giftig: „Ja, das ist schon so. Das dürfen die Herren schon glauben.“ „Tja, denen da drunten geht's halt noch schlechter. Das ist die Geschichte, Herr Verwalter“, erwiderte der Gsodmair verlegen. „Die liebhaftige Not ist im Dorf“, unterstützte ihn der Wirt. „Doch bei Ihnen nicht, Herr Kern“, spottete Tutschek und betrachtete den Wirt. Kern schwieg gekränkt. Er konnte es nicht leiden, wenn man auf seinen Bauch anspielte, mit dem er so genug Verdruss hatte. „Also, wie gesagt, nichts zu machen. Leider. Ich stehe schliesslich nicht für mich da, sondern ich habe die Interessen von Durchlaucht zu vertreten, das müssen Sie einsehen. Sonst noch etwas?“ Dieser Verwalter Tutschek ist ein scharfer und, was seinen Beruf anlangt, zweifellos tüchtiger Herr. Er hat die hesten Wiesen weit und breit, die schönsten Wälder, er schafft jede neue Maschine an, düngt mit Kali und Thomasmehl und erzielt Rekord-ernten auf den Schellenbergern abgeluchsten Feldern. Aher er hat kein rechtes Herz. Er ist ein Mann ohne Gefühlsduselei und ohne viel Bedenken. Der Ehrgeiz und das Geld sind seine Götter. Er macht sich nie die Mühe, sich in die Seelenverfassung der kleinen Leute hineinzudenken, die er mit seinen profitlichen Anordnungen trifft und zwiebelt. „Noch etwas?“ - damit ist die Sache für ihn abgetan. „Ja, noch etwas“, erwiderte der Gsodmair verkniffen. „Wir möchten bitten, dass die Holzleseecheine nicht nur am Mittwoch, sondern auch am Samstag gelten. Ein Tag in der Woche ist zu wenig, sagen die Leute.“ „So? Sagen sie? Mir ist schon der eine zuviel. Ja, glauben Sie denn, ich kann bei meiner vielen Arbeit auch noch den Samstag erübrigen und mit den Forstgehilfen all diesen alten Weibern und Kindern und Burschen nachlaufen, die meinen Wald mit ihrer Holzklauberer unsicher machen, die mir grüne Aeste abreißen und das Wild vergrämen?“ „Es geht um das Brennholz für die ganz Armen“, entgegnete der Bürgermeister kalt. „Weiss ich, weiss ich, ich bin gewiss kein Unmensch. Aber die Leute müssen sich das eben einteilen. Müssen sich den Mittwoch für diesen Zweck freihalten. Meine Anordnungen sind alle so durchdacht und abgewogen, dass ich kein Jota davon ablassen kann. Was ich noch sagen will: Der Waldfrevler nimmt in erschreckendem Masse zu. Man hackt ganze Bäume ab, man fischt mir die Forellen weg, sogar Hasenschlingen haben wir gefunden. Aher wir fassen die Betreffenden schon noch. Besonders eine Familie ist darin gross. Sie wohnt am Dorfweiherr. Sie kennen sie auch. Aber ich schicke ihr noch den Gendarm auf den Pelz. Vielleicht bringen Sie diese unsere Klagen zur allgemeinen Kenntnis, Herr Bürgermeister.“ „Ich werde es in der Sitzung zur Sprache bringen, das ist ja meine Pflicht. Ich will

diese Dinge nicht in Schutz nehmen, aber sie kommen nur davon, dass es vielen halt so schlecht geht. Komm, Kern! Tag, Herr Verwalter!“ Draussen murrte der Wirt: „So, jetzt haben wir den Dreck im Schachter! Ich hab's ja gleich gesagt: Mit dem da drinnen, dem Böhm, kannst nichts verhandeln. Das ist ein ganz Gescheiter.“ Gsodmair kaute auf seinem Schnurrbart herum und sagte kurz: „Unsere Schuldigkeit haben wir getan. Komm, Wirt!“ Während sich die Schellenberger drüben eine Abfuhr holten, sass Professor Gottlieb Engasser in der Schlossbibliothek und schmückte in einem Schweinslederband, „Thesaurus rerum naturalium“ betitelt, zu deutsch „Schatzkästlein der Naturgeschichte“ und von dem alten Polyhistor Gesner verfasst. Der Professor sass äusserst unbequem auf der obersten Stufe einer hohen Staffelei und bohrte verlonnen an einem Wort herum, dessen mittelalterliches Latein nur schwer zu übertragen war. Er hockte verkrümmt, men-

aber hier gesagt werden, dass der Professor, dem sein Werk „Flora des Bayerischen Waldes“ ungleich mehr am Herzen lag, diese Nachforschungen nur sehr langsam betrieb, weil er sich in eigener Sache zu oft festlas und dann den übernommenen Auftrag völlig vergass. Gesner, zum Beispiel, schien eine wahre Fundgrube für strebsame Botaniker. Engasser hatte da eine famose Stelle gefunden. Die umständliche Beschreibung einer Wasserpflanze, mit der nur unser Brachsenkraut (Isoetes lacustris) gemeint sein konnte. Ausserst wichtig, was Gesner da über die Verbreitung der Pflanze mitteilt! dachte der Professor und machte eine angestrenzte, sorgenvolle Miene. Der mittelalterliche Gesner warf ihm einen ganzen Absatz seines Buches um. Engasser war so an das Nachdenken hingegen, dass er vollkommen überhörte, was unter ihm vorging. Tutschek hatte den Saal in Begleitung einer jungen Dame betreten und schreckte Engasser durch den Zuruf auf: „Hallo, Sie Bücherwurm! Sehen Sie mal, wen ich da bringe! Die werde Frau Gemahlin. Wenn ich nicht irre, will sie Ihnen eine Straf-

chelein widerten sie an. Dass sie hübsch und gut angezogen war, wusste sie selbst, und es bedurfte nicht der Bestätigung Herrn Tutscheks. „Es ist längst Essenszeit, Gottlieb. Ich möchte dich holen. Der Emerenz verbrennt ja alles. Hast du dich mal wieder festgelesen?“ „So spät ist es schon? Entschuldige, Vicki!“ Engasser klettert die Leiter herab, den Band Gesner behutsam wie ein gerettetes Kind in den Armen. Sein Gesicht war eine Anklage gegen die Welt, die ihn nie in Ruhe bei seinen Büchern liess. Er wusch sich mit abwesender Miene die Hände, die grau von Staub waren. Plötzlich begann er gereizt: „Du“ könntest mit Tutschek getrost etwas freundlicher sein, Vicki. Schliesslich hin ich in manchem auf ihm angewiesen.“ „Ich mag dieses aalige Getue nicht.“ „Aber du musst doch etwas Rücksicht nehmen auf meine Arbeit. Diese alte Bibliothek ist von geradezu unschätzbarem Wert für mich, wie ich dir schon auseinandergesetzt habe“, sagte der Professor ungehalten und putzte seine Brille. Die junge Frau schwieg. Sie hielt, offen gestanden, nicht viel von dieser Arbeit. Nicht, dass sie den wissenschaftlichen Fähigkeiten ihres Mannes misstraut hätte; aber sie war zu jung und zu sehr Weib, um verstehen zu können, wie ein Mensch sein ganzes Sinnen und Trachten auf trockene Begriffe wie Phanerogamen und Quirlständigkeit richtete. Und Professor Engasser badete sich geradezu in solchen Fachausdrücken. Diese „Arbeit“ nahm ihr den Mann weg, auf den sie ein Anrecht hatte. Sie passten überhaupt nicht recht zusammen. Der Gymnasialprofessor ausser Dienst, Gottlieb Engasser war fünfundfünfzig Jahre. Er hatte sich nach einer geringfügigen Meinungsverschiedenheit mit seinem Direktor vorzeitig in den Ruhestand versetzen lassen und litt im stillen unter dieser Voreiligkeit. Diesen und noch manche anderen Streiche hatten ihm seine Nerven gespielt, die nicht die besten waren. Ausserdem schlug er sich zu Zeiten mit Minderwertigkeitsgefühlen herum, obgleich ein tatsächlicher Anlass nicht vorlag. Darum die „Flora des Bayerischen Waldes“, mit welchem Buch er den Beweis der Tüchtigkeit vor sich selbst und der Kollegenschaft zu erbringen gedachte. Sie gingen einsilbig dem Dorfe zu. Engasser über ein Problem nachgrübelnd und in lässiger Haltung, Viktoria straff und offenen Gesichts, das für alles Naturschöne empfänglich war. Die Engasser-Villa lag auf einem Hang ausserhalb des Ortes. Sie war kein Neuhaus, sondern der Professor hatte, als er vor einem halben Jahr aus der Stadt hierherzog, ein altes Bauernhaus erstanden und dieses mit viel Kosten und Umständen umbauen lassen. Das fertige Haus war von aussen sehr nett und ganz dem Stil der Gegend angepasst. Aber innen war es unlegubar ein bisschen vermurkt, die Zimmer zu niedrig und zu klein, kurz, eine Quelle stetigen Aergers. Der Maurermeister schob die Schuld auf den Professor, der ihm fortwährend dreingeredet habe; der Professor seinerseits schalt den Baumeister einen Patzer, wie er nur in Schellenberg zu finden sei. Das Ehepaar ass stumm, was die alte Köchin Emerenz auftrug. Der Professor liebte während des Essens keine Gespräche. Er war unwillig, weil das Mundtuch im falschen Serviettenring steckte, woran natürlich Vicki schuld war. Aher er heanstandete es nicht, weil er sich noch immer mit dem alten Gesner herum-

Confeitaria Aeltestes und vornehmstes Haus Biennense Nachm. und abends gutes Konzert Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo

scheuern und versponnen gewissermassen auf einem Eiland, während rings um ihn gelehrte Flut quoll, Bücher, aus Regalen drängend, aus Kisten lugend, Tisch und Boden überschwemmend. Nun ja, er war wieder einmal beim Stöbern, bei der Durchsicht der vielen Bände, um die ihn die Fürstin Holiwa-Weissensee vor einem halben Jahr gebeten hatte. Und es traf sich ausgezeichnet, dass er diese Gefälligkeit für die Fürstin mit seinen persönlichen Interessen verknüpfen konnte; denn er hoffte, für sein eigenes Werk, an dem er seit langem schrieb und das seinen Namen bekannt machen sollte, hier neuen Stoff zu finden. Die Fürstin war eine nicht mehr ganz junge, aber lebenslustige Dame - Engasser hatte sie anlässlich eines Höflichkeitsbesuches auf dem Schloss kennengelernt - zur Verschwendung neigend, stets in Geldnöten, aber mit regem Spürsinn begabt, was Geldmöglichkeiten und Gewinnaussichten betraf. In letzterem glied sie durchaus ihrem Verwalter. Neuerdings hatte sie sich in den Kopf gesetzt, in der Schlossbibliothek müssten Kostbarkeiten vergehen sein, seltene Stiche, Wiegendrucke oder eine Lutherbibel, und nun wartete sie ungeduldig auf den Erfolg von Engassers Bemühungen, den sie für einen Fachmann in diesen Dingen hielt. Es muss

predigt halten, weil Sie nicht zum Mittagstisch kommen. Ich darf mich jetzt empfehlen, gnädige Frau? Es war mir ein Vergnügen. Kiiss' die Hand!“ „Sie hätten sich gar nicht zu bemühen brauchen, Herr Tutschek“, sagte Viktoria Engasser kühl. „Ich kenne ja den Weg in die Bibliothek.“ Auch zog sie rasch die Hand weg, so dass des Verwalters Kuss im Leeren landete. „Ich wollte mich nicht der Freude berahnen. Sie begleiten zu dürfen“, erwiderte Tutschek überschwenkelig. Er gehörte zu jener Sorte von Frauennägern, die durch nichts aus der Fassung zu bringen sind. Er sah in dem Tweedanzug und dem flotten Polohemd gar nicht übel aus, und man konnte sich vorstellen, dass er bei gewissen Frauen viel Glück hatte. Aher es schaffte Frau Engasser Unbehagen, dass und wie er sie mit seinen heissen, frechen Augen verschlang und dass er ihren Mann so geringschätzig behandelte. Merkte das Gottlieb denn nicht? „Na, denn auf Wiedersehen, liebe gnädige Frau! Adieu, Professerchen!“ verabschiedete er sich und knallte die Ahsätze zusammen. „Der Mensch ist mir schrecklich“, flüsterte Frau Engasser, als sich die Tür geschlossen hatte. Tutscheks plumpe Aufmerksamkeit, dieses Sicherandrängen, diese öden Schmei-

Zu den  
Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

# Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

## THEODOR WILLE & CIA. LTDA.

IMPORT - EXPORT - VERTRETUNGEN

LARGO DO OUVIDOR 2  
SÃO PAULO

Baumaterial  
Salz — „BRILHANTE“ und „THEWICO“  
Glatter Draht und Stacheldraht — „THEWICO“  
Sämtliche Düngemittel — besonders „RHENANIA-PHOSPHAT“  
Maschinen für sämtlichen Bedarf  
Eisenmaterial „Robel“  
Hydraulische Widder — „JORDÃO“  
Waagen aller Art — „THEWICO“  
Eisenbahnersatzteile — „RUHRSTAHL“  
Lokomotiv-Drehscheiben usw. — „VOEGELE“  
Lokomotiven, Strassenwalzen usw. „HENSCHEL“  
Turbinen und Maschinen für Papierfabrikation — „VOITH“  
Feuerlösch-Geräte — „FLADER“, „METZ“, „WINTRICH“ usw.  
Landwirtschaftliche Maschinen und Traktoren „CASE“  
Schmieröle und Fette — „GARGOYLE-MOBILOEL“  
Drahtlose Stationen — „LORENZ“  
Gefrieranlagen — „FREUNDLICH“  
Nähmaschinen „PFAFF“  
Flugzeuge aller Typen  
Kräne — „ARDELT“  
Schiffe jeder Art — „HOWALDT“  
Schiffsmotore — „DIESEL“ — „DWK“  
Autoreifen und Schläuche „CONTINENTAL“  
Mühlen für Reis und Mandioka — „STRECKEL & SCHRADER“

Generalagenten der

**Hamburg - Südamerikanischen  
Dampfschiffahrts-Gesellschaft**  
und der  
**Cia. Internacional de Seguros**

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente  
und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

**OTTO BENDER**

Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705  
Zeichenmaterial A. Nestler, Labr und Gebr. Hoff,  
Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten  
Vermessungsinstrumenten.

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135  
Aeltestes deutsches Möbelhaus  
Grosse Auswahl in kompl.  
Zimmern u. Einzelmöbeln.  
Auch TAUSCH und KAUF  
von gebrauchten Möbelstücken

schlug. Nach dem Essen schaltete Frau Engasser das Radio ein und freute sich auf die schöne Stimme Giglis.

„Nimm doch etwas Rücksicht auf meine Nerven, Vicki! Du weisst, ich kann mich bei Musik nicht konzentrieren“, sagte der Professor ungeduldig.

„Willst du mir verraten, was ich sonst tun soll?“ erwiderte sie gereizt und zog den Stecker aus der Dose.

„Ich habe dir schon oft gesagt: Nimm ein gutes Buch und lies!“

„Mit deinem ewigen Lesen! Nimm ein Buch, geh' spazieren, kümmere dich um die Wirtschaft — das sind so deine Rezepte gegen die Langweile. Gelesen habe ich nun genug, spazieren gehe ich auch jeden Tag, und den Haushalt besorgt die Emerenz und lässt sich nicht dreinreden. Also, was soll ich?“ entgegnete sie heftig und schluckte an Tränen. Dann setzte sie sich hockig aus Fenster. In der letzten Zeit gab es öfters solche Zerwürfnisse.

An manchen Tagen überfiel sie die Sinnlosigkeit ihres Daseins so stark, dass sie weinen musste. Keine Geselligkeit, kein Verkehr in diesem verschlafenen Nest, keine Kinder, kein Mann — ja, was soll ich denn bloss anfangen? dachte sie erbittert. Arbeit? Wo denn, bitte?

„Ich gehe jetzt wieder ins Schloss, Vicki. Immer noch böse? Du bist doch meine kleine, geschickte Frau! Wenn ich mit meinem Werk fertig bin, kann ich mich dir auch wieder mehr widmen.“

„Dieses schreckliche Buch wird ja nie fertig“, erwiderte sie traurig.

„Doch. Bald. Du musst nur noch ein bisschen Geduld haben.“

„Versprichst du mir, dass wir dann wieder in die Stadt ziehen, Gottlieb?“

„Wenn dir so viel daran liegt, meinestwegen. Aber nun adieu, liebes Kind!“

„Halt! Was willst du denn zum Abendbrot?“

„Abendbrot? Ach so. Na, irgend etwas. Ueberlasse das nur der Emerenz! Verzeih, ich habe es eilig!“ Fort war er.

Viktoria Engasser seufzte. Abendessen war nicht wichtig, aber wenn man seinen Geschmack nicht erriet, nörgelte er. Sie waren nun anderthalb Jahre verheiratet. Viktoria hatte ihren Mann, der schon damals mit seinen Nerven zu tun hatte, als Krankenpflegerin kennengelernt und ihn auf seiner Erholungsreise begleitet. Als der Professor um ihre Hand anhielt, hatten ihre Verwandten gedrängt und in sie hineingeredet, bis sie selbst nicht mehr wusste, was das Rechte war. Im Anfang ging alles gut. Dann kam diese übereilte Pensionierung. Mit der fing es an. Engasser war über die Massen empfindlich und leicht gekränkt; er hatte einen harmlosen Satz seines Vorgesetzten falsch aufgefasst und wollte später nichts mehr rückgängig machen. Sein grosses Vermögen erlaubte ihm diese Halsstarrigkeit. Und dann waren sie nach Schellenberg gezogen, weil der Professor sich viel von dem rauheren Klima versprochen und hier botanisieren wollte. Aber anstatt besser wurde es schlimmer mit ihm. Er wurde mehr denn je nervös, fahrig und aufbrausend, und es war ein schwacher Trost, dass ihn sein Benehmen hinterher reute.

Draussen ging der Postbote Ameiser vorüber. Er brachte die Zeitung und trug eine neue Dienstmütze, wie Viktoria mit Verwunderung feststellte. Sie lachte plötzlich hell auf. Da hast du das ganze Kaff! dachte sie beunruhigt. Eine neue Mütze ist hier schon ein Ereignis! Dann stahl sich der nächste Gedanke in ihr Hirn: Ich hätte Gottlieb nicht heiraten dürfen! Ich bin selber schuld an allem.

Aber weil ihr dieser Einfall irgendwie ungenügend erschien, wies sie ihn rasch von sich.

4.

Als Fogg mit Anna von Donkas Beerdingung in die Pension zurückkam, fand er zu seinem Erstaunen die Zimmertür unverschlossen. Das war um so befremdlicher, als er den Schlüssel in der Tasche trug und sich mit Bestimmtheit entsinnen konnte, den Schlüs-

sel zweimal im Schloss umgedreht zu haben. Sein Erstaunen schlug in lichterlohen Schrecken um, als er ins Zimmer trat. Sein grosser Kabinenkoffer mit den festen Messingbändern war aufgesprengt, und das darin befindliche Lacklederkofferchen, das er vor der Ueberfahrt in Lima gekauft hatte, war verschwunden. Teufel noch mal, so was konnte auch einem starken Mann in die Beine fahren! Ausserdem fehlten seine besten Kleidungsstücke; an den weniger guten Sachen, an den Reiseandenken und der Korrespondenz hatten sich die Gauner nicht vergriffen.

Seine ganzen Ersparnisse in Höhe von rund 12 000 Mark waren weg! Das war das Betrüblichste.

Fogg sank ziemlich erledigt auf den einzigen Stuhl seines ziemlich tristen Zimmers, schrie die Anna an, weil sie mit dem Heulen loslegen wollte, und schaffte zunächst einmal Ordnung in seinem wüsten Kopf. Einbruch, klar, man musste nach der Polizei schicken. Er sah natürlich ein, dass das ganze seine Schuld war. Er hätte das Geld entweder in diebessichere Verwahrung geben oder noch besser durch eine Bank gleich an seinen Bestimmungsort überweisen lassen müssen. Aber was nützte diese Einsicht hinterher?

„Na, das heisse ich ja reichlich Optimismus“, begrüßte ihn der von Anna herbeigeholte und bereits unterrichtete Polizeikommissar. „Wer hebt denn auch so viel Geld in einem Pensionszimmer auf? Wirklich leichtsinnig! Sie ermuntern die Leute ja geradezu.“

„Schimpfen Sie nicht, Herr Kommissar! Ich sehe ein, Sie haben recht. Aber ich komme aus einer Gegend, wo man nachts nicht einmal die Tür zuzusperren braucht.“

„Idyllisch! Da möchte ich meinen Bezirk haben. Wie heisst denn dieses freundliche Land?“

„Kolonie Santa Agatha in Peru.“

Dann nahm der Beamte den Tatbestand auf. Schliesslich sagte er: „Wir tun unser möglichstes, Herr. Aber versprechen kann ich zunächst gar nichts. Dass es jemand aus der Pension war, glaube ich kaum. Eher ein Bursche aus diesen Hinterhäusern. Die Jungs im Hafenviertel haben es nämlich in sich. Wenn ein Mann wie Sie in solche Spielunke zieht, ist das im Nu ausbaldowert. Und dann wird eben das Ding gedreht.“

„Mein ganzes Geld!“ stöhnte Fogg. „Ich bin jetzt blank bis auf die paar Mark, die ich in der Hosentasche trage. Schöner Empfang in der Heimat, muss ich sagen.“

„Na, verlieren Sie nur nicht gleich den Mut! Wir werden unseren ganzen Apparat in Bewegung setzen, darauf können Sie Gift nehmen. Aber seien Sie andererseits auch nicht allzu zuversichtlich. Wie es ausgeht, ist ein Räthsel.“ Er schrieb noch zwei Seiten seines Notizbuches voll, dann empfahl er sich.

Anna legte ihren Arm um Foggs Schulter und klagte: „Du tust mir so leid, Onkel Fogg! Du warst so gut zu uns, und nun ist das der Lohn. O Gott! O Gott! Man kommt aus den Aufregungen gar nicht mehr heraus in diesem Hamburg.“

„Lass nur gut sein, Kleines! Die Polizei hier ist sicher tüchtig. Vielleicht komme ich wieder zu meinem Geld“, tröstete er sich und das Mädchen; aber es war ein Trost, der nicht recht einschlug.

Einige Tage später erkundigte er sich, ob die Nachforschungen schon zu einem Erfolg geführt hätten. Man bedauerte. Es seien noch keine greifbaren Ergebnisse da. Er möge Geduld haben.

„Mein Geld ist nämlich alle. Bis auf den letzten Fünfer. Ich kann doch nicht ewig hier sitzen. Wie soll ich denn nach Schellenberg kommen?“

„Vielleicht wenden Sie sich an den dortigen Bürgermeister um ein Darlehen. Oder sprechen Sie bei der hiesigen Aerztervereinigung vor“, riet man ihm.

„Will mal sehen“, sagte Fogg, sich entfernend. Er war fest entschlossen, von diesem Rat keinen Gebrauch zu machen. Mit seinem Pech bei Kollegen hausieren zu gehen oder sich in Schellenberg als Bittsteller einzuführen, lag ihm nicht. Es müsste doch mit dem Kuckuck zugehen, wenn sich kein anderer Ausweg aus diesem Schlamassel finden liesse. Es hiess nur das Köpfchen anstrengen.

**Dralle Birkenwasser**  
enthält natürlichen  
Birkensaft

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

# KRANK?

Dann lassen Sie sich

## homöopathisch

behandeln. — In dem

**Dispensario Homöopático São Paulo**  
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

# Dr. Max Rudolph

Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe  
Röntgen-Beirahlungen

Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576  
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337

Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

# Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allgem. Chirurgie — Röntgenapparat  
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 10—12 Uhr  
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0033

# Dr. G. H. Nick

Facharzt  
für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr  
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371  
Privatwohnung: Telefon 8-2263

# Dr. Erich Müller-Caroba

Frauenheilkunde und Geburtshilfe  
Röntgenstrahlen — Diathermie  
Ultraviolettrahlen

Kons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30  
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua  
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

# Deutsche Apotheke Ludwig Schwedes

Rua Libero Badaró 45-A  
São Paulo / Tel. 2-4468

# Erwin Schmied

Dentist

Umgezogen nach

Largo Santa Efigenia 1  
3. Stock, App. 32

(Eingang von der Brille)

Sprechstunden  
von 8.30—18.30 Uhr, Sonn-  
abends: bis 12 Uhr mittags

# Deutsche Apotheke in Jardim America

Anfertigung ärztlicher Re-  
zepte, pharmazeutische  
Spezialitäten — Schnelle  
Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843  
Tel. 8-2182

# Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herren-  
schneiderei. Große Auswahl  
in nat. u. ausländ. Stoffen.  
R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

# João Knapp

Klempner, Installation.  
Regist. Rep. de Aguas und  
Esg. — Rua Monj. Passa-  
laqua 6. Telefon 7-2211.

# Uhren • Reparaturen

Deutsche Uhrmacherei  
**OTTO**  
Rua São Bento Nr. 484  
4. Stock, Saal 25

# Werner Pfeffer

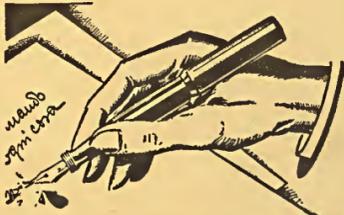
Nickelação Cambucy  
Rua Lavapés 801  
SAO PAULO

# Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Efigenia 225  
Ausführung aller ins Fach  
schlagenden Arbeiten  
**Hermann Radelsberger**  
(früher Heinrich Lutz)

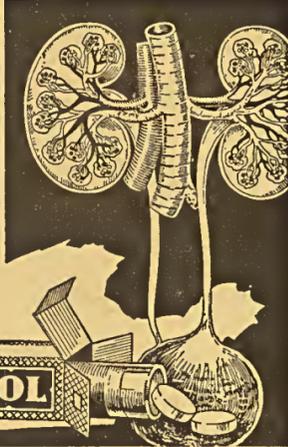
# José Süls

Griffaffige Schneiderei. —  
Mäßige Preise. — Rua Dom  
José de Barros 266, sobr.,  
São Paulo, Telefon 4-4725



## Der Füllhalter kleckst!

... weil die Tinte nicht richtig durch die Feder läuft. In der Regel muß dann der Füllhalter gereinigt werden. Wenn im menschlichen Organismus die Harnwege nicht mehr richtig funktionieren, muß auch unbedingt eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten durchgeführt werden. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



## CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE  
POST  
FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursul S. PAULO: r. Alvaro Penteado, 8  
Telef.: 2-7919  
Agentur SANTOS: r. 15 de Novembro, 19  
Telef.: 5001

# SOCIEDADE TECHNICA BREMENSIS

LTDA.

STAMMHAUS:

São Paulo - Rua Florencio de Abreu N° 139

## Maschinen u. Werkzeuge

fuer Metall-, Blech- und Holzverarbeitung, Elektr. Schweißmaschinen, Pumpen "Weiss" Feuerlöcher "Minimax", Schleifscheiben "MSO", "Alpine" Stahle, Elektrowerkzeuge "Fein", Landwirtschaftliche Maschinen.

## Graphische Maschinen u. Materialien

Jeder Art. Maschinen fuer Papierverarbeitung und Kartonnagenindustrie, Drucker-Materialien, "Intertyp" Schreibmaschinen, Vertrieb der Erzeugnisse der Schriftdruckerei "Fantymod", Moderne Reparaturwerkstätten, Messerschleifer, Walzengerei.

## Elektro Materialien

Großes Lager aller Installationsartikel, Drahte, Kabel, Motoren, Dynamos, Schallapparate, Elektrische Haushaltsartikel, Beleuchtungsgläser, Lampen, Stahlsauger und Bohrmaschinen "Progress".

## Feld- u. Eisenbahnmateriale

Alleinverkauf der Erzeugnisse der Orenstein & Koppel A. G. Dieselmotorlokomotiven, Straßenwalzen, Bagger, Großer Stock von Feldbahnmateriale und Schienen, Diesel-Fahrgestelle fuer Lastwagen und Omnibusse "Bussing-NAG".

## Cliché Fabrik

Autotypen, Strichsetzungen, Mehrfarbenclichés in höchster Vollendung, Entwürfe, Zeichnungen, Retuschen, Photolithos, Größte Anstalt Südamerikas.

## Abteilung Auto-Union

DKW — WANDERER — HORCH

Automobile

DKW Motorraeder

Ausstellungsraum und Reparaturwerkstätte

São Paulo - rua Ypiranga, 114-118

## Filialhaeuser:

RIO DE JANEIRO - CURITYBA - RECIFE

# Farben - Lacke - Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel  
für Hausanstrich und Dekoration

**Emilio Müller, R. José Bonifacio 114**

# "Zum Hirschen" Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561  
São Paulo Inh.: Emil Rössig

**Klöfner** Registrierung aller Ausländer —  
Pässe — Identitätskarten — Aus-  
und Rückreise-Visums — Überfugungen werden schnell  
und billig besorgt  
Rua Formosa 433, sobr. (bei der Post)

Er schlenderte gedankenvoll heimzu. Sein Magen knurrte laut und schamlos. Er hatte gestern seine besten Schuhe bei einem Trödler verkauft, um für sich und Anna wenigstens etwas zum Essen besorgen zu können. Da man aber für getragene Schuhe sehr wenig bekam, war das Geld schon wieder weg. Ihn selber machte so ein hisschen Hunger nicht viel aus, aber das Mädchen tat ihm leid. Vor einem Bäckerladen endlich, in dem Mohrenkräften, Brezeln und knusperige Brötchen ausgestellt waren, hatte er jenen Einfall, der ihm auch noch lange nachher als geradezu genial erschien: Er wollte es mit seinen Reislichthildern versuchen.

Er stürzte in die Pension „Heidenfroh“, schmiss den Hut auf den unsauberen Tisch und kramte in seinem grossen Koffer.

„Du, Onkel Fogg, hör mal!“ hegann Anna, die aus ihrem Zimmer herübergekommen war, schüchtern.

Aber Onkel Fogg hörte nicht und war ungeheuer geschäftig und betriebsam. Er feuerte Kleider und Wäsche herans. Die Bilder mussten ganz unten liegen. Richtig, da waren sie.

„Ich habe Hunger“, sagte das Mädchen Anna energischer.

Fogg dachte: Zum Glück hat dieser Pavan von einem Einbrecher mir wenigstens die Aufnahmen dagelassen. Aber welche nehme ich? Am besten wohl die Karibenfische. Ja, die und keine anderen! Das ist etwas Ausgefallenes, etwas Besonderes. Machen wir! „Onkel Fogg!“

„Ja.“  
„So hör doch! Ich habe solchen Hunger. Kannst du mir nicht ein bisschen Geld geben? Du mußt nicht denken, dass ich wehleidig und eine Heulliese wär' aber ich halte es einfach nicht mehr aus. Mir ist schon ganz schwach.“

Nun mach mal die Ohren auf, Anna! Siehst du diese sechs Bildchen? Aus denen mache ich jetzt Geld, so Gott will. Sie kommen in eine illustrierte Zeitschrift. Ich werde einen netten kleinen Text dazu schreiben. Ich bin zwar kein grosser Schriftsteller vor dem Herrn, und im Deutschen habe ich egal eine Drei gehabt, aber es wird schon gehen. Dazu brauch ich aber Ruhe. Also, halte gefälligst einmal die Klappe mit deinem Hungergebrüll und nimm dich noch ein paar Stunden zusammen. Ich bringe dir dann auch was Schönes mit. Wie denkst du über Prinzregententorte?“

„Decha, Prinzregententorte ginge wohl“, meinte Anna, und ihre betrübte Schnute heiterte sich auf.

„Also, dann Haltung und Marsch! Ich fange jetzt an.“ Fogg war so beschaffen, dass er nicht gleich nach jeder Schlappe die Waffen streckte. Man konnte mal am Boden liegen, kam vor, aber man durfte nicht ausgerechnet werden.

Um vier Uhr nachmittags betrat er das Redaktionsgebäude und zog bei Herrn Pachtelke, dem Portier, Erkundigungen ein. Um sechs Uhr stand er mit gezeichnetem Manuskript vor dem Schriftleiter. Die Zeit dazwischen kam auf Konto Warten und Geplänkel mit verschiedenen Zwischeninstanzen, die als Sicherung vor derartigen Ueberfällen eingehaut waren.

„Diese Sache wird Ihre Leser zweifellos interessieren“, begann Fogg mutig das Gespräch.

„Meinen Sie? Na, wir wollen mal sehen“, lautete die Antwort. „Um was handelt es sich denn?“

„Um Karibenfische, um Piranhas. Das hier sind die Aufnahmen. Scharf, nicht? Beste deutsche Kamera, Tropenmodell. Die Tiere werden etwa 30 Zentimeter lang, bevölkern manche Flüsse des nördlichen Südamerika und sehen ganz harmlos aus. Aber ihr Gebiss ist schauderhaft. Sie greifen Pferde, Rinder und badende Menschen gleich in ganzen Schwärmen an und lassen nichts als das Skelett übrig. Ich habe selbst einen solchen Fall erlebt.“

„Ein ganz hübscher Stoff. Gut, nehmen wir.“ Wohin soll ich Ihnen das Honorar überweisen?“

Fogg murmelte etwas von Geldknappheit, und der Redakteur verstand. Zehn Minuten später schwenkte er vergnügt einige Geldscheine in der Hand; es war mehr, als er erhofft hatte. Dann betrat er eine Konditorei; denn er erinnerte sich seines Versprechens.

Am nächsten Abend nahm Fogg Anna mit in die Stadt. Sie benötigte Schuhe, etwas Wäsche und ein paar andere Kleinigkeiten, die er ihr nun kaufen konnte. Donkas kärglicher Nachlass war von den Beerdigungskosten aufgezehrt worden, ja, es hatte nicht einmal ganz gereicht. Mit Verwunderung hatte Anna damals auf die Ziehharmonika und die blaue Seemannshose gestarrt, weil sie sich nicht erklären konnte, wie diese Dinge in den Besitz ihrer Mutter kamen.

„Vielleicht hat deine Mutter das Zeug auf einer Christbaumverlosung gewonnen, oder es stammt von jemand, der ihr was schuldig war. Zerhric dir doch nicht den Kopf darüber!“ hatte Fogg geschwindelt.

„Hör' mal, Onkel Fogg, diese Hose werde ich behalten. Als Andenken. Und das Bandoneon auch. Ich habe von Gorch Pitter das Spielen gelernt. Das lasse ich nicht versteigern“, hatte Anna gesagt. „Wenn ich mir zu der Hose einen weissen Pullover stricke — ist das was, meinst du?“

„In Schellenberg wirst du so ein Theater kaum machen können“, hatte Fogg gebrummt.

„Daheim? Warum denn nicht?“ Sie war von dem verrückten Gedanken mit dem Pullover nicht mehr abzubringen. Auch wollte sie manches über ihre Mutter wissen, und Fogg hatte gerade genug zu tun, dass er sich durch dieses Gestrüpp von heiklen Fragen durchwand. Von ihrem Vater wusste Anna soviel wie nichts. Er war seit vielen, vielen Jahren tot, hatte ihr die Mutter gesagt; warum sollte sie daran zweifeln?

Und jetzt also ging das Paar Fogg-Anna durch die schönen, festlich beleuchteten Strassen Hamburgs, und kleine Pakete hantelten von den Händen. Das Fräulein aus Hamelskoog, bereits etwas fröhlicher im Gemüt, hatte sich bei ihrem Begleiter kameradschaftlich eingehängt und kam sich sehr beschützt vor. Sie zog den gutnütigen Fogg vor tausendmündige Auslage, und er musste mit ihr all diese neuen und herrlichen Dinge bestaunen, die es im Umkreis Gorch Pitters nicht gegeben hatte. Nein, Hamelskoog hatte auch nicht cuttern Ähnliches aufzuweisen. Fogg bewunderte selbst seine überirdische Geduld und beantwortete die vielen aufgeregten Fragen, so gut er konnte. Anna war wie ein Kind, das einen grossen Schmerz schnell vergisst und sich willig von fremden und blendenden Dingen einfangen lässt.

Zum Schluss führte er sie durch das Budeviertel von St. Pauli. Ein wenig Zerstreung tat ihr not, und sie würde ähnliches ja nun lange nicht mehr haben. Als sie vor einer Schliessbude standen, gab Anna keine Ruhe, bis auch er sein Glück versuchte. Ein molliger kleiner Teddybär stach ihr in die Augen. Fogg schoss den Teddybär heraus, und Anna war seelig. Dann erklärte er ihr den Mechanismus eines Floberstutzens und den einer Pistole. Er zeigte ihr, wie man zielen und abdrücken muss und worauf es ankommt. Weil sie beim Schiessen einigemal patzte, war sie sehr unglücklich.

„Ich könnte mich ohrfeigen, weil ich gewackelt habe und es nicht so gut wie du mache, Onkel Fogg! Du bist ein feiner Schütze. Bist du auch stark?“ erkundigte sie sich vor dem nächsten Stand, einem Kraftmesser.

„Furchtbar!“ lachte er und gab dem torpedoähnlichen, auf Schienen gleitenden Ding einen Stoss, dass es davonschnellte und sich die kleine, an der Stirnseite angebrachte Patrone mit lautem Knall entzündete.

„Du bist ja schrecklich stark!“ sagte Anna bewundernd. „Und reiten kannst du wohl auch?“

„Ziemlich. Drühen verbringt man ja das halbe Leben auf dem Pferd.“

„Dann bist du genau wie Josi“, sagte sie begeistert.

„Wie was?“

„Wie Josi, der in meinem letzten Roman vorkam. Bei Gorch Pitter haben wir am Abend immer so Hefte gelesen, noch. Der Wildschütze und die Grafentochter. Der Einsiedler am Starnberger See. Und zuletzt die Blutgräfin Barthory. Huch, war das spannend! Und Josi war ein junger armer Förster, der alles konnte und die Gräfin entlarvt hat. Ist es dir recht, wenn ich dich „Josi“ nenne?“

„Ich finde „Gosi“ ausgezeichnet“, erwiderte Fogg mit gemachtem Ernst.

„Nöch? „Josi“ klingt viel besser als „Onkel Fogg.““

## Gute Nerven - heiterer Sinn

Es ist schon so, ein nervös veranlagter Mensch kann seinen Mitmenschen auf deren noch „gesunde Nerven“ fallen. Meist sogar ohne es zu wollen.

Nervös sind wir eigentlich so ziemlich alle oder wir halten uns wenigstens dafür. Wo der Einzelne im Berufsleben auch seinen Mann stellen mag — das Hasten und Treiben der Umwelt wird von Tag zu Tag grösser und lauter. War es gestern das Radio, so wird es morgen die Fernsehtechnik sein, die uns immer neue und intensivere Eindrücke vermittelt.

Dazu kommt, dass wir in einem sehr warmen Klima leben, welches an sich schon höhere Anforderungen an unseren Organismus stellt. Um den notwendigen Ausgleich zu schaffen, ist es deshalb ratsam, jedes Jahr eine Kur mit Tonofosan durchzuführen. Tonofosan gibt den Nerven neue Kraft und hebt das Allgemeinbefinden oft schon im Beginn der Kur. Tonofosan ist ein Bayer-Produkt — man kennt es überall.

## Vor Annahme falschen Geldes

schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr  
Eröffnen Sie ein Konto beim

## Banco Allemão Transatlantico

RUA 15 NOVEMBRO 268  
und zahlen Sie Ihre Rechnungen  
**per Scheck!**

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

## VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.  
Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178  
Tel. 1. 9-2161, 9-2162, 9-2163

## Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt „Saxonia“

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396  
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

## Juckt es, dann niemals kratzen



weil es sonst meist schlimmer wird. Dagegen ist das bewährte Mitigal von unvergleichlicher Wirkung gegen Stiche, Juckreiz, Krätze und gewisse andere Hautaffektionen. Befreien Sie sich von diesen lästigen und unangenehmen Reizzuständen und lassen Sie sich immer von dem Rat leiten: Juckt es, dann niemals kratzen.



Nimm **Mitigal**

## Dres. Lehfeld und Coelho Dr. Walter Hoop

Rechtsanwälte  
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,  
Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11 - 16 - Postfach 444

## Anzüge macht gut und billig Henrique Dietsch

Av. S. João 345 - App. 2 - Tel. 4-3196

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

## Casa Brasil Damenschuhe

bis zur Nr. 40

Wohnung Louis XV., japanische Form 40\$000, 45\$000  
Das Haus, welches bestens bedient und reelle Preise hat.

Rua Santa Epiphania 285  
nahe der Rua Aurora

## Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

## Banco Germanico

da America do Sul  
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)  
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5  
Santos, Rua 15 de Novembro 114

## Ostern muss man Backen



und eine tüchtige Hausfrau lässt sich das auch nicht nehmen, denn sie weiss, wieviel Freude sie damit macht. Ausserdem darf sie auf ihre Kunst, gut Backen zu können, wirklich stolz sein.

Viele Anregungen zum Backen empfangen Sie aus "Dr. Oetker's Rezeptbuch" welches Sie in den besseren Lebensmittelgeschäften erhalten. Sie brauchen zum Backen Dr. Oetker's

## Backin (Fermento Allemão)

Dr. Oetker's Vanillinzucker und „Farinha Baby“, feinsten Maissstärkepulver. Als Nachtisch servieren Sie einen der köstlichen Oetker-Puddinge.

Alleinhersteller in Brasilien:  
**WALTER HUSMANN, Nahrungsmittelfabrik**  
SÃO PAULO - CAIXA POSTAL, 2599

„Natürlich, aber jetzt wollen wir heimkehren und ausschlafen. Morgen früh geht's nach Schellenberg. Komm, Anna!“

Von der Bahnstation nach Schellenberg sind zwei Wegstunden. Fogg hatte in der Bahnhofsverwaltung ein Handwägelchen entliehen für das Gepäck. Obenauf thronte, in Wachstum gehüllt, das Bandoneon. Es war kein standesgemässer Einzug für einen Arzt, fand Fogg und war unzufrieden. Aber Mietanto wollte er sich nicht leisten, damit der haarscharf ausgeklügelte Etat nicht umgestossen würde. Zum Glück war es dunkel, als man anlangte.

Um neun Uhr rückten sie vor seinem alterlichen Haus an, das gleich am Ortseingang bestand. Einige Sterne schwammen blass und beziehungslos am dämmerigen Firmament. Irgendwo bellte ein Hund, langgezogen und klagend. Fogg schob den Riegel des Gartenpfortleins zur Seite und sagte: „Nun sind wir da, Anna.“ Er stellte fest, dass viele Zaunlatten fehlten und ein Fensterladen schief in den Angeln hing. Auch eine Scheibe war zerbrochen. Acht Monate sind eine Menge Zeit für ein herrenloses kleines Haus.

Fogg drückte auf die Klinke der Haustür. Sie gab nicht nach, natürlich. Der Schlüssel war ja beim Bürgermeister. Fogg vergass seine Begleiterin und lehnte die Stirn an den Türpfosten. Dieses Stück Holz, wurmstichig und vom Alter geheizt, war Heimat und Erinnerung. Doktor Fogg, ein trotz seines zupackenden Wesens stark nach innen lebender Mensch, hatte ein paar Sekunden lang das durch nichts hegründete Gefühl: Jetzt muss der Vater den schiefen Laden aufstossen und poltern: „Kommst du endlich heim, du Ausreisser? War eine schöne Dummheit, so davonzulaufen! Wart, ich mach' dir auf!“

Aber niemand stiess einen Laden auf. Fogg liebte mit seinen Fingern das risige Holz, dann drehte er sich rasch herum. „Die Koffer schieben wir einfach unter das Vordach. Da stehen sie gut. Und jetzt müssen wir vor allem zum Bürgermeister.“

Anna, naiv zwar, aber auch helläugig, hatte unterdessen die Umgebung gemustert. Sie fand alles ein bisschen zu bescheiden für einen künftigen Arzt Haushalt. Das Anwesen Gorch Pitters war entschieden ansehnlicher gewesen. Sie fror und hauchte ihre Nasenspitze; auch müde war sie und sehnte sich nach einem Bett.

„Kuck, beim Bürgermeister haben sie noch Licht!“ freute sich Fogg. Ein kohlrähen-schwarzer Zottelhund mit feurigen Augen bellerte hinterm Zaun, als Fogg bei Gsodmair aus Fenster trommelte. Lichtbalken fielen auf die Dorfstrasse.

„Stefan, ich bin's — der Fogg!“  
„Lass dich anschauen. Gut siehst aus. Und das ist wohl deine Frau, wenn man fragen

darf? Eine saubere hast dir da ausgesucht, Respekt! Kommt nur 'rein, alle zwei!“ begrüßte sie der Bürgermeister und hielt den Hund am Halsband.

„Nicht meine Frau, meine neue Hauserin“, stellte Fogg richtig und sah ein wenig verlegen drein. Der Gsodmair ist auch nicht jünger geworden, dachte er. Hübsch viel graue Haare hat er. Ist doch bloss etliche Jahre älter als ich. Aber sonst ist er ganz wie früher. Gross, sehnig, echte Waldlergestalt.

„Meine Alte ist bereits im Bett, müsst schon entschuldigen! Sie ist nicht recht wohl auf seit einigen Wochen. Die kriegst du nächstens auch in die Kundschaft, Josef. Schön, dass du lergefunden hast. Hoffentlich hältst du aus und machst's es nicht auch wie die anderen?“

„Kennst du mich so schlecht? Da müsst' schon was Besonderes daherkommen, Gsodmair. Drüben war's auch kein Honigschlecken, lass dir sagen.“

„Reich wirst du hier nicht, das weisst du so“, meinte der Bürgermeister, seinen Besuch in die grosse Wohnstube führend. „Aber wenn du uns brauchst, man kann nie wissen, dann sind wir da. Es war schon ein arges Gefrett ohne Doktor. Und den von Urfehrlin lersprengen, den weiten Weg, war auch so eine Sache. Also, guten Einstand, Josef!“ Er hielt Fogg seine Hand hin.

Dies war eine ausserordentliche lange Rede für den wortkargen und bedächtigen Mann. Hierherum war man nicht übermässig gesprächig. Aber wenn sie ein Wort aus sich herausquetschten, dann hatte es Hand und Fuss und sass.

„Habt's schon zu Abend gegessen?“  
„Wir möchten dir keinen Unmuss machen, Stefan. Ich bin bloss um die Schlüssel gekommen.“

„Blech! Martl, schau dich mal in der Kuchl um, was noch da ist! Das sind meine drei Buben. Grossmächtige Lackl, gel? Der Martl, der Lenz und der Hansel. Und jetzt setzt euch nieder! Das Fräulein soll sich auf den Stuhl setzen, und du wirst auf die Ofenbank wollen?“

„Akkurat so, Stefan.“  
„Redst noch hübsch waldlerisch.“  
„Bin ja nef aus der Übung kommen. Von der ganzen Kolonie soll ich übrigens schöne Grüsse ausrichten. Was sonst los ist, erzähl' ich dir später einmal.“

Dann sassen sie um den grossen Tisch herum, der schräge Beine und eine Fussleiste hatte. Das „Urfahrner Tagblatt“, ein Laib Brot und ein landwirtschaftliches Lehrbuch, in dem der Martl gelesen hatte, lagen auf der blankgeschuerten Platte. Es gab Geschlechtes und Bärenwurzschmups und für die Anna ein Glas Milch. Fogg berichtete sein Pech mit dem Einbruch. Der Gsodmair und seine drei Buben horchten zu. „Was es für

Bazi gibt!“ sagte der Gsodmair staunend. Der Martl schickte zuweilen einen andächtigen Blick zu dem Fräulein hinüber, das gesittet ass und das bemalte Glas mit zierlichen Fingern zum Munde führte. Wenn ihr Schnäuzchen daraus auftauchte, hatte es einen weissen Schnurrbart ringsum von dem Rahm. Der Martl war ein sauberer, starker Bursch über die Zwanzig und erst vor kurzem aus Passau zurückgekommen, wo er die Landwirtschaftliche Winterschule besucht hatte. Anna deutete ihm so schön wie die geschnitzte Heilige im Passauer Dom, die er immer bewundert hatte.

Anna hingegen fand es wunderbar, in dieser blitzsauberen, anheimelnden Stube zu sitzen und zu schmausen. Schmalhüftig, biegsam und mit wachen Augen trank sie die ganze Umwelt in sich hinein, als wollte sie sich ein für allemal ein Bild von dem neuen Wohnort schaffen. Ein grasgrüner Kachelofen war da mit ein bisschen Wäsche auf den Trockenstangen, eine schnurrende Katze, baumlange, stotzige Mannsbilder; fromme Bilder und verhasste Photographien blickten von den Wänden, und steifweise Vorhängelchen und blühende Blumenstöcke schmückten die Fenster.

„Das ist schon ein Saupech, ein miserables!“ stimmte der Gsodmair dem Fogg bei. „Sticht dir der Kerl einfach das ganze Gerstl! Ich sag's ja — die Stadt. Was tust denn jetzt nachher?“

„Was werd' ich tun? Nix. Abwarten, ob ich mein Geld wiederkrieg“. Wird halt der Wald daran glauben müssen“, knurrte Fogg grimmig. „Ich brauche doch Geld für den Anfang. Mit nichts kannst du so eine Praxis nicht aufmachen.“

„Um den Wald wär's ewig schad“. Hast vielleicht schon einen Käufer?“  
„Keine Spur. Deswegen möcht' ich dich ja fragen.“

„Ja mei, da schaut's bö's aus. Hat keiner ein Geld, Höchstens ein Holzhandler zum Schlagen.“

„Der Wald muss bleiben, Gsodmair. Wär' ja eine Sünd.“

„Dann kommt nur das Schloss in Betracht. Sonst weiss ich dir keinen Rat. Die drohen haben jetzt einen neuen Verwalter, den Tutschek. Der ist scharf auf guten Boden und schönen Wald.“

„Gut, ich will's bei ihm probieren.“

„Wenn der hört, dass du verkaufen musst, zieht er dir das Fell über die Ohren. Das muss man anders anpacken. Hinten herum. Ich mach' so unter der Hand bekannt, dass du als Arzt mit deinem Wald nichts Rechtes anfangen kannst und ihn vielleicht hergibst, wenn ein rechtschaffenes Angebot kommt. Selber muss der Tutschek kommen, verstehst? Du kriegst auch so noch wenig genug; wir haben ja schamlose Holzpreise.“

„Und jetzt erzähle mir vom Vater, bitte!“

„Der ist rasch gestorben. Schier ein bisschen zu schnell. Der Doktor von Urfehrlin sagt, es sei Gehirnschlag gewesen. Deine Stiefmutter hat ein halbes Jahr vor dem Vater eingeliefert, auch ganz plötzlich. Das mit der Leich' hab' ich besorgt, wie es recht war. Die Rechnungen liegen in meinem Pult. An Bargeld ist nichts übriggeblieben, kein Pfennig. Morgen früh schaut du dir dein Anwesen an. Es gibt manches von Herrichten. Ich gehe dir gern an die Hand, wenn du ein Fuhrwerk brauchst oder sonst eine Hilfe.“

„Dank schön, Gsodmair! Ist unser „Beritt“ noch vollzählig?“

„Es leben noch alle. Der Kern hat die Wirtschafft von seinem Vater übernommen, der Schuster Ameiser ist jetzt Postbote, und der Fenzl hat einen Haufen Kinder und ist der alte Hallodri.“

„Das freut mich aber, dass sie noch alle da sind“, sagte Fogg versonnen. Die letzten Minuten der Donka Stransky fielen ihm ein, er hielt aber den Mund.

„Ich mein', wir gehen jetzt schlafen. Das Fräulein wird müd' sein von der langen Reise. Ihr bleibt die erste Nacht natürlich bei mir. Oder willst du vielleicht bei dir daheim auf dem Fussboden schlafen? Ist ja nichts gerichtet. Also mach' keine Geschichten, Josef!“

Der Bürgermeister zündete eine Kerze an und geleitete Fogg in eine Schlafstube. Der Martl führte die Anna in eine andere. Der Gsodmairhof war neben dem des Gastwirtes Kern der grösste im Ort. Der Martl nahm seinen ganzen städtischen Schliff zusammen, ging voran und leuchtete. Unter der Tür besann sich das Mädchen einen Augenblick.

„Aber unser Gepäck steht noch vor der Schmiede —“  
„Dem tut keiner was, Fräulein. Hier sind sie nicht so gefährlich wie in Hamburg. Ich wünsche angenehme Ruhe, und träumen Sie recht schön!“

Als er auf den Zehenspitzen die Stiege hinabging, murmelte er: „Teifl, Teifl, das ist eine Feine! Die könnt' einem schon gefallen!“

In aller Herrgottsfrühe wanderte Fogg mit Anna hinüber in sein Haus. Zarter Reif lag auf den Dächern, und um die Bergkuppen wolkten spinnwebdüne Nebelschleier.

„Euer Dorfschule hat einen mächtigen Hof“, plauderte das Mädchen. „Es sind nette Leute, nöch? Und das Essen schmeckte schön. Die Butter war ganz gelb.“

„Ja, beim Bürgermeister haben sie, was sie brauchen. Aber mache dir nur keine falschen Vorstellungen von Schellenberg. Es gibt hier viel Armut. Du wirst das schon noch herausbekommen.“

(Fortsetzung folgt.)

# Razões Judaicas / Pelo Prof. Dr. Joh. von Leers

Na edição de 20 de outubro de 1939 da revista judaica „L'Avenir Juif“, que se publica em Bruxelas e Antuerpia, o judeu Albert Faraggi escreve: „Depois da catastrophe que atingiu nossos desafortunados irmãos na Polónia, a direcção sionista tem de ser transferida para os Estados Unidos da America do Norte. Apesar de toda a conversa e afirmações em contrario, o judaismo norte-americano entrou apenas com uma reduzida contribuição moral e material em prol da causa sionista. Mais da metade do nosso povo encontra-se sem actividade, e seria arriscado, acreditar, que Londres e Jerusalem estariam em condições de dominar a situação. O „clima“ na Europa é suffocante, ao passo que em Washington e Nova York se respira um ar bem diferente. O comité genebrino, que representa o movimento sionista dos Estados Unidos, é inadequado e inefficiente. Em todo caso, o „Comité Provisorio para Assumptos Sionistas“ („Provisional Committee for Zionist Affairs“), organizado em 1914 por Louis Brandeis, era bem superior. Hoje necessitamos de algo maior, afim de podermos fazer face á nova situação. O judaismo dos Estados Unidos da America do Norte revelará suas formidáveis forças sómente quando pensar sobre elle a responsabilidade historica que lhe é imposta pelos acontecimentos no Continente europeu.“

E' mais que evidente, que a responsabilidade historica consiste na tarefa de lançar os Estados Unidos na guerra e de interessar a economia estadunidense, passo a passo, a começar pela suspensão do embargo sobre a exportação de armas até ao mais recente contrabando de armamento na fronteira canadense, no conflicto com a Alemanha, afim de alcançar, assim mesmo, o velho objectivo judaico de liquidar o povo teuto pela guerra e de conquistar para si novos direitos, como seiores, sobre a Alemanha. A folha judaica „Zionist Record“, de Johannesburgo (Africa do Sul), deixou bem claro esse alvo: „Os judeus de todo o mundo estão longe de se conformar com a situação de inferioridade que a Alemanha lhes impoz. Reclamam seu direito elementar de cidadãos tanto da Alemanha como de qualquer outro Estado em que vivam e trabalhem. Persistirão numa luta incessante e empregarão todos os recursos ao seu alcance, afim de atingir o restabelecimento do seu direito na Alemanha e conseguir a outorga do direito onde quer que este esteja ameaçado.“

Mas o povo estadunidense vê claramente, para onde o pretendem arrastar. No jornal „The Free American“ (O Americano Livre) lê-se a seguinte carta dirigida á respectiva redacção por um norte-americano de nome Arcie: „Enquanto nenhum povo desceja de coração uma guerra, só o judaismo internacional faz ahí uma excepção. Não possuem terra nenhuma, dahi a razão por que pouco se incommodam com o bemestar de um paiz. Porisso, todas as questões em torio da paz dos povos devcm ser resolvidas contra os judeus. Georg Bernhard, judeu e conhecido jornalista na Alemanha da era anterior a Hitler, vivendo hoje em Paris como emigrado, edita um jornal em lingua allemã em que publica as conhecidas deturpações e as mais infames falsidades: novidades de Praga, Londres e Paris sobre a Alemanha e procedentes de fontes de primeira mão e de personalidades de destaque, cujos nomes não podem ser citados, etc. Além disso, escreve ainda para outros jornaes, desde que alguém se promptifique a pagar algo pelos seus artigos. Escreveu elle no semanario judaico „The New World Stage“ (O Palco do Novo Mundo), N.º 35, de 1. de setembro de 1938: „A coisa não pôde proseguir neste andar; se não tivermos, já e já, uma nova guerra mundial, 150.000 a 200.000 judeus terão de abandonar a Alemanha.“ Affirma sem rebuços, que uma nova guerra mundial seria necessaria no interesse dos judeus. Se milhões e milhões de não-judeus fossem mortos nessa guerra, tanto melhor, porquanto só os elementos sãos e capazes dos povos se matariam reciprocamente. Assim, os restantes poderiam ser mortos tanto mais facilmente. Comprehen-

demo, portanto, porque os judeus insistem em fazer sobretempo, notadamente nos nossos Estados Unidos, no seu afã-em precipitar-nos na guerra. E uma vez que temos, já agora, 10-15 milhões de sem-trabalho, uma nova aventura redundaria, sem duvida alguma, no aniquilamento dos não-judeus.“

A excelente revista italiana „La Vita Italiana“ chama esta guerra abertamente de „gigantesca manobra financeira judaica“. „Na hypothese de uma victoria, o judaismo ganhará dinheiro; na hypothese de uma derrota, o judaismo ganhará, igualmente, muito dinheiro. Mais de 80 por cento do ouro mundial já se encontram nos Estados Unidos da America do Norte. Depois desta guerra, cem por cento do ouro estarão presos nos bancos judaicos dos Estados Unidos. Estarão os francezes, realmente, dispostos a morrer para favorecer essa gigantesca especulação judaica que já foi annunciada nas „actas dos sabios de Sion“?“

Proseguindo, a folha italiana diz, sem reservas: „A Inglaterra declarou a guerra á Alemanha, sem nenhum motivo nacional: ninguém ameaçou a unidade do reino. Nisso, a Inglaterra luta em evidente inferioridade militar. E' este o esquema do drama, que exige muita attenção do espectador, pois a tragédia é maior que a de Agamemnon e dos amantes das bellas e inficis mulheres (refere-se á guerra de Troya). A preparação desta guerra inglesa não constitue segredo algum: todo o mundo conhece as etapas dessas premeditações e os nomes dos principaes or-

## Irradiações especiaes

para o Brasil em Lingua Portugueza

das 18,50 ás 23,00 horas pelas emissoras

DJQ — 15280 Kilocs — 19,63 metros e

DJP — 11855 Kilocs — 25,31 metros

Transmissão do Noticiario de ultima hora

todos os dias ás 20 e ás 22 horas (hora local)

ganizadores são conhecidos. Lemos as palavras do judeu Ludwig em seu livro „A Santa Alliança“, com que affirma, que Hitler será forçado á guerra. Sabiamos antecipadamente, que Eden, o representante de poderes secretos, tomaria parte, algum dia, em caracter official, na orientação da guerra britannica. Ao se falar em poderes secretos, lembramo-nos, immediatamente, da maçonaria internacional. Ao se dizer maçonaria, os pensamentos voam para os Estados Unidos da America do Norte, pois lá possui sua sede a seita maçon B'nai B'rith, isto é, o estado maior da maçonaria, constituído exclusivamente de judeus. São esses os irmãos que trabalham no templo de Salomão, protegidos pela aguia imperial, sob a divisa „Deus meumque jus“ (Deus e meu direito). Sabemos que o mesmo distico é encontrado na fachada das lojas maçonicas e nas repartições do Intelligence Service. Os jornaes revelaram, nas vespéras desta guerra, o caminho dos alizadores de guerra, da Europa aos Estados Unidos. Ludwig encaminhou-se para os Estados Unidos, afim de receber instruções directas do presidente do judaismo. O judeu Jean Zay teve a mesma necessidade premente.

Eis, portanto, as razões por que uma folha judaica na Belgica escreve, triumphante, que o judaismo transferiria seu centro para os Estados Unidos da America do Norte! Essa tolia italiana neutra revela coisas pelas quaes ella está prompta a assumir a responsabilidade. Nos Estados Unidos, porém, as massas populares devem acautelar-se acerca daquillo que certas forças premeditam a seu respeito. E pôde-se constatar, com satisfação, que a agitação contra uma participação dos Estados Unidos nesta guerra europea augmenta de dia para dia. Jamais deve-se esquecer, ao considerarem-se todos os phenomenos secundarios, o que se encontra por trás desta guerra: é o judaismo universal.

## Englands Zwingburg „The Downs“ / Zwang und Kontrolle für die neutrale Schiffahrt

Das Wort „The Downs“ hat einen eigentümlichen Klang. Immer, wenn England einen Krieg gegen kontinentaleuropäische Nationen geführt hat, ist die Bezeichnung „Downs“ auch weiteren Kreisen ein geläufiger Begriff geworden. Allen Seeleuten sind die Downs ohnehin bekannt. Auch seit Ausbruch dieses Krieges ist wieder viel von ihnen die Rede. Was sind sie, wo sind sie und was bedeuten sie?

Mit dem Worte Downs werden in Südostengland verschiedene Dinge bezeichnet. Einmal sind sie die Namen für zwei landschaftlich hübsche Höhenzüge, die sich zwischen London und der Küste der Grafschaften Hampshire, Sussex und Kent hinziehen. Der Ausdruck Downs wird weiter auf Sandbänke angewendet, welche der Küste von Kent zwischen den Leuchttürmen North Foreland und South Foreland vorgelagert sind. Wer an diesem Küstenteil Englands entlanggefahren ist

oder zwischen den Städten Dover und Deal eine Klippenwanderung unternommen hat, muss sie gesehen haben. Wenige Kilometer nordöstlich von Dover befindet sich bei dem wunderschönen Dorf St. Margaret-at-Cliffe der geographisch bedeutsame Punkt, von dem die französische Küste nur etwa 33 km entfernt ist. Zu beiden Seiten erstrecken sich hohe Klippen, die als die grauweißen Kreideklippen Englands allen Reisenden vertraut sind, wenn sie die Fahrt zwischen Ostende oder Calais und Dover oder zwischen Boulogne und Folkstone unternommen haben. Steht man an diesem Teil der Küste von Kent auf den jäh abstürzenden Kreideklippen, so schweift an klaren Tagen der Blick über die Strasse von Dover bis zur französischen Küste. Namentlich am Spätnachmittag ist das gegenüberliegende Frankreich oft deutlich zu sehen. Bei besonders klarer Luft, wie sie auch in England einige Male im Jahre anzutreffen

# Seit 75 Jahren ist der Name Steyr ein Begriff für höchste Qualität in aller Welt

Kraftwagen  
Fahrräder  
Spezialfahrzeuge  
Wälzlager  
Waffen  
tragen dieses Zeichen ihrer Güte



Steyr-Daimler-Puch  
Aktiengesellschaft  
Steyr · Graz · Wien · Berlin

ist, kann man mit blossem Auge Schornsteine und Kräne am Hafen von Calais, Leuchtturm und Häuser am Cap Gris Nez und die grösseren Hotelbauten des kleinen französischen Seebades Wimereux deutlich erkennen. Es bedeutet mehr als einen seltenen landschaftlichen Genuss, diese Meerestrennung zwischen England und Frankreich mit unbewaffnetem Auge gemeistert zu haben; es handelt sich hierbei um ein Erlebnis, das zum Verständnis der englischen Aussenpolitik und darüber hinaus der Britannischen Geschichte von den Phöniziern und Cäsar bis auf den heutigen Tag ausserordentlich viel beiträgt.

Eine kurze Strecke nördlich von St. Margaret's-at-Cliffe hört die Steilküste auf. Etwa auf halbem Wege nach Deal, wo Cäsar landete, als er von Gallien herüberkam, wird die Küste plötzlich flach und sandig. Parallel zur Küste sind langhingezogene Sandbänke anzutreffen. Dies sind die berühmten Goodwin Sands. Gleichzeitig sind sie auch berüchtigt, denn manches Schiff ist hier gestrandet und mancher Seemann hat hier bei Nacht und Nebel den Tod gefunden. Mehrere Feuerschiffe zeigen der Schiffahrt den Weg durch die gefährliche Wasserstrasse, und das südlichste dieser Schiffe trägt auf seinem Rumpf den Namen South Goodwin, der mit dem Glase aus mehreren Meilen Entfernung, auch von den Klippen bei St. Margaret's, zu lesen ist. Die Goodwin Sands bieten Schutz gegen Stürme und bilden gleichzeitig eine ausgezeichnete Reede, wo viele Dutzende von Schiffen gleichzeitig ankern können.

In normalen Zeiten wird diese Schiffsstrasse, eine der wichtigsten in der Welt, zu allen Tages- und Nachtzeiten stark befahren. Die meisten Schiffe, die aus dem Aermelkanal kommen und Kurs auf London, auf ostenglische, ostschottische, belgische, holländische, deutsche und nordeuropäische Häfen nehmen, kommen an den Goodwin Sands vorbei. Während die Schiffe in normalen Zeiten teils westlich, teils östlich von den Goodwin Sands dahinfahren, legen die Engländer jetzt alles darauf an, die neutrale Schiffahrt an die Westseite der Sandbänke, mit ande-

ren Worten, in die Downs hinein- und damit ganz nahe an die englische Küste heranzubringen. Ein Blick auf die Karte zeigt, was wir meinen. In der Strasse von Dover und am Eingang zur Nordsee befindet sich ein englisches Warngelände. Dieses Gebiet schmiegt sich derartig eng an die englische und französische Küste an, dass der Schifffahrt nur eine schmale Gasse an der englischen Küste zum Befahren übrig bleibt. Diese Gasse führt zu den Downs, dieser englischen Zwingburg zur See. Wer die Strasse von Dover passieren will, wird von den Herren dieser Zwingburg angehalten, ausgefragt und allerlei Willkür- und Zwangsmassnahmen unterworfen.

In dem Buche von George F. S. Bowles „The strength of England“ heisst es wörtlich: „Auf der Fähigkeit Englands, den gesamten Weltseeverkehr dauernd in Fluss zu halten, beruht seine Friedensstärke; die Fähigkeit, diesen Verkehr willensmässig zu unterbinden und unterbunden zu halten, ist die wahre Quelle und das grosse Geheimnis seiner erstaunlichen Stärke im Kriege.“ Der Handelsmechanismus, wie er noch bis Kriegsausbruch lediglich gut funktionierte, klappt absolut nicht mehr. England kann seine Rolle, grosse Teile des internationalen Handels durch den Londoner Apparat der City auf dem Wege der Bankier- und Versicherungstätigkeit zu kontrollieren, nur teilweise aufrechterhalten. Dafür hat England auch in diesem Kriege wieder den physischen Zwang eingeführt, der durch die Zwingburg zur See in den Downs ausgeübt wird. Die See verbindet alle Völker, die an sie angrenzen; Tausende von Schiffen fahren alljährlich westlich oder östlich von den Goodwin Sands, einer der Hauptverkehrsstrassen der Welt, vorbei, und die britische Kriegsflotte, die für ihr eigenes Land die ungestörte Seehandelsfreiheit aufrechterhalten soll, übt gegenüber anderen Ländern, die neutral sein wollen, einen Despotismus zur See aus. Die Downs liegen von wichtigen britischen Kriegshäfen nicht weit entfernt; auf der einen Seite sind Sheerness und Chatham und auf der andern ist Portsmouth leicht zu erreichen. Die Bedrohung

Ihr  
Film



Isochrom

man  
kann sich stets  
darauf  
verlassen!



der neutralen Handelsschiffahrt durch britische Schiffsgeschütze soll stets gegenwärtig sein. Die Schiffahrt wird in eine Seegasse gezwungen, wo die Zwingherren dauernd auf der Lauer liegen, um neutrale Fahrzeuge anzuhalten und zu durchsuchen.

Grossbritannien ist andererseits nicht imstande, der neutralen Schiffahrt eine sichere Passage auf den Schiffahrtsstrassen in der Nähe der britischen Küsten zu gewährleisten. Darum kümmert es sich weniger; die Hauptsache ist, den Schiffsverkehr aufzufangen und rigorosen Kontrollen zu unterwerfen. Vor und

nach der Kontrolle werden die neutralen Schiffe ihrem eigenen Schicksal überlassen und müssen dann auf Wegen, die englischer Minen verdächtig oder durch englische Minen gefährdet sind, weiterfahren. Zu ihrem Entsetzen müssen neutrale Schiffe immer wieder die Erfahrung machen, dass selbst diejenigen Strassen, die in der Nähe von britischen Kriegshäfen vorbeiführen, nicht sicher sind.

England beherrscht zwar noch die Zwingburg in den Downs, aber nicht mehr die Meere wie ehemals.

## „Geleitzug an Backbord“

Mit dem U-Boot auf Fahrt / Von Sonderberichter Dr. Wolfgang Frank

Wir hingen auf 20,25 Meter Tiefe. Vom Bugraum sumpte und klappte der Tiefenruderanlasser. Die grünen Vorhänge vor der Kommandantennische öffneten sich. Der „Alte“, der auf seinem Sofa gesessen und ein Auge voll Schlaf genommen hatte, steckte den Kopf heraus: „Frage Uhrzeit.“

„Fünf Uhr.“  
Er rechnete. „In 20 Minuten taucht Boot auf.“

Von vorn und achtern wiederholte sich der Ruf.

Zur festgesetzten Minute begann das Boot zu steigen. Brausend und zischend drückte die Luft das Wasser aus den Tanks. Der lange Stahlisch fing an, im Seegang zu schlingern, nun ein plötzliches Aufrauschen...

„Boot ist raus,“ rief der Leitende, — dann ein ziehendes Sausen, ein Knacken in den Ohren, ein tiefer Seufzer durchs ganze Boot, mit dem die frische Luft hereinströmt. Das Turmluk ist offen.

Schon stand auch der „Alte“ zum Rundblick auf der Brücke. Rein lag die Kimm ringsum, im Süden ein paar wenige federleichte Wölkchen. Die Brückenwache zog auf. Wachoffizier, Wachunteroffizier, zwei Signalgasten. Alle mit besten Doppelgläsern. Jeder auf dem Ausguck nach Flugzeugen, Schiffen und — Torpedolaufläufen. Das Boot schüttelte sanft unter der Einwirkung der laufenden Dieselmachine, die es mit langsamer Fahrt vorantrieb. Die „Ladung“ zum Wiederaufladen des Akkus war angehängt.

Der Kommandant kletterte wieder in den Turm hinab, um noch bis zum Frühstück ein wenig weiterzudrusseln. Kaum hatte er die Augen geschlossen, da schlief er auch. Er hörte nicht, dass der Backschafter nebenan in der Messe mit dem Frühstücksgeschirr zu klappern anfing. Gewohnte, gefahrlose Geräusche. Hätte aber die Maschine ihre Umdrehungszahl verändert oder wäre sonst ein irgendwie ungewohntes Geräusch aufgetreten, er wäre mit unfehlbarer Sicherheit erwacht und in die Zentrale geschossen, geweckt durch den Instinkt derer, die auch im Schlaf noch insgeheim auf Posten sind.

Im Horchraum schaltete der Funker der Wache den Frühnachrichtendienst ein, ehe er nebenan im Funkraum die Kopfhörer umnahm. Einige Minuten erfolgte nichts; er nahm eine Spiegelscherbe und besah eingehend seinen kräftig wuchernden Bart.

Da! Das galt ihm! — Schon warf die Hand Buchstaben aufs Papier, Kolonne für Kolonne. „Na, die haben ja 'n Haufen heute,“ brummte er vor sich hin, „mal sehen, was es Neues gibt.“

Während er noch am Entschlüsseln war, kam die Meldung von der Brücke: „An Kommandant, Rauchwolken an Backbord!“

Der schoss empor, als hätte er den Schlaf nur vorgetäuscht, griff nach der Gefechtsmütze und passierte mit einer Beugung und Drehung, der man vielfältige Übung ansah, das Schott.

„Rauchwolken an Backbord“ lief unten die Meldung durchs Boot, während oben der Kommandant die Brücke erklimmte. Mit gestrecktem Arm wies der Eins-W.-O. nach Südwesten, wo sich winzige schwarze Rauchballen über der Kimm erhoben. „Scheinen mehrere zu sein,“ fügte er hinzu, „vielleicht ein Geleitzug.“

Der Kommandant antwortete nichts, er hatte das Glas vor den Augen. „Tatsächlich,“ sagte er endlich. „Na, den sehen wir uns an.“ Er schmunzelte. „Durchs Boot: Beeilen mit Kaffeetrinken! Boot hat Geleitzug an Backbord, setzt sich zum Angriff vor.“ Schallend kam die Wiederholung aus dem Turm.

„Lassen Sie beide Maschinen ‚Halbe‘ (Fahrt) gehen, Kurs zunächst auf die Spitze des Geleitzuges.“

Er kletterte wieder hinab in die Zentrale und vertiefte sich in die Karte. Mit dem Zirkel Distanzen prüfend gab er seinen neuen Kurs zur Brücke hinauf.

Durchs Boot zog der Duft frischen Kaffees. Im Bugraum hockten schon die Freiwächter auf den Kojen. Man war beengt, aber Gewohnheit lässt vergessen. Aus dem Bugraum erklang Gelächter und fröhlicher Streit. Im Turm versammelte sich ein stetig wechselndes Tabakskollegium; hier allein war das Rauchen erlaubt, hier entwickelten sich unter mächtigem Qualm die Meinungen, Gerüchte und Parolen, ohne die ein richtiges Bordleben undenkbar wäre.

Der Vormittag kroch dahin, viel zu langsam den Ungeduldigen, die den Angriff nicht erwarten konnten.

Ganz unerwartet kam der Alarm. Die Glocken schrillten durchs Boot, Lampen leuchteten auf. Wie reife Früchte vom Baum purzelten die Brückenwächter in die Zentrale. „Turmluk ist dicht.“

Schon rauschte das Wasser in die Tauch tanks, das Boot neigte sich, der Zeiger im Tiefenmanometer kletterte, dann war das Boot durchgependelt.

„Schraubengeräusch an Backbord — Zerstörergeräusch an Backbord.“

„Ruhe im Boot! Schleichfahrt!“ gibt der Kommandant.

„Auf x Meter gehen.“

Atemlose Stille im Boot. Da! — Nun hört man ihn sogar mit blossen Ohr! Jitjijitjijit — ekelhaft! Dann schwirrt und klingelt er über uns dahin. Wenn sie jetzt nicht kommen, die Wasserbomben, — wenn sie jetzt — jetzt — nicht kommen...

„Zerstörergeräusch wird schwächer, wandert nach Backbord voraus!“

„Uff!“ sagt der Zwo-W.-O. „Wenn der gewusst hätte...“

Unser Boot ändert Kurs, zackt ein Stück ab und taucht wieder auf. Reine Luft ringsum. Nun gehts mit grosser Fahrt auf Anlaufstellung. Gelegentlich zeigen kleine, schwarze Rauchballen hinter der Kimm, dass der Geleitzug brav seinen Kurs hält.

Endlich kommt das „Auf Tauchstationen!“, und das Boot bezieht seine Lauerstellung.

Wieder sickern die Minuten, unterbrochen durch lakonische Meldungen.

Zuweilen gibt der Kommandant durchs Boot, was ihm das für Sekunden ausgefahrene Sehrohr zeigt. Er zählt fünf Zerstörer, einen davon als Spitzenreiter, einen an Backbord des Geleitzuges, drei gestaffelt an Steuerbord. In der Mitte „Dampfer die dicke Menge“.

Der Kommandant: „Torpedowaffe Achtung! Bugrohre bewässern.“

Völlige Stille herrscht im Boot. Erwartung und Ruhe. Jeder Mann hat seine Gefechtsstation inne. Die Mündungskappen der Rohre werden geöffnet; kaum hörbar flüstern die Torpedobedienungen ihren „Aalen“ zärtliche Wünsche zu.

Plötzlich zwei helle scharfe Detonationen. Wasserbomben? Sind wir gesehen? Fliegerbomben?

Die Stimme des Kommandanten: „Schnell auf x Meter gehen!“

Blitzschnell sinkt das Boot und schon hören wir, wie es ringsum über uns schaufelt und quirlt. Der Geleitzug geht genau über uns hinweg. Hat er uns gesehen? Versucht er, uns zu rammen? Dann müssten doch Wasserbomben kommen! — Aber es bleibt still.

„Auf Sehrohtiefe gehen!“ Langsam hebt sich das Boot. Dem Kommandant zeigt ein kurzer Blick durchs Sehrohr, dass er schräg hinter seinem Geleitzug steht.

„Beide Maschinen grosse Fahrt voraus! Steuerbord fünfzehn!“

Die E-Maschinen singen und pfeifen, das Ruder kommt auf, drei Rohre werden „klar“ befohlen und „klar“ gemeldet, und in das jubelnd durchs Boot gebrüllte „Los!“ hinein stürzen schon alle Mann voraus, um den Auftrieb auszugleichen, der durch das Ausstossen des Torpedos im Vorschiff entsteht. Gleichgültig, ob man sich die Knochen zer-

bügel! Strahlen von spritzendem Seewasser, schwitzende, begeistert strahlende Gesichter, tief herabgebückt unter die niedere Decke, und dann der Befehl: „Auf x Meter gehen!“

Rasch senkt sich das Boot, seine Aale laufen ihren tödlichen Weg auf die gestaffelt fahrende letzte Kolonne des Geleitzuges zu. Immer noch kreist der Zeiger der Stoppuhr. Fehlschüsse? Ist die Laufzeit schon um?

Und dann bricht die Detonation durchs Boot, hart, hell und schüttelnd. Gleich darauf eine zweite. Dann ist wieder alles still.

Wir bleiben im Keller; denn von achtern kommt ein Zerstörer herauf. „Der Feger“, wie wir ihn nennen, der den Geleitzug von hinten sichern soll. Soll...

„Was meinen Sie, waren das Treffer?“ fragt der Kommandant.

„Einwandfrei,“ entgegnet der Torpedomaat und lacht.

## Putz umfloßt

### Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Alemnã)

Berlin, 6. — Der Sprecher des Auswärtigen Amtes teilte ausländischen Journalisten mit, dass Deutschland, wie immer, auch hinsichtlich der Beschlagnahme italienischer Kohlenschiffe durch England über die Haltung Roms genau auf dem Laufenden gehalten wird.

Berlin, 6. — Von der nordamerikanischen Kriegsmarine wurden die Nachrichten deutschfeindlicher Agenturen dementiert, wonach ein deutsches U-Boot den britischen Dampfer „Southgate“ in der amerikanischen Sicherheitszone angegriffen habe.

Amsterdam, 6. — Der englische Tankdampfer „San Florentino“ (12.842 t) ist 19 Meilen nördlich des Feuerschiffs „Longships“ bei Land's-End aus einem Geleitzug torpediert worden.

Berlin, 6. — In Anbetracht des immer grösseren Tonnagemangels der britischen Oeltankerflotte wird jetzt in England die Treibstoffgewinnung aus Steinkohle propagiert. Bekanntlich haben sich die Briten über die bereits seit Jahren auf diese Weise durchgeführte Oelversorgung in Deutschland bis zu diesem Kriege lustig gemacht.

Berlin, 6. — Eine Verordnung des Ministerrats für die Reichsverteidigung verbietet die Tätigkeit aller Organisationen der polnischen Volksgruppe im Reich.

Königsberg, 6. — Das berühmte alte Rathaus der ostpreussischen Hauptstadt ist einem grossen Schadenfeuer zum Opfer gefallen.

Berlin, 6. — Der „Völkische Beobachter“ weist Lügenmeldungen der holländischen Presse über Beschiessung neutraler Dampfer durch deutsche Seestreitkräfte zurück und stellt fest, dass die Ritterlichkeit deutscher Soldaten eines der elementarsten Prinzipien deutscher Soldatenehre ist. Der deutsche Soldat müsse auch vom Neutralen in seiner schwierigen Aufgabe geachtet werden. Im gegenwärtigen Kriege werde um die höchsten Ideale gekämpft und daher bestreite Deutschland den Neutralen jedes Recht zu Angriffen auf die deutsche Ehre.

Amsterdam, 6. — Der russische Botschafter in London hat gegen die Aufbringung des Sowjetdampfers „Selenga“, der mit einer Ladung Wolfram von Wladiwostok unterwegs war, im Namen seiner Regierung Protest eingelegt.

Amsterdam, 6. — Die englische Zeitung „Daily Herald“ berichtet von neuen schweren Ausschreitungen in Jerusalem und Tel-Aviv; über beide Teile wurde der Kriegszustand verhängt.

Rom, 6. — Papst Pius XII. ordnete den Bau von Luftschutzräumen in der Vatikanstadt an. Ausser den Bewohnern sollen die Kunstschatze des Heiligen Stuhls gesichert werden.

Rom, 6. — Die griechische Regierung hat bei der englischen Gesandtschaft in Athen gegen die Kontrolle ihres Seehandels durch England Einspruch erhoben.

Rom, 6. — Der italienische Schnelldampfer „Rex“ führt auf seiner gegenwärtigen Reise nach Nordamerika 7774 Kilo Gold an Bord. Das Gold kommt aus der Schweiz und aus Holland und ist angeblich zur Bezahlung verschiedener Lieferungen bestimmt.

Washington, 6. — Otto von Habsburg, der seine Thronhoffnungen immer noch nicht aufgegeben hat und sich zurzeit auf einer von Juden und deutschfeindlichen Katholiken organisierten Propagandareise durch die Ver-

einigten Staaten befindet, ist vom Präsidenten Roosevelt zu einer „unpolitischen Tasse Tee“ eingeladen worden. An dem Empfang im Weissen Haus nimmt auch Ottos Bruder Felix, der sich ebenfalls in den USA propagandistisch betätigt, und der nordamerikanische Botschafter in Paris, Bullitt, teil.

Newyork, 6. — In aller Heimlichkeit ist das grösste Schiff der Welt, der englische 86.000-Tonnen-Passagierdampfer „Queen Elizabeth“ nach Newyork gebracht worden, wo er nach britischer Ansicht sicherer liegt als in englischen Häfen. In Amerika hat dieser britische Entschluss, der sogar als Heldentat gefeiert wurde, grösste Ueberrasschung ausgelöst.

Buenos Aires, 6. — Bei Teneriffa kam es zwischen einem französischen und einem britischen Handelsdampfer, die sich gegenseitig für deutsche Frachter gehalten hatten, zu einem schweren Granatwechsel. Vierzehn Franzosen wurden getötet und viele andere schwer verletzt.

### Flieger — ganz phantastisch

Berlin, 7. — Zu den britischen Meldungen, dass ihre Bomber in der vergangenen Nacht 1600 Kilometer weite Strecken über deutsches Gebiet zurücklegten, wird von zuständiger deutscher Seite erklärt: „Erkundigungen bei den deutschen Stellen haben ergeben, dass ein englisches Flugzeug tatsächlich an der äussersten Nordecke Deutschlands die deutsche Küste gestreift hat. Alle anderen Flugzeuge sind bereits in der Gegend von Helgoland abgewiesen worden. Es kann die Welt erfreuen zu hören, dass das Flugzeug die ungeheure Strecke von 1600 km fliegen musste, um derartige militärische Erfolge zu erzielen.“

Berlin, 7. — Alle Gerüchte über die Auflegung einer deutschen Kriegsanleihe werden als unzutreffend bezeichnet. Nach Ansicht des Reichsfinanzministeriums wird auch bei der nationalsozialistischen Kriegsfinanzierung das Hauptgewicht auf die steuerliche Seite gelegt werden.

Berlin, 7. — In Bochum, Westdeutschland, fand die Trauung — in Vertretung — des Matrosen Adolf Wildmann von dem ehemaligen Panzerschiff „Admiral Graf Spee“, gegenwärtig in Argentinien interniert, mit der 19jährigen Deutschen Emma Rosukat statt. Diese Handlung fand auf dem Standesamt in Uebereinstimmung mit der kürzlich von der deutschen Regierung erlassenen Verfügung statt, welche diese Form von Trauungen für Angehörige des Heeres und der Ma-

rine gestattet, wenn diese nicht persönlich zu der Trauung erscheinen können, weil sie in den Reihen des Heeres stehen. Die Braut hatte vor dem Standesbeamten Platz genommen, während auf dem ihr zur Seite stehenden Sessel ein Militärhelm gelegt war, welcher symbolisch den Grund des Nichterscheins des Verlobten andeuten sollte. Als Trauzeugen traten der Vater des Bräutigams und der Vater der Braut auf.

Berlin, 7. — Die deutsche Presse brandmarkt den grenzenlosen Hass britischer Parlamentarier gegen Deutschland. So hat der Abgeordnete Thomas Moore den Vorschlag gemacht, deutsche Besatzungen, die ihre Schiffe versenken, einfach auf hoher See ertrinken zu lassen. In der „Daily Mail“ wurde angeregt, die in England internierten Deutschen durch Polen bewachen zu lassen. Wörtlich heisst es in dem Blatt: „Es ist darauf zu wetten, dass niemand am Leben bleibt, und diese Methode würde es uns gestatten, unsere Jugend an anderen kriegerischen Unternehmungen einzusetzen.“ Der Abgeordnete Wedgewood schlug im Abgeordnetenhaus vor, man solle die über See abgestürzten deutschen Flieger einfach ertrinken lassen. Die deutschen Gefangenen müssten als Geiseln auf englische Schiffe gebracht oder zum Bau von Landstrassen nach Sierra Leone oder Santa Helena geschickt werden. Auf diese Weise könnten die Deutschen, die doch immer Kolonien haben wollten, zum Fortschritt derselben beitragen. — Man tut gut daran, derartig masslos zynische Auslassungen nicht zu vergessen.

München, 7. — Reichsstudentenführer Dr. Scheel hielt in München vor 6000 Studenten und Professoren eine Rede, in welcher er bekannt gab, dass 85 vH. der Studenten des Sommersemesters 1939 unter den Waffen stehen. Von den Führern des NS-Studentenbundes sind 93 vH. an der Front.

Amsterdam, 7. — Der amerikanische Botschafter in London, Joseph Kennedy, ist wieder auf seinen Posten zurückgekehrt. Er wird an den Besprechungen des Unterstaatssekretärs Summer Welles mit den englischen Regierungsverantwortlichen teilnehmen.

Brüssel, 7. — In Paris hatte Summer Welles Unterredungen mit dem Präsidenten der Republik Lebrun, mit dem Ministerpräsidenten Daladier und anderen französischen Politikern.

Genf, 7. — Der Zeitung „Petit Deauphinois“ zufolge muss Frankreich in diesem Jahr wenigstens 200.000 Arbeiter aus seinen Kolonien ins Land holen.

Rom, 7. — Nachdem die Engländer 16 italienische Dampfer mit deutscher Kohle aufgebracht haben, sieht Italien mit überlegener Ruhe der Weiterentwicklung der gespannten Lage zu.

Kopenhagen, 7. — Auf der dänischen Insel Langeland wurden Flugblätter in deutscher Sprache gefunden. Man nimmt an, dass die Briten dieselben dort bei Nacht und Nebel abgeworfen haben, ohne sich um die Verletzung der dänischen Neutralität zu kümmern.

Tokio, 7. — Von den 21 von Bord des japanischen Dampfers „Asama Maru“ durch die Briten heruntergeholteten deutschen Fahrgästen wurden vor einiger Zeit auf Grund des japanischen Protestes neun freigelassen. Diese haben jetzt über Sibirien die Heimreise nach Deutschland angetreten.

### Sozialpolitisches Wochenende

Berlin, 8. — Die europäische Lage sieht sich vor neue Ereignisse gestellt: Reichsaussenminister von Ribbentrop ist im Sonderzug nach Rom abgereist. Er wird dort mit dem Duce, mit Aussenminister Graf Ciano und mit dem Papst sprechen. England hat auf den italienischen Protest hin von 16 aufgeführten Kohlenschiffen bereits 13 wieder freigegeben. Zwischen Finnland und Russland sind durch schwedische Vermittlung neue Verhandlungen angebahnt worden. Eine finnische Abordnung hat sich zwecks Vorbereitung von Friedensverhandlungen nach Moskau begeben. In London und Paris herrschen masslose Enttäuschung und blinde Wut, dass es immer noch nicht gelungen ist, in Skandinavien einen neuen Kriegsschauplatz zu errichten.

Berlin, 8. — Der Tagesbericht des Oberkommandos der Wehrmacht spricht nur von örtlicher Artillerietätigkeit an der Westfront. Der Einsatz der Luftwaffe beschränkte sich auf Erkundungsflüge sowie auf den Angriff eines britischen Geleitzuges an der englischen Ostküste. — Der holländische Frachtdampfer „Counselor“ (5078 t) sank an der britischen Nordwestküste.

Berlin, 8. — Der frühere finnische Staatspräsident Per Svinhufvud ist von Kopenhagen im Flugzeug in Berlin eingetroffen. Der finnische Politiker wird anschliessend nach Italien weiterreisen.

Berlin, 8. — Die „Essener Nationalzeitung“ schreibt zur Reise des Reichsaussenministers nach Rom: „Europa steht am Vorabend eines historischen Wandels, wie ihn nicht jede Generation erlebt. Weder Deutschland noch Italien werden es zulassen, dass reaktionäre Kräfte mit ihren veralteten Mitteln und ihren Allianzen den Neuaufbau Europas zu hintertreiben trachten und die Gedanken der jungen nationalen Staaten zum Scheitern bringen.“

Amsterdam, 8. — Wie in den meisten mitteleuropäischen Staaten ist jetzt auch in Holland das Buch des Emigranten Rauschnig „Gespräche mit Hitler“ verboten worden.

Berlin, 9. — Der deutsche Botschafter in Moskau, von der Schulenburg, hat im Namen der Reichsregierung dem Aussenkommissar Molotow zu dessen 50. Geburtstag Glückwünsche ausgesprochen. Reichsaussenminister von Ribbentrop sandte ein Telegramm.

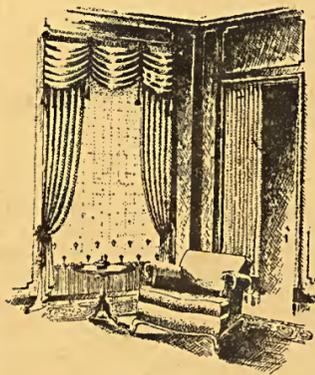
Berlin, 10. — Seit Kriegsbeginn hat England 32 Tankschiffe mit 230.125 Tonnen verloren. Ausserdem wurden 14 nichtenglische Tanker versenkt, welche im Dienste der Westmächte standen. Die Tankschiffverluste betragen 10 vH. der gesamten englischen Oeltankerflotte.

Amsterdam, 10. — England verlor gestern den Dampfer „Chevychase“ (2719 t); den Dampfer „Maindy Hill“ (1918 t); den Dampfer „Ashley“ (1323 t); den Dampfer „Bortwick“ (1097 t); den Dampfer „Thurston“ (3072 t); Frankreich verlor den Frachtdampfer „SNA 1“ (2679 t).

Berlin, 10. — Wie die „Berliner Börsenzeitung“ berichtet, hat Otto von Habsburg bei seiner Ankunft in Newyork Pressevertretern einen „Plan zum Wiederaufbau Europas“ vorgelegt, welcher in Zusammenarbeit mit Chamberlain und Daladier sowie der ehemaligen tschechischen und polnischen Regierung ausgearbeitet worden ist. Otto fügte hinzu, dass man vorher allerdings Deutschland besiegen müsse.

Amsterdam, 10. — Der Londoner „Daily Express“ schreibt zur Ankunft des amerikanischen Diplomaten Summer Welles: „Englands Willkomm für Dr. Welles. England ist hocheifrig, dass der Präsident Roosevelt für die schwere Lage Europas so grosses Interesse zeigt. Mögen die Feststellungen von

## Casa Alemã



Für die

### geschmackvolle Wohnung

das Passende zu finden ist nicht immer leicht

Unsere grosse Auswahl

### in Neuheiten

von

**Teppichen aller Art / Läufern  
Dekorations- und Bezugstoffen  
Polstergruppen / Feinen Möbeln**

enthält aber für Sie das Richtige

Führend auf ihrem Gebiet:

**ABTEILUNG INNENDEKORATION**

**Schädlid, Obert & Cia.**

**Rua Direita 162-190**

Welles den Präsidenten überzeugen, einzugreifen und dadurch die Nationen zu heilen."

Rom, 10. — Reichsaussenminister von Ribbentrop wurde mit seiner Begleitung, den Gesandten Clodius und Freiherrn von Dörnberg, Legationsrat Dr. Schmidt, dem Chef der Presseabteilung und verschiedenen Beamten des Auswärtigen Amtes, auf dem Hauptbahnhof in Rom von Aussenminister Graf Ciano und dem deutschen Botschafter von Mackensen empfangen. Eine zahlreiche Menschenmenge jubelte dem Reichsaussenminister auf seiner Fahrt durch die Stadt zu. — Anschliessend hatte von Ribbentrop mit Mussolini und Graf Ciano in Anwesenheit des deutschen Botschafters eine mehr als einstündige Aussprache, über die strenges Stillschweigen gewahrt wird.

### Empfang v. Ribbentrops beim Papst

Rom, 11. — Reichsaussenminister von Ribbentrop traf in Begleitung des deutschen Botschafters beim Heiligen Stuhl, von Bergen, um 11 Uhr im Vatikan ein, wo er vom Papst in Audienz empfangen wurde. Die Unterhaltung in der Bibliothek des Vatikans dauerte eine Stunde. Nach dem Empfang begrüßte der Reichsaussenminister den Kardinalstaatssekretär Maglione. Der Empfang beim Papst fand nach amtlicher Mitteilung auf Ersuchen des deutschen Botschafters beim Heiligen Stuhl statt. — Um 9 Uhr früh wurde der Reichsaussenminister vom König von Italien und Kaiser von Aethiopien empfangen.

Moskau, 11. — Seit 25 Jahren wurde in Swerdlowsk die deutsche Oper „Zar und Zimmermann“ wieder in der Sowjetunion aufgeführt. Sie errang einen glänzenden Erfolg. Die Oper in Leningrad hat verschiedene Aufführungen von Richard Wagner angekündigt.

Berlin, 12. — „Ich habe meinen Vorgesetzten dieser Tage die Meldung erstatten können, dass von mir aus, was die Versorgung mit Betriebsstoff betrifft, der Krieg noch zehn Jahre dauern kann.“ Diese Mitteilung machte der erst vor wenigen Tagen vom Führer und Reichskanzler zum verantwortlichen Leiter der deutschen Verkehrswirtschaft eingesetzte Generalmajor von Schell vor Vertretern der ausländischen Presse.

Berlin, 12. — Vom Auswärtigen Amt wurde erklärt, dass die Freigabe der italienischen Kohlendampfer durch England während der Fahrt des Reichsaussenministers nach Rom ein völlig wirkungsloser britischer Versuch gewesen ist, die deutsch-italienischen Besprechungen negativ zu beeinflussen. In diesem Zusammenhang wird auch der allgemeine Pessimismus in England erwähnt, welcher angesichts der russisch-finnischen Fühlungnahme zwecks Friedensverhandlungen zutage tritt. In den „Sunday Times“ heisst es, dass die Lage für England in einem Jahr keineswegs

besser sein werde. Zugunsten Finnlands müsse eine energische Intervention gewagt werden, selbst auf die Gefahr eines Krieges mit Russland hin.

Berlin, 12. — Die Verdeutschung der polnischen Ortsnamen in den neuen Reichsgauen Wartheland, Danzig und Westpreussen steht jetzt vor dem Abschluss. Die meisten Ortschaften erhielten ihre früheren deutschen Bezeichnungen zurück. Neubenennungen wurden hauptsächlich nach Männern vorgenommen, die sich um den deutschen Osten besonders verdient gemacht haben.

Rom, 12. — Wie die Nachmittagspresse mitteilt, führte der Kraftwagen des Vatikans, in welchem Ribbentrop zum Besuch beim Papst eingeholt wurde, zwei Wimpel, eines mit den Farben des Vatikans und ein anderes mit dem Hakenkreuz.

Stockholm, 12. — „Aftonbladet“ zufolge herrscht in den baltischen Hauptstädten be-

treffs der russisch-finnischen Friedensverhandlungen Optimismus.

Amsterdam, 12. — Der USA-Diplomat Summer Welles führte am Montag und Dienstag mit den Verantwortlichen der britischen Politik Aussprachen. Voraussichtlich wird er zum Wochenende von London nach Italien zurückkehren, wo er von Neapel aus am 18. oder 19. März nach Newyork abreisen wird.

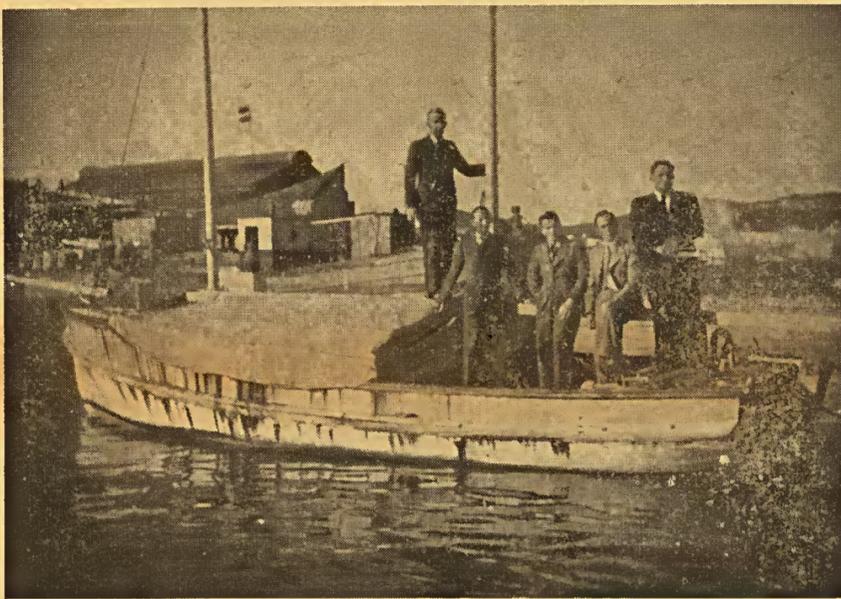
Washington, 12. — In nordamerikanischen Regierungskreisen verfolgt man mit fieberhafter Spannung die Entwicklung der russisch-finnischen Friedensverhandlungen. Dabei wird geäußert, dass Präsident Roosevelt keine Gelegenheit verpassen werde, das Gewicht der USA auch im Interesse einer baldigen Beendigung des europäischen „Hauptkrieges“ in die Wagschale zu werfen. Die Presse spricht von einer sensationellen Friedensaktion, die möglicherweise zunächst in der Herbeiführung eines Osterwaffenstillstandes bestehen könnte.

## Die Reise des Motorrettungsbootes 12 des Schnelldampfers „Windhut“ von Lobito nach Las Palmas

Eigener Bericht für den „Deutschen Morgen“

Fünf Besatzungsmitglieder des D „Windhut“, die Kameraden III. Offz. Albrecht, III. Ing. Ellerbrock, Matr. Gramberger, II. Funkoffiz. Leineweber und II. Offz. Trantow hatten sich dazu entschlossen, die Heimreise in einem Boot von Lobito zu versuchen, zunächst mit dem Ziel Las Palmas zu erreichen.

auch schwach, auch von Norden. Immerhin trafen alle Begleitumstände glücklich aufeinander. Der Kiel wurde durch die Lufttänke im Boot und durch das Gewicht des Motors fast ausgeglichen, die etwas zu geringe Begehung ermöglichte es uns aber, jede Windstärke, die im Passat doch bis zu Windstärke



Von links nach rechts: Ellerbrock, Trantow, Gramberger, Leineweber, Albrecht.

Gut ausgerüstet und mit nötigen Vorräten an Lebensmitteln und Wasser versorgt traten wir am 5. November 1939 die Reise von Lobito ans an. Wir dampften zunächst aus Sicht der Küste, um uns am nächsten Tage in aller Ruhe bei schönem ruhigen Wetter richtig einzurichten und einzuleben. Alle litten an Seekrankheit, da Bootsreisen uns nicht gewohnt waren. Bei fast windstillem Wetter kamen wir kaum vorwärts. Wir litten in dem sehr warmen Wetter sehr an Durst, sodass der berechnete Wasserverbrauch überschritten wurde. Wir entschlossen uns daher, die spanische Insel Annabon im Südatlantik anzulaufen, um dort unseren Wasservorrat zu ergänzen. Am dritten Tage unserer Reise bekamen wir dann guten Wind aus südlicher Richtung, wir näherten uns der Insel mit 100 bis 120 Seemeilen Tagesdurchschnitt. Am 16. November kamen wir dort an, wurden in freundlicher Weise aufgenommen, nahmen Wasser in genügender Menge, erhielten noch Früchte und setzten dann am 19. November, nachdem wir noch einige kleine Veränderungen am Boot und Takelage vorgenommen hatten, unsere Reise fort. Wir teilten uns in Wachen ein, lösten uns alle sechs Stunden ab, Kamerad Ellerbrock sorgte für unser leibliches Wohl und hielt mit unseren Vorräten gut Haus. Wir hatten uns inzwischen schon sehr gut eingelebt, ein kleiner Skat am Nachmittage brachte uns über die Langeweile hinweg, das Wetter und der Strom waren zunächst sehr günstig, wir segelten auf dem Äquator entlang. Etmale von 100, 120 bis einmal sogar 150 Seemeilen trugen zu guter Stimmung viel bei. Auf etwa 13 Grad westlicher Länge wurde dann nach NW. weitergefahren mit Kurs auf die Kapverdischen Inseln. Unter der richtigen Voraussetzung, dass in dieser Jahreszeit der SO-Passat weit nach dem Norden reicht und der NO-Passat ziemlich weit nach Süden reicht, kamen wir mit vier Tagen Windstille im Äquatorialen Stillengebiet davon. Eine schwere Gewitterbö von einigen Stunden Dauer brachte uns schnell und plötzlich in den NO-Passat hinein. Damit begann der zweite Abschnitt der Reise von Annabon-Las Palmas. Etmale von 72 Seemeilen mussten uns nun genügen, denn schliesslich fuhr das Boot nur Lateinsiegel, sodass wir nicht sehr gut am Winde lagen. Mit zwei Strich Abdrift musste bei dem kiellosen Boot auch gerechnet werden. Der Strom setzte, wenn

6 mit grober, manchmal sogar schwerer See anwächst, gut zu überstehen. Das Boot hielt sich ausgezeichnet. Allerdings gelang es uns nicht, zwischen Kap Verdiche Inseln und dem Festland hindurchzukommen, wir waren gezwungen, westlich von den Inseln herumzugehen. Inzwischen waren wir schon auf 26 Grad West angelangt. Nun wurde Nord gesteuert, es traf auch zu, dass hier der Wind mehr aus östlicher Richtung kam, einmal jedoch zu unbeständig, dann auch wieder aus drei Richtungen von Nord bis Ost zugleich, sodass mit genauer Kurshaltung nicht zu rechnen war. Dieser dritte und letzte Abschnitt war so auch der schwierigste. Wir trafen bei den Kap Verdichen Inseln das Schulschiff „Sagres“ der portugiesischen Marine, dessen Kommandant in freundlichster Weise unseren Proviant ergänzte. Womit wir nicht gerechnet hatten, waren viele Windstillen im Passatgebiet. Endlich erreichten wir doch die Breite von 27 Grad Nord, hatten das Glück, hier Wind aus südwestlicher Richtung anzutreffen, der uns rasch nach Osten brachte, und nachdem nochmals eine kurze Windstille überstanden war, kamen wir dann doch mit Nord bis Nordwest-Winden an die westlichen Kanarischen Inseln heran. Hier war es schwierig, fast unmöglich für unser Boot zu segeln. Die unbeständigen meist aus ungunstigen Richtungen kommenden Winde und der Strom an den Küsten liessen uns nicht vorankommen. Den letzten Vorrat an Brennstoff mussten wir drangeben, um schliesslich an Gran Canaria heranzukommen. An der Südküste von Tenerife hörten wir von einem Fischer von der Möglichkeit, französische U-Boote bei Las Palmas zu treffen. Wir konnten an der Südküste von Gran Canaria noch etwas Benzin hinzukaufen und damit nach Las Palmas hindeampfen. Nach 74 Tagen beendeten wir glücklich und Alle wohlbehalten diesen Abschnitt unserer Heimreise. Hier in Las Palmas mussten wir uns wiederum erst wieder daran gewöhnen zu gehen, denn die Bewegungsfreiheit auf dem Boot war doch zu gering. Die Erlebnisse und Eindrücke dieser Bootsfahrt über den Süd- und Mittelatlantik werden uns unvergesslich bleiben. Haifische waren häufig Begleiter in fast grauenhafter Nähe. Schweinsfische von noch nicht gesehener Grösse wurden gesichtet. Handelsschiffe wurden wenig gesehen, Kriegsschiffe überhaupt nicht.

## Die deutsche Treibstoffversorgung

Eines der Hauptargumente, warum der gegenwärtige Krieg nicht von Deutschland gewonnen werden könne, waren die ständigen Hinweise auf die Verknappung in der deutschen Treibstoffversorgung. Da indessen aus den Heeresberichten beider Parteien ersichtlich ist, dass sowohl die deutsche Luftwaffe sowie die U-Boote sogar in verstärkter Masse zum Einsatz kommen, erscheint es an der Zeit, kritisch-nüchtern Ueberlegungen über den Stand in der deutschen Treibstoffversorgung anzustellen.

Anstelle der allgemein angenommenen Verschlechterung ist tatsächlich eine Verbesserung eingetreten. Die Produktion der deutschen Erdölgruben in der Lüneburger Heide steigt langsam aber stetig an. Die Erdölgruben im ehemaligen Polen sind unter der Leitung der Besatzungsmächte (Swjetrusland und Deutschland) zu höherer Produktion gebracht worden und die Zufuhren aus Rumänien und Russland sind nach wie vor lebhaft. Dazu kommt, dass sich die Ausbeute an synthetischem Benzin im Inland fortgesetzt steigert. Die entschlossene Einschränkung des nicht vordringlichen Kraftwagenverkehrs hat grosse Mengen von Treibstoffen für die Kriegsführung freigemacht. Die Beendigung des Feldzuges in Polen und die verhältnismässige Ruhe an der Westfront haben weiter dazu beigetragen, die deutsche Versorgungsbilanz mit Treibstoffen zu bessern. Von einem Treibstoffmangel kann also nicht gesprochen werden. Im Gegenteil: die Sicherung auf diesem wichtigen kriegswirtschaftlichen Produktionsgebiet ist ein Trumpf in deutscher Hand.

## Die britische Treibstoffversorgung im Kriege

Bei wenigen Produkten ist die Versorgung Englands in einem solchen Masse von der Einfuhr abhängig wie bei den Treibstoffen. Trotzdem ist man in der englischen Öffentlichkeit, von einigen warnenden Stimmen abgesehen, gerade hier so optimistisch, dass es sich lohnt, die Berechtigung zu einem solchen Optimismus näher zu untersuchen.

Eigene Mineralölvorkommen besitzt Grossbritannien so gut wie nicht. Der Verbrauch an Treibstoffen, der in Friedenszeiten mit 10 bis 12 Millionen t an der Spitze der europäischen Verbrauchsziffern (ausser der russischen) stand, muss somit völlig aus der Einfuhr gedeckt werden. Diese Einfuhr verteilte sich in den Vergleichsjahren 1932, 1937 und 1938 auf verschiedene Erzeugungsländer nach folgender Grössenordnung:

	1938	1937	1932
	in vH.		
Niederländ.-Westindien	33,6	36,9	21,6
Iran	19,6	19,4	21,8
USA	17,5	13,0	20,7
Brit.-Westindien (Trinidad)	6,5	4,8	2,2
Irak	4,4	3,8	—
Venezuela	4,3	3,1	1,5
Rumänien	2,9	5,0	10,1
Russland	2,5	2,7	7,6
Uebrige Länder	8,7	11,3	14,5
	100,0	100,0	100,0
davon britisch	7,9	5,2	2,9
nichtbritisch	92,1	94,8	97,1

Zwei Tatsachen werden aus der obenstehenden Tabelle besonders deutlich:

1. Das Schwergewicht der englischen Erdölpolitik verlagerte sich in den Jahren vor dem gegenwärtigen Kriege mehr und mehr nach den mittelamerikanischen Produktionsgebieten, die im Jahre 1938 unter Einschluss Mexikos und Venezuelas über die Hälfte der britischen Einfuhr bestritten. Diese Massnahme ist zu einem grossen Teil der Sorge um die Sicherheit der Zufahrtswege entsprungen, die bei den durch das Mittelmeer führenden Transporten nicht mehr gewährleistet schien. Der Verzicht auf das russische und rumänische Oel fiel dabei leichter als der auf das persische und irakische, weil in den letzten Fällen weit mehr englisches Kapital auf dem Spiele stand. Aus diesem Grunde blieb die Höhe der Einfuhr aus Vorderasien ungefähr erhalten. Jedenfalls zeigt sich schon hier, dass England nicht frei von Beschaffungssorgen ist und dass es sehr wohl die Gefahren kennt, die ihm aus der Blockade von Zufahrtsstrassen erwachsen können.

2. Das Empire kann nur zu einem minimalen Prozentsatz von 7,9 vH. zur Versorgung des Mutterlandes beitragen, der weit überwiegende Teil davon (6,5 vH.) stammt aus Trinidad, während die übrigen Gebiete (Britisch-Indien, Kanada, Nord-Borneo usw.) mit den geförderten Mengen ihren Eigenverbrauch decken oder andere Kunden beliefern.



Dieser kleine Schatz

weiss noch nicht, dass die Diarrhoe eine Gefahr für sein Leben bedeutet. Aber die Mutter weiss, dass sie ihm im Falle von Diarrhoe sofort Eldoformio-Tabletten geben muss. Eldoformio, das unvergleichliche Mittel gegen diese schreckliche Plage.

Gegen die Diarrhoe gibt es nichts Besseres als die bewährten Eldoformio-Tabletten.

Vergessen Sie niemals: Gegen Diarrhoe stets

**Eldoformio**  
Tabletten  
die sowohl Kindern  
wie Erwachsenen helfen.





**Bund der schaffenden Reichsdeutschen**  
UNIAO BENEFICENTE E EDUCATIVA ALEMA  
RIO DE JANEIRO

Unser lieber Kamerad

# Hans Wiedemann

ist am Sonntag von uns gegangen. Im Alter von 60 Jahren noch in französische Gefangenschaft gebracht, konnte ihn auch seine kürzlich erfolgte Befreiung nicht mehr von den erlittenen Leiden erretten. Wir werden sein Andenken in Ehren halten und seinen Tod nicht vergessen!



## DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

**THEODOR WILLE & CIA. LTDA.**  
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

### Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock  
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte  
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

Reparaturen  
sämtlicher  
Uhren  
garantiert



Josef Herold  
Uhrmacher  
Rua da Alfandega, 130

### Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. - Wunderschöne Lage. Grosser Garten. - Mässige Preise.  
Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098  
Inh. N. Neubert

### Bar und Restaurant VICTORIA

Rua 1.º de Março 33 - Tel. 23-4347

Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN

1.ª Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

## Rio-Besucher

befucht

### DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert  
Im ersten Stock Tanz

### Übersetzungen

Dr. Bruno Zander

Bereidigter Übersetzer

Rua 13 de Maio 37, 1. St.

Tel. 42-4668 - Rio.

## Hotel „Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig separate Appartements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro, Rua das Laranjeiras Nr. 486

Telefon: 25-3822

## BAR ALPINO

RIO DE JANEIRO / Rua Gustavo Sampaio 115  
Avenida Atlantica Nr. 142 / Telephon: 47-0939

Angenehmer Aufenthalt / Bayrische Stimmungsmusik / Erstkl. Bar- u. Restaurations-Betrieb / Ww. Karoline Krips

## Casa Germania

RESTAURANT UND BAR  
GEORGII & FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- und Abendessen  
Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 - RIO

(Ecke Barão de Ipanema)

Geöffnet bis 1 Uhr nachts - Telephon 47-0805

## BAR UND RESTAURANT CIDADE HEIDELBERG

GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen  
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag

Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO  
Tel. 23-0658

## Bar und Restaurant FISCHERKLAUSE

Rua Th. Ottoni 126  
RIO - Tel. 43-5178

Deutsche Küche - Brahma-Chopp

Inhaber: Fritz Schade

## Merztetafel Rio de Janeiro

### Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão  
no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:

Rua Quitanda 5 - Tel. 22-5550

### Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Durchfall, Blutarmer, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5

von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung: Tel. 22-9930

Haut- und Geschlechtskrankheiten

### Dr. Paul Cardozo-Legè

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Preiswert Kölnisch Wasser Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

### Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

## MIRAMAR-PAQUETÁ

(Barca-Seite links) Telephon 206

Hotel / Bar / Restaurant

Lutige Zimmer / Vorzügliche Wiener Küche

Mässige Preise / Grosser Garten für Picnics usw.

Einziges deutsches Hotel am Platze

Da die in eigenem Besitz befindlichen Rohölquellen bei weitem nicht ausreichen, verstand es die britische Kapitalpolitik, die Friedensversorgung durch die Ausbeutung nicht-britischer Produktionsgebiete sicherzustellen. Rechnet man alle Versorgungsquellen, die unter britischer Hoheit stehenden wie die vom britischen oder halb-britischen Kapital ausgebeuteten, zusammen, dann erscheint die Lage Grossbritanniens zunächst in weit günstigerem Lichte.

1. Britisches Reich	49,8
2. Verbundene Länder (Irak u. a.)	34,0
3. Neutrale Länder	305,0
Insgesamt	388,8

Weltproduktion 1.966,6  
Britisch-Holländischer Anteil 19,8 vH.

Es scheint ein leichtes, innerhalb der britischen Interessengebiete die rund 90 Millionen Barrels aufzubringen, die Grossbritannien im Frieden einführt. Auch der Kriegsverbrauch, der auf das Dreifache des Friedens-

verbrauchs geschätzt wird, mit einer demnach auf rund 250-300 Millionen Barrels zu beziffernden Höhe könnte noch ohne weiteres aus diesen Gebieten gedeckt werden. Auf der Grundlage dieser Tatsachen riet im Februar

### PETER JURISCH

RECHTSANWALT

RIO DE JANEIRO - CAIXA POSTAL 136  
EDIFICIO ODEON, SALA 809

1938 der von der britischen Regierung seinerzeit berufene nach seinem Vorsitzenden genannte Falmouth-Ausschuss von einer stärkeren Betreibung einheimischer Erzeugung auf der Kohlebasis und einer Ausdehnung der Raffinage ab und empfahl, sich weiterhin gänzlich auf die Einfuhr zu beschränken. Nach diesen Ratschlägen verfuhr dann die Regierung in der Folgezeit.

In erster Linie ist die britische Treibstoffversorgung damit an das Transportproblem geknüpft. Die bisherigen Erfolge der deutschen Seekriegsführung haben bewiesen, dass man auf britischer Seite doch wohl zu rosig sah. Die Versenkung eines 10.000-Tonnen-Tankers bedeutet ja nicht nur einen Verlust von 10.000 t Ware, sondern, da man im allgemeinen hoffte, ihn im Laufe eines Jahres z. B. auf dem atlantischen Transportwege nach Mittelamerika etwa achtmal einzusetzen, den Verlust von damit 10.000 t Ware und 80.000 t Laderaum jährlich. Man mag darauf hinweisen, dass man die grösste Tan-

kerflotte der Welt besitzt, einmal wird doch die Grenze erreicht, von der an der Tonnageverlust empfindlicher gespürt wird. Auch den Neutralen, auf deren Mithilfe in der Heranschaffung der Treibstoffe man sich in England verlässt, wird das Risiko ihrer treuen Dienstleistung immer eindringlicher vor Augen geführt.

Ferner gründet sich der britische Optimis-

mus auf verschiedene Voraussetzungen, die, auf längere Sicht gesehen, leicht in Fortfall kommen können. So erscheint es nicht ausgeschlossen, dass sich die bisher der britischen Ausbeutung ausgelieferten neutralen Produktionsländer dieser oft als drückend empfundenen Kapitalherrschaft unter dem Eindruck der erschütterten britischen Macht entledigen.

### Seldengedenkfeier in der Deutsch-Evangelischen Kirche in Rio de Janeiro

Am 10. März hatte sich in der Deutsch-Evangelischen Kirche eine zahlreiche Gemeinde eingefunden, um unserer toten Helden aus dem Weltkrieg und dem jetzigen Kriege zu gedenken. Besonders zahlreich waren die ehemaligen deutschen Kriegsteilnehmer erschienen. Auch die deutsche Botschaft war durch den Prinzen Stefan zu Schaumburg-Lippe vertreten.

Der Altar war zweckentsprechend mit frischem Lorbeer geschmückt. Mit der Weise „vom guten Kameraden“ leitete die Orgel die Feierstunde ein; worauf dann gemeinsam

das „Niederländische Dankgebet“ gesungen wurde. Als zweiter gemeinsamer Gesang wurde das alte deutsche Schutz- und Trutzlied „Ein feste Burg ist unser Gott“ gesungen. Verschönt wurde diese Feierstunde noch durch zwei Solovorträge von Frau Dr. Möser, nämlich „Dem Unendlichen“ von Fr. Klopstock und der „Morgenhymne“ von H. Reineck, die formvollendet vorgetragen wurden.

Die Predigt des Herrn Pastor Hoepfner war ganz auf die grosse Zeit eingestellt, die wir jetzt durchleben und hinterliess bei allen Anwesenden nachhaltigen Eindruck. F. K.

### Die Rio-Deutschen beerdigen einen Kameraden

„Ich hatt' einen Kameraden!“ Im gleichen Schritt und Tritt trugen wir Hans Wiedemann am 11. März zu Grabe. Hinter dem Sarg schritten seine Kameraden und Freunde, schweigend, mancher verbissen und in sich verschlossen. Es gibt kein Wort, das besser ausdrückt, was wir in dieser Stunde empfinden, als eben das Wort: Kameraden! Sie waren alle da, seine Freunde, die viele Kränze und Blumen mitbrachten und als letzten Gruss auf seinen Grabhügel legten. Die Deutsche Botschaft und die Deutsche Kolonie war bei dieser eindrucksvollen Trauerfeier anwesend. Kamerad Hans Wiedemann fuhr vor Kriegsanbruch nach seiner deutschen Heimat und hat damit seinem so lange ersehnten Wunsch Erfüllung gegeben. Gesund und froh nahm

er von uns für einige Monate Abschied, um dann wieder zu seiner Familie in Rio zurückzukehren. Die Rückreise jedoch musste Kamerad Wiedemann leider ungewollt unterbrechen, indem er trotz seiner 60 Jahre von der Seite seiner Frau vom Schiff geholt wurde und in ein französisches Konzentrationslager geschleppt wurde. Wiedemann wurde in der Gefangenschaft bald schwer krank, und das brachte ihm auch seine Erlösung und die Fortsetzung seiner Reise nach Rio. So früh das Wiedersehen war, so traurig aber auch der Zustand, in welchem Kam. Wiedemann zurückkehrte. Im deutschen Krankenhaus musste Wiedemann untergebracht werden und alle Anstrengungen der Aerzte waren vergebens, er schloss seine Augen für immer.

**SCHUPP**  
DAS DEUTSCHE FACHGESCHAFT  
FÜR EDELSTEINE  
SCHMUCK  
GESCHENKARTIKEL  
RUA MIGUEL COUTO, 42-44,  
FRÜHER: RUA das OURIVES. RIO DE JANEIRO

Nachdem Pastor Floss seiner Pflicht gemäß und den Toten eingesehnet hatte, ergriff Kamerad Steffin das Wort und führte im Namen der umstehenden Kameraden aus: „Kamerad Wiedemann! Nur wenige Monate ist es her, da führst du hinaus, gesund und glücklich an der Seite Deiner lieben Frau und vieler hundert froher deutscher Volksgenossen, um nach langen Jahren die Heimat wiederzusehen und Dich an ihrem Aufstieg zu erfreuen. Und Du fandest die Heimat wieder, im schweren Kampf um ihr Dasein, gegen einen Gegner, dem jedes Gefühl für Menschlichkeit und für Mannesehre verloren gegangen ist, gegen einen Gegner, der sich Lorbeeren holt im Kampf gegen wehrlose Menschen. Und so riss man Dich, als Du als sechzigjähriger Mann friedlich wieder nach Brasilien zurückkehren wolltest, feige und hinterlistig von der Seite Deiner Lebensgefährtin weg und warf Dich in den Kerker. Wer selbst drei Jahre lang in französischer Kriegsgefangenschaft gewesen ist, weiss, was Du gelitten. Als es den Bemühungen der zuständigen Stellen und Deiner vielen Freunde und Kameraden gelungen war, Dir die Freiheit wiederzugeben, da war es zu spät. Du musstest sterben, weil Du ein Deutscher warst. Blindem Hass und ohnmächtiger Wut fielst Du zum Opfer. Kamerad Wiedemann, wir werden Dich nicht vergessen, aber wir werden auch Deinen Tod nicht vergessen. Wir nehmen Abschied von Dir, auch Du starbst für Deutschland!“

F. K.

## Für uns!

Ich trat vor ein Soldatengrab  
Und sprach zur Erde tief hinab:  
„Mein stiller grauer Bruder du,  
Das Danken lässt uns keine Ruh.  
Ein Volk in toter Helden Schuld  
Brennt tief in Dankes Ungeduld.  
Dass ich die Hand noch rühren kann,  
Das dank ich dir, du stiller Mann.  
Wie rühr ich sie dir recht zum Preis?  
Gib Antwort, Bruder, dass ichs weiss!  
Willst du ein Bild von Erz und Stein?  
Willst einen grünen Heldenhain?“  
Und alsobald aus Grabes Grund  
Ward mir des Bruders Antwort kund:  
„Wir sanken hin für Deutschlands Glanz.  
Blüh, Deutschland, uns als Totenkranz!  
Der Bruder, der den Acker pflügt,  
Ist mir ein Denkmal wohlgefugt.  
Die Mutter, die ihr Kindlein hegt,  
Ein Blümlein überm Grab mir pflegt.  
Die Bäblein schlauk, die Dirnlein rank  
Blüh mir als Totengärtlein Dank.  
Blüh, Deutschland, überm Grabe mein  
Jung, stark und schön als Heldenhain!“  
Walter Flex.

## Acht Jahre „Deutscher Morgen“

Unsere Wochenzeitung feiert am 16. März den 9. Geburtstag. Es war seit jeher Brauch, diesen Tag in einer rückschauenden Betrachtung zu erwähnen und unsere Arbeit auf die vor uns liegende Zeit auszurichten. In diesem entscheidungreichsten Jahre der neuen Völkergeschichte fassen wir uns aber benuzt und ohne Gefahr um unseren Weg kurz: Wir können dem Marschschritt unseres Jahrhunderts nicht entraten. Wir sagen immer wieder: Gelobt sei, was da hart macht und verdammt, was verweichlicht. Wir wollen diese Spalten stets der Wahrheit und gradlinigen Charakterhaltung freihalten und aus ihnen alle billige egoistische Kompromissfreudigkeit bannen. In diesem unverrückbaren Trachten wollen wir den 8. Jahreshand des „Deutscher Morgen“ abschließen und den 9. Jahrgang mit dem Leitpruch beginnen, den uns ein alter Freund unserer Wochenzeitung gerade in diesen Tagen übermittelte:

Wer heute noch beiseite steht  
Im blinden Unverstand  
Und läßt dem Schicksal seinen Lauf  
Und rührt nicht seine Hand  
Und hilft nicht mit am großen Werk  
Und packt nicht herzhast an;  
Wer seines Volkes Nöte sieht  
Und sagt was gehts mich an;  
Wer seinen Bruder tragen läßt  
Viel Lasten, riesenschwer,  
Und läßt sich selber gar nichts auf  
Und trottelt nebenher;  
Wer heute nur von Rechten spricht  
Und niemals von der Pflicht,  
Der ist ein ehrvergessener Lump  
Ein Deutscher ist er nicht!

## Porque proseguir nesta guerra, que derrotará certamente os Aliados?

Bruxelas, 14 (T.-O.) — Em seus comentários sobre a assinatura da paz na Finlândia, a imprensa desta capital protesta contra a acusação feita pelos aliados, de que a culpa pela capitulação nesta guerra cabe á Suecia, a quem acusam de não haver permitido a passagem de tropas franco-británicas por seu território.

Diz o jornal «Pays Reel» que a Suecia foi o unico paiz que ajudou fraternalmente a Finlândia, enviando-lhe voluntarios em numero de 3.000 homens, cujo chefe perdeu a vida nas trincheiras finlandezas. Além disso, durante todo o periodo da guerra, enviou-lhe auxilios financeiros, cujo total ascendeu a 800 milhões de francos.

Entremettes, Daladier e Chamberlain, limitaram-se a proferir frases boatas e a lamentar profundamente os acontecimentos.

Passando a outra ordem de comentarios, diz o articulista, que a paz na Finlândia encerra a segunda etapa da luta na Europa, etapa tambem perdida pelos aliados, que contam em seu passivo com a primeira derrota: a guerra na Polonia.

Dadas essas demonstrações de «agilidade

politica», surge agora a terceira fase, cujo destino certamente não inspira maior confiança, pois que seu organizador é ainda o heroico sr. Chamberlain, artifice de todas as derrotas anteriores.

Após terminado o conflito na Finlândia, parece fora de duvida que os aliados não entraram na guerra para defender os direitos dos povos pequenos, e sim para conservarem sua hegemonia sobre a Europa. Acontece, entretanto, que tais derrotas vem eles sofrendo, que não pode enganar a ninguém a sua falta de influencia e prestigio nos Estados do centro e do este europeu. Resta-lhes apenas perguntar:

Porque proseguir nesta guerra, que derrotará certamente os aliados?

Diz o jornal catolico «Vingtieme Siecle»: «Os Estados escandinavos podem agora respirar livremente, pois que, segundo tudo indica, acham-se salvos dos horrores da guerra. Nada se sabe, todavia, si a Alemanha aproveitar-se-á da paz, ou si a aproveitar-á para organizar uma ação militar de grande envergadura para uma campanha no oeste.

## Aufbau einer umfassenden brasilianischen Jugendorganisation

Der Bundespräsident unterzeichnete am 8. März ein Dekret, das grundlegende Bestimmungen über die Erziehung der Jugend in Brasilien enthält. Daraus seien hier folgende Artikel genannt:

Kapitel II — Von der Gründung der „Juventude Brasileira“.

Artikel 5 — Es wird eine nationale Institution mit dem Namen „Juventude Brasileira“ gegründet, die dazu bestimmt ist, inner- und ausserhalb der Schulen die bürgerliche, sittliche und körperliche Erziehung der Jugendlichen und der Kinder im schulpflichtigen Alter zu dem Zwecke zu fördern, um dazu beizutragen, dass jeder Brasilianer in Beherrschung seines eigenen Schicksales in der Lage sei, die Pflichten gegenüber dem Vaterlande gut zu erfüllen.

Artikel 6 — Die „Juventude Brasileira“ wird der Obhut des Bundespräsidenten unterstellt.

Artikel 7 — Die von ihr ausgeübte Erziehung wird die Grundlage und Ergänzung der Erziehung durch die Schule sein und eine Verlängerung der Erziehung durch die Familie. Zwischen der „Juventude Brasileira“, der Schule und der Familie wird ständige Einvernehmen und Zusammenarbeit bestehen.

Artikel 8 — Die „Juventude Brasileira“ wird ständig der nationalen Fahne ihre Ehrerbietung beweisen. Der Ausdruck ihres täglichen Eifers wird die Nationalhymne sein.

Artikel 9 — Als Zeichen ihrer moralischen Einigkeit wird die „Juventude Brasileira“ eine eigene Standarte führen und ein eigenes Lied haben.

Artikel 10 — Die „Juventude Brasileira“ wird alle Kinder zwischen 7 und 11 Jahren und alle Jugendlichen zwischen 11 und 18 Jahren umfassen.

### Pressenzensur aufgehoben

Bald nach seiner Rückkehr von Rio bestimmte der Interventor des Staates São Pau-

lo, Herr Dr. Adhemar de Barros, dass die Dienste der Pressezensur im Staate eingestellt würden. Die Zeitungen und alle von dem Presse- und Propaganda-Amt fiskalisierter publizistischer Unternehmungen haben jedoch die Bestimmungen des Reglements, das vom Presse- und Propaganda-Amt unlängst erlassen worden ist, genau einzuhalten.



Ver-  
eins-  
heim:  
R. S.  
Joa-  
quim  
329

Tele-  
phon:  
7.4657

**Sonntag, den 24. März 1940**

## OSTER-AUSFLUG

nach den Anlagen des Altersheimes in Pinheiros

Für ein kräftiges Eintopfgericht, Kaffee und Kuchen, sowie für Getränke wird aufs beste gesorgt

**Auch der Osterhase hat sein Erscheinen zugesagt**

Der Ordnung halber wird gebeten, sich in der im Vereinsheim aufliegenden Beteiligungsliste bis zum 21. März abends einzutragen

Abfahrten ab Largo Pinheiros um 8—8 30 und 9 Uhr morgens. — Um zahlreiche Beteiligung bitter

DER VORSTAND

## Voller Erfolg des Festes der Villa Marianna-Schule, São Paulo

Wieder einmal herrschte in allen Räumen der bekannten Schule in der Rua Eça de Queiroz und auf ihrem Hof wahre Volksfeststimmung. Es war ein gewaltiges Kommen und Gehen, ein fröhlicher Zeitvertreib,

dessen Zweck den Rahmen einer allgemeinen Unterhaltung sprengte, weil der Erfolg von der Spendefreudigkeit und Gebseligkeit jedes einzelnen Besuchers abhängig war. Wenn in Villa Marianna Schulfest ist, regnet es. Damit



# SÖNKSEN

die Fabrik der feinen Schokoladen u. Bonbons bietet Ihnen die grösste Auswahl in Ostereier und Hasen, Phantasien aus Schokolade und Marzipan, Oster-Geschenkartikel aus Porzellan und Steingut usw. Oster-Geschenkartikel zu billigen Preisen

BEACHTEN SIE DIE AUSSTELLUNG IN UNSEREN FILIALEN:

Rua 15 de Nov. 112 (am Largo Thesouro)  
Av. São João 223 (geg. der Post)  
Rua da Boa Vista 250 (neb. Hotel d'Oeste)

haben aber Veranstalter und Gäste gerechnet, denn während die einen überall für eine gemütliche Unterkunft gesorgt hatten, eilten die andern erst recht in grossen Scharen vom Sonnabendabend bis zum Montagfrüh zum fröhlichen Treiben, zu Trunk und Tanz, indem sie sich vielleicht sagten, dass diese kameradschaftliche Zusammenkunft an einer historischen Schauplatzstätte die letzte im Ausland ist. Wer weiss, wie viele von den Festteilnehmern das nächste Mal noch dabei sind, wie viele ihre Koffer zur grossen Fahrt über das Meer heimwärts gepackt haben! Ein Jahr birgt in unserer Zeit eine Fülle wichtiger Ereignisse. Das haben wir erlebt und erleben wir weiter. Eins aber wird bleiben: Die Erinnerung an jene Stunden, in denen die Fröhlichkeit nicht zum Selbstzweck organisiert wurde, sondern im Dienst einer planvollen Kulturarbeit stand. Für das grosse Werk der deutschen Mitarbeit am Aufbau Brasiliens sind die Schulfeste ein bereitetes Zeugnis. Diese Feste sind ein fester Begriff geworden, sie wurden vielfach nachgeahmt und erfreuen sich heute naturgemäss der brasilianischen Wertschätzung. Diese Feststellungen treffen auch für Villa Marianna zu. Gross war wieder die Zahl der selbstlosen Spender, Helfer und Freunde. Nicht unerwähnt möchten wir besonders die mitwirkenden Seelente von der „Windhuk“ und ihre spielfröhliche Kapelle lassen. Auf dem überdachten Hof gab es fast so viel Budenzauber wie drüben beim Schützenfest in einer Kleinstadt, und die verschiedenen Trinkstuben, (auch Bars genannt) im grossen Schulhaus hüten jedem, je nach seiner Börsenkraft, Stimmung aus Gläsern. Während die beiden Abende den Erwachsenen gehörten, vergnügten sich am Sonntagnachmittag die Kinder der Schule, zu deren Unterhaltung nicht zuletzt Ulrich Neises buntes Kasperletheater beitrug.

Unser Bild zeigt für alle übrigen Trinkstuben einen Ausschnitt aus der gastlichen „Erika“. Aufnahme und Zusammenstellung von Fritz Christian, Frankfurt a. M., zurzeit São Paulo. ep.

